

RODRIGO NATHANIEL ARCO E FLEXA

SUPER-HERÓIS DA EBAL

A publicação nacional dos personagens dos 'comic books' dos EUA pela Editora Brasil-América (EBAL), décadas de 1960 e 70

Dissertação apresentada à Área de Concentração Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientação

Prof^a Dr^a Dulcília Helena

Schroeder Buitoni

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, MARÇO DE 2006*

*Versão revisada para digitalização em outubro/novembro de

2006

SUPER-HERÓIS DA EBAL

A publicação nacional dos personagens dos 'comic books' dos EUA pela Editora Brasil-América (EBAL), décadas de 1960 e 70

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada em junho de 2006 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Dulcília Helena Schroeder Buitoni

Prof^a Dr^a Sonia Bibe Luyten

Prof Dr Waldomiro Vergueiro

A finalização da Dissertação, a partir de agosto de 2005, teve o apoio de Bolsa de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

*Para minha orientadora,
Dulcília Helena Schroeder
Buitoni*

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	pág.5
INTRODUÇÃO	pág.11
CAPÍTULO 1	
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ESTUDOS E PESQUISA.....	pág.24
CAPÍTULO 2	
IMPrensa, 'COMIC BOOKS' E O MUNDO DO SÉCULO 20.....	pág.38
CAPÍTULO 3	
SUPER-HERÓIS DA EBAL, ANOS 60 E 70	pág.98
CAPÍTULO 4	
ICONOGRAFIA E IMAGINÁRIO: PUBLICAÇÕES E LEITORES.....	pág.160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pág.201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	pág.207

RESUMO

Estudo sobre a publicação nacional dos super-heróis dos *comic books* dos EUA pela Editora Brasil-América (EBAL) entre meados dos anos 60 e 70. Para tanto, será traçado um panorama histórico, acrescido das coordenadas teóricas que norteiam a análise da iconografia dessas revistas. Houve uma extensa pesquisa iconográfica focalizada nas edições da EBAL, além de levantamento de histórias em quadrinhos de outras editoras e épocas. Mesmo sendo um produto típico da indústria cultural do século 20, as histórias em quadrinhos apresentam inflexões que permitem relacionar arte, cultura, sociedade e imaginário. O estudo inclui ainda entrevistas com leitores da EBAL.

ABSTRACT

Study on the publication in Brazil of American comic books superheroes by Editora Brasil-America (EBAL) from the mid-60's to the mid-70's. With such an aim, work traces an historical panorama to which shall be added the theoretical coordinates guiding the analysis of these magazines iconography. Extensive iconographic research focused in EBAL's publications has been made, besides a survey of comics from other publishing houses and from other decades as well. Even being a typical product of 20th century cultural industry, comics show contradictions allowing to establish relations between art, culture, society and the imaginary. Study also includes interviews with frequent readers of EBAL publications.

PALAVRAS-CHAVE

Histórias em quadrinhos (HQs), Imprensa, Comic, Super-herói, Mídia, Linguagem, Indústria Cultural, Comunicação, EBAL.

***“Realmente,
aconteceu alguma coisa com
os heróis e os super-heróis
de dez anos para cá.
Eles passaram a refletir,
através do mais contundente
meio de comunicação impresso,
as angústias, o medo, as dúvidas,
os desvarios do homem”***

Fernando Albagli, diretor da EBAL, em trecho do artigo “Os Heróis estão na Fossa?” – publicado em maio de 1971 no livro *O Mundo dos Super-Heróis*, Editora Vozes.

Ampliação de quadros de “O Ferrão do Escorpião”, aventura protagonizada pelo *Capitão América*, na qual o super-herói – um ex-combatente da Segunda Guerra “revivido” nos anos 60 – mostra-se incapaz de compreender o mundo da época, tanto em sua fala quanto por meio de sua representação gráfica.

História de Stan Lee. Arte de Gene Colan e Joe Sinnott.

(Revista *A Maior*, 1ª série, nº 5, p. 5, outubro de 1970. EBAL). ►







INTRODUÇÃO

Como os antigos impérios, houve o apogeu e a queda. Assim foi a história da Editora Brasil-América (EBAL), criada em 1945, no Rio de Janeiro, por Adolfo Aizen (1907-1991). Para muitos de seus leitores, em especial aqueles das décadas de 1960 e 70, os protagonistas dessa trajetória não são "apenas" seres comuns, e sim "os mais poderosos do universo". Eles são os super-heróis dos *comic books* - as revistas de histórias em quadrinhos dos Estados Unidos - publicados e difundidos pela EBAL no Brasil ao longo de quase quarenta anos, começando pela revista *Superman*, lançada em 1947.

Entre meados das décadas de 1960 e 70, as publicações da EBAL dedicadas ao gênero vivem o seu auge editorial, com a multiplicação dos títulos estrelados por super-heróis. Trata-se de um processo que não ocorre ao acaso. Este é o período que se torna conhecido, nos EUA, como a "Era de Prata das Histórias em Quadrinhos". Uma época caracterizada pela renovação da linguagem das HQs de super-heróis, tanto em termos gráficos quanto de roteiro. O que acontece apenas uma década depois deste gênero de histórias em quadrinhos ter sido considerado praticamente extinto, em seu país de origem, os Estados Unidos, com o cancelamento da maioria dos *comic books* de super-heróis.

Nos anos 60, novos personagens - *O Homem-Aranha*, *O Quarteto Fantástico*, *Hulk*, um *Capitão América* diferente daquele que lutou na sua Segunda Guerra, entre diversos outros, da Marvel Comics, introduzem aspectos psicológicos e existenciais nas narrativas dos "superseres" das HQs. Os novos títulos, rapidamente, conquistam os leitores, o que provoca, ao longo dos anos seguintes, a renovação estética e de conteúdo dos antigos super-heróis da grande rival da Marvel, a National (depois rebatizada como DC Comics).

Na virada dos 60 para os 70, seus personagens são reformulados, com a introdução de temáticas políticas e sociais, como em *Lanterna Verde* e *Arqueiro Verde*, de Dennis O'Neil e Neal Adams. *Superman* e *Batman* também são renovados, com a elaboração de histórias - tanto em sua forma como conteúdo - mais adaptadas à realidade da época.

As narrativas dos super-heróis dos quadrinhos do período, de variadas maneiras, representam (seja isso intencional ou não) a crise das antigas certezas da luta do "bem contra o mal" - marcada pela Guerra do Vietnã, a revolução de comportamento, o avanço da mídia e da tecnologia sobre a sociedade, entre diversos outros aspectos da sociedade contemporânea.

ADOLFO AIZEN, O EDITOR

A história da Editora Brasil-América é indissociável da trajetória do seu criador e diretor Adolfo Aizen, reconhecido por muitos como o maior editor das histórias em quadrinhos (HQs) no Brasil. Filho de judeus russos, ainda criança, Adolfo Aizen é trazido por sua família ao Brasil, em fuga da perseguição política sofrida na terra natal. No Rio de Janeiro, aos 18 anos, Aizen inicia no jornalismo. Escreve para veículos como *O Globo*, de Roberto Marinho, e *O Tico Tico* (a primeira publicação nacional de histórias em quadrinhos).

O embrião do que viria a ser a Editora Brasil-América começa a se formar em 1933, quando Adolfo Aizen viaja, pela primeira vez, aos Estados Unidos, entusiasmando-se com o sucesso comercial e de público, na imprensa dos EUA, das histórias em quadrinhos (lá conhecidas pela expressão *comics*), as quais eram publicadas em cadernos, suplementos, páginas dominicais e tiras diárias.

Em 1934, Aizen lança o *Suplemento Infantil*, depois rebatizado como *Suplemento Juvenil*, a primeira publicação nacional dedicada a grande parte dos principais personagens dos *comics* de aventura e de ficção-científica dos EUA, como *Príncipe Valente*, *Tarzan*, *Flash Gordon*, *Mandrake*, *Jim das Selvas* e *Dick Tracy*. Nos anos seguintes, publica outros títulos de relevância na história das HQs no Brasil, como *Mirim* e *O Lobinho*.

A Editora Brasil-América é criada em 18 de maio de 1945 por Adolfo Aizen. A primeira revista de histórias em quadrinhos a sair com o selo da editora foi *O Herói* (com aventuras de personagens de aventura, como *Sheena* e *Kionga*).

Em 1947, a EBAL lança seu primeiro título de super-heróis: *Superman*. Nos anos 50, os maiores sucessos da EBAL, ao lado de *Superman* e *Batman* (cuja revista própria é lançada em 1953), são os mocinhos do faroeste, *Tarzan*, além das quadrinizações de romances da literatura mundial.

A EBAL investe ainda na publicação de revistas e álbuns em quadrinhos feitos por artistas brasileiros (ou aqui radicados) sobre fatos da história brasileira, além de adaptações da literatura nacional, sem falar no lançamento de uma quadrinização da Bíblia.

Artistas reconhecidos por sua contribuição na trajetória das HQs no Brasil trabalham para a EBAL, como André Le Blanc, Gutemberg Monteiro, Nico Rosso, Monteiro Filho e Ivan Washt Rodrigues.

Os títulos aqui produzidos são importantes no lento processo de legitimação das histórias em quadrinhos no Brasil. Outra contribuição de Adolfo Aizen é a criação do termo "quadrinizar", o qual é incorporado ao *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Em 1975, Adolfo Aizen recebe, na Bienal Internacional de Quadrinhos de Lucca, na Itália, o "Prêmio Yellow Kid, uma vida dedicada aos quadrinhos".

Ao longo de sua trajetória, a EBAL (orgulhosamente autodenominada como "O Reino Encantado das Histórias em Quadrinhos") compete com os principais grupos editoriais da época. Entre eles, O Globo, de Roberto Marinho, Editora Bloch, de Adolfo Bloch, Diários Associados, de Assis Chateaubriand, Editora Abril, de Victor Civita, e Fundação Gazeta, de Cásper Líbero.

Assim, a história da EBAL, em sua amplitude, confunde-se com a evolução da imprensa no Brasil e seus variados impactos sobre a sociedade.

SUPER-HERÓIS DA EBAL

Entre meados dos anos 60 e 70, a editora multiplica os títulos de super-heróis, publicando no país os renovados personagens do gênero que tanto sucesso fazem nos Estados Unidos. O auge desta época acontece a partir de 1967, quando a EBAL lança os personagens da editora Marvel, dos EUA, como *Capitão América*, *Thor*, *Hulk*, *Namor*, e *Homem de Ferro*, e, posteriormente, *Homem-Aranha* e o *Quarteto Fantástico*.

Os novos super-heróis, sucesso de vendas nos Estados Unidos, trazem para o público nacional uma concepção inédita para as aventuras do gênero, em termos gráficos e de roteiro. São personagens com dúvidas sobre seu papel na sociedade.

"Superseres", dotados de habilidades especiais, como seus antecessores, mas problematizados: com fraquezas e dificuldades comuns "aos mortais", sejam elas as mais banais do dia-a-dia, como a falta de dinheiro para pagar o aluguel, situação típica enfrentada pelo adolescente *Homem-Aranha*. Os chamados super-heróis "neuróticos" da década de 1960 e início dos anos 70 conquistam novas gerações de leitores no Brasil, tornando a EBAL a editora brasileira mais identificada, durante o período, com a publicação nacional dos super-heróis das HQs.

"Os super-heróis tomaram o lugar dos heróis do faroeste", recorda Naumim Aizen, filho de Adolfo que trabalhou como editor da EBAL (em entrevista ao autor, 2003).

A dissertação desenvolvida teve o apoio decisivo para sua finalização proporcionado pelo CNPq.

Seu primeiro capítulo apresenta uma revisão da bibliografia que abrange os fenômenos dos modernos meios de comunicação, assim como dos estudos que abordam as histórias em quadrinhos enquanto uma forma de linguagem com características próprias, as quais permitem sua compreensão de maneira mais específica.

O surgimento dos *comic books* de super-heróis nos Estados Unidos, sua chegada ao Brasil, as reações adversas de diferentes grupos da sociedade e a renovação sofrida pelos super-heróis nos anos 60 e 70 são aspectos abordados no segundo capítulo.

Foi realizado extenso levantamento documental, iconográfico e bibliográfico das revistas da Editora Brasil-América, em especial, dos títulos de super-heróis das décadas de 1960 e 70 - os quais serão abordados especificamente no terceiro capítulo da dissertação.

A análise contextualiza a trajetória da EBAL, propondo a leitura de histórias relevantes lançadas pela editora, o que tem por objetivo discutir as variadas maneiras como imagem e texto combinam-se nas histórias em quadrinhos, representando e assim influenciando a sociedade da época. Para tanto, foi reproduzida, ao longo da dissertação, uma seleção de imagens e ampliações de fragmentos das narrativas gráficas estudadas.

Por fim, o estudo procura relacionar os elementos pesquisados com entrevistas realizadas com leitores das revistas de super-heróis da EBAL, os quais, de alguma maneira, tiveram suas vidas influenciadas por essas publicações. A dissertação dedica o quarto e último capítulo às entrevistas colhidas, destacando comentários dos leitores sobre edições e histórias da EBAL, acompanhados pela iconografia correspondente.

NOVAS OBRAS NACIONAIS DE REFERÊNCIA

Uma das principais lacunas na bibliografia brasileira sobre histórias em quadrinhos está na falta de estudos específicos sobre a trajetória das principais editoras nacionais, assim como sobre a história da publicação de títulos que marcaram sua época.

Durante o período de realização da pesquisa (entre o início de 2003 e o começo de 2006, dentro do programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP) duas obras recentes de autores brasileiros somaram-se à bibliografia fundamental da dissertação, contribuindo em muito para a elaboração do

recorte final do objeto da pesquisa, e dessa maneira para o desenvolvimento do trabalho em seu conjunto.

O primeiro livro foi *Para Re ler os Quadrinhos Disney - Linguagem, Evolução e Análise de HQs* (Edições Paulinas), de Roberto Elíseo dos Santos, lançado em 2002. O autor investiga um gênero particular de HQs, os "quadrinhos Disney", já tachados por estudiosos como meros "veículos de imposição dos valores capitalistas para jovens e inocentes leitores". Nos anos 70, essa crítica foi reforçada pela publicação do livro *Para ler o Pato Donald*, de Ariel Dorfman e Armand Mattelart, o qual afirmava que os quadrinhos Disney eram, na realidade, um mecanismo de "lavagem cerebral" dos mais jovens.

Atualmente essa interpretação é considerada muito mais um fruto do contexto da Guerra Fria, dada a sua preocupação unicamente restrita ao aspecto ideológico dos quadrinhos. Em nenhum momento, a análise levou em conta as possíveis (e, em certos casos, evidentes) diferenças, em variados graus, que existem entre os trabalhos de cada artista que produziu os chamados "quadrinhos Disney".

Para Re ler os Quadrinhos Disney - Linguagem, Evolução e Análise de HQs demonstra como mesmo dentro da rotina industrial de produção das HQs Disney, certos artistas foram capazes de, anonimamente, criar um estilo, uma forma de representação gráfica com características próprias, enfim uma "narrativa de autor".

O caso mais conhecido é o de Carl Barks, "autor fantasma" (*ghost writer*) dos estúdios Disney, entre os anos 40 e 60, que se tornou reverenciado somente ao final de sua carreira, depois de descoberta de sua identidade por fãs do mundo inteiro. Atualmente, Barks, é reconhecido internacionalmente como autor de uma obra - que combina humor, elementos épicos e

fantásticos - que se destaca na produção cultural do século 20, entre todas as maneiras de expressão. Uma crônica notável (na forma e conteúdo) do mundo ocidental, em particular norte-americano, das décadas de 1940, 50 e 60.

Roberto Elíseo dos Santos demonstra como Carl Barks não é um caso isolado. Além dele, há diversos outros artistas responsáveis pelos quadrinhos Disney cujos trabalhos destacam-se em meio ao que seria apenas uma linha de produção, como o norte-americano Don Rosa e o italiano Romano Scarpa, entre outros de diversas nacionalidades, como os brasileiros - que sempre trabalharam de maneira anônima - Jorge Kato, Waldyr Igayara, Renato Canini e Carlos Edgard Herrero.

Esta constatação reforçou a idéia inicial da elaboração deste projeto de pesquisa: realizar um estudo de um período particular da produção de HQs no Brasil. A época escolhida foi então a que se estende de meados dos anos 60 e 70, justamente o momento em que as publicações de super-heróis da EBAL vivem seu auge, influenciando o imaginário de tantos leitores (entre eles, do autor do projeto).

Os chamados "super-heróis dos quadrinhos" também são costumeiramente vistos de maneira depreciativa, indiferenciada, como um subproduto da indústria de entretenimento. Mas, ao longo da história (o que será desenvolvido nos próximos capítulos), houve roteiristas e desenhistas que produziram *comics* de super-heróis que vieram a se tornar, décadas depois, artistas de reconhecida contribuição na cultura do século 20, em seu sentido mais abrangente. São nomes como Jack Kirby, Stan Lee, Neal Adams, Jim Steranko, Gil Kane, John Romita, Curt Swann, Steve Ditko, Gene Colan, Wally Wood, Murphy Anderson, entre muitos outros.

No Brasil, entre os anos 60 e 70, justamente a época em que esses autores renovaram os *comic books* de super-heróis, a EBAL foi a grande editora nacional de suas histórias. Neste período, a EBAL publicou os principais personagens do período, conquistando novas gerações de leitores brasileiros.

Apesar de viver problemas financeiros, neste tempo, a EBAL foi a grande editora nacional dos *super-heróis* dos *comic books* dos EUA, com dezenas de títulos protagonizados pelos superseres dos quadrinhos.

Assim, com a definição do recorte do tema da dissertação, tornou-se necessária sua contextualização histórica. Entender a publicação dos super-heróis dos quadrinhos pela EBAL nos anos 60 e 70 dentro de um universo maior - que é o da trajetória da EBAL e sua contribuição para o desenvolvimento da imprensa e do mercado de publicações do Brasil, o que abrange diversas particularidades e conflitos inerentes a este processo editorial.

Ao final de 2004, houve o lançamento do livro-reportagem *A Guerra dos Gibis - a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*, do jornalista e escritor Gonçalo Junior.

Trata-se de um trabalho que veio ao encontro das necessidades acima relacionadas, sendo de enorme valia para o desenvolvimento da dissertação e sua contextualização histórico e editorial.

O livro analisa o papel de Adolfo Aizen no cenário da evolução da imprensa nacional, em seus variados desdobramentos e impactos em meio à sociedade, em particular, o preconceito e a censura aos quadrinhos. Em seus propósitos, é a maior

investigação sobre a história dos quadrinhos no Brasil já realizada.

O livro mostra, apoiado em inúmeras reproduções de jornais, como o debate em torno da publicação de HQs, entre as décadas de 1940 e 60, tornou-se uma polêmica nacional. O tema ganhou manchetes com acaloradas posições a favor e contra os gibis. Nomes de peso participaram do debate: Gilberto Freyre e Jorge Amado, do primeiro lado da trincheira, e Carlos Lacerda e Samuel Wainer, do outro. O autor revela como a "guerra dos gibis" foi utilizada por diversos grupos da mídia, os quais se aproveitaram das críticas aos quadrinhos para desacreditar concorrentes. A obra abrange as tentativas de regulamentação do mercado de HQs no Brasil, as diversas normas e códigos de censura adotados pelas próprias editoras para sobreviverem, encerrando a pesquisa em 1964, ano do golpe militar no país.

ETAPAS DA PESQUISA

A análise, fundamentada em bibliografia específica sobre histórias em quadrinhos, é acompanhada de uma contextualização histórica e cultural, estudada em obras que refletem sobre a comunicação e o desenvolvimento das mídias impressas no mundo contemporâneo.

Trata-se de uma bibliografia qualitativa, que selecionou elementos formais e de conteúdo que representam as características dos super-heróis das histórias em quadrinhos - em particular, as contradições de seus personagens (sejam essas intencionais ou não).

Algumas histórias são citadas mais de uma vez devido à recorrência de comentários sobre as mesmas durante as entrevistas realizadas para a dissertação.

A pesquisa procurou ainda relacionar a análise das revistas do período estudado com depoimentos de leitores dessas publicações, os quais se reconhecem, hoje em dia, influenciados (de variadas maneiras) pelos quadrinhos de super-heróis da EBAL.

A dissertação tem como proposta a leitura de histórias lançadas pela EBAL, no período focado, que sejam relevantes em relação à apresentação de elementos gráficos e de roteiro que demonstrem as mencionadas características dos personagens da época (então inéditas nas histórias em quadrinhos): super-heróis indecisos, com problemas e fraquezas humanas.

Foram realizadas entrevistas com pesquisadores e editores para contribuir em termos de informações e de reflexão crítica.

Ao longo da a dissertação, é reproduzida uma seleção de imagens escolhidas entre a extensa bibliografia de revistas pesquisadas (da EBAL, de concorrentes, edições estrangeiras e reedições de histórias do período).

A iconografia escolhida abrange ampliações de fragmentos de quadrinhos até a reprodução de seqüências de páginas, de acordo com a relevância dos elementos ali presentes.

O capítulo 4 é o resultado da seleção e edição de dezenas das entrevistas realizadas, as quais são sempre acompanhadas de uma iconografia correspondente, escolhida a partir das referências fornecidas pelos depoimentos - em relação a tramas, personagens, artistas, além de diversos outros elementos constitutivos das histórias em quadrinhos.

As diferentes experiências vividas na leitura dos personagens, colhidas de acordo com a evolução das entrevistas, resultaram na idéia de se elaborar um quarto capítulo para a dissertação,

em seqüência ao desenvolvimento de toda a análise apresentada pelo trabalho em seus três capítulos.

A proposta, levada adiante, foi a de dar "voz integral" aos leitores entrevistados, proporcionando assim a evocação de um variado imaginário iconográfico, significativo para a contextualização visual do estudo realizado. Assim, aparece uma pluralidade de vozes, leituras e imagens que deixaram diferentes marcas.

Além das entrevistas, o quarto capítulo reproduz ainda alguns parágrafos do texto que se tornou a epígrafe da dissertação: o artigo "Os Heróis estão na Fossa?", de Fernando Albagli, diretor da EBAL. A argumentação de Albagli é aqui acompanhada pela reprodução integral das três páginas das quais foram extraídos os três quadrinhos publicados ao lado da epígrafe.

QUADRINHOS, INDÚSTRIA E CULTURA

A difusão mundial dos *comic books* é, certamente, um processo que ocorre em escala industrial, submetido a regras comerciais. Da mesma forma que ocorre com o cinema ou qualquer outra forma de entretenimento de massa, os quadrinhos são uma mercadoria cultural, desenvolvida dentro da lógica de obtenção de lucros.

Tal condição, no entanto, não impede que surjam artistas e autores que criam e renovam linguagens, conceitos e temáticas. Esses são aqueles que, trabalhando dentro da rotina produtiva da indústria, descobrem novas possibilidades narrativas (formais e de conteúdo) para os quadrinhos. Assim, influenciam não apenas o desenvolvimento das HQs, mas da cultura em seu sentido mais abrangente.

Muitos desses criadores chegaram ao Brasil justamente por iniciativa da Editora Brasil-América.

Nos anos 60 e 70, período focado na pesquisa, a EBAL difundiu no país as histórias em quadrinhos de nomes como Stan Lee (roteirista que se tornou o pai do chamado "Universo Marvel", que mudou o conceito de quadrinhos de super-heróis nos anos 60); Jack Kirby, artista que, trabalhando em dupla com Lee, atingiu seu ápice de criatividade visual ao desenhar as narrativas de personagens como o *Quarteto Fantástico*, *Thor*, *Capitão América* e inúmeros outros personagens; Steve Ditko (o primeiro desenhista do *Homem-Aranha*); Neal Adams (autor do sombrio *Batman* da virada dos 60 para os 70); Joe Kubert (de *Tarzan* e *Sargento Rock*); Curt Swan (que concebeu a imagem que se tornou mais clássica do *Super-Homem*); Gil Kane (*Lanterna Verde*); John Buscema (de quem a EBAL publicou suas versões para personagens como *Namor* e *Tarzan*), entre diversos outros.

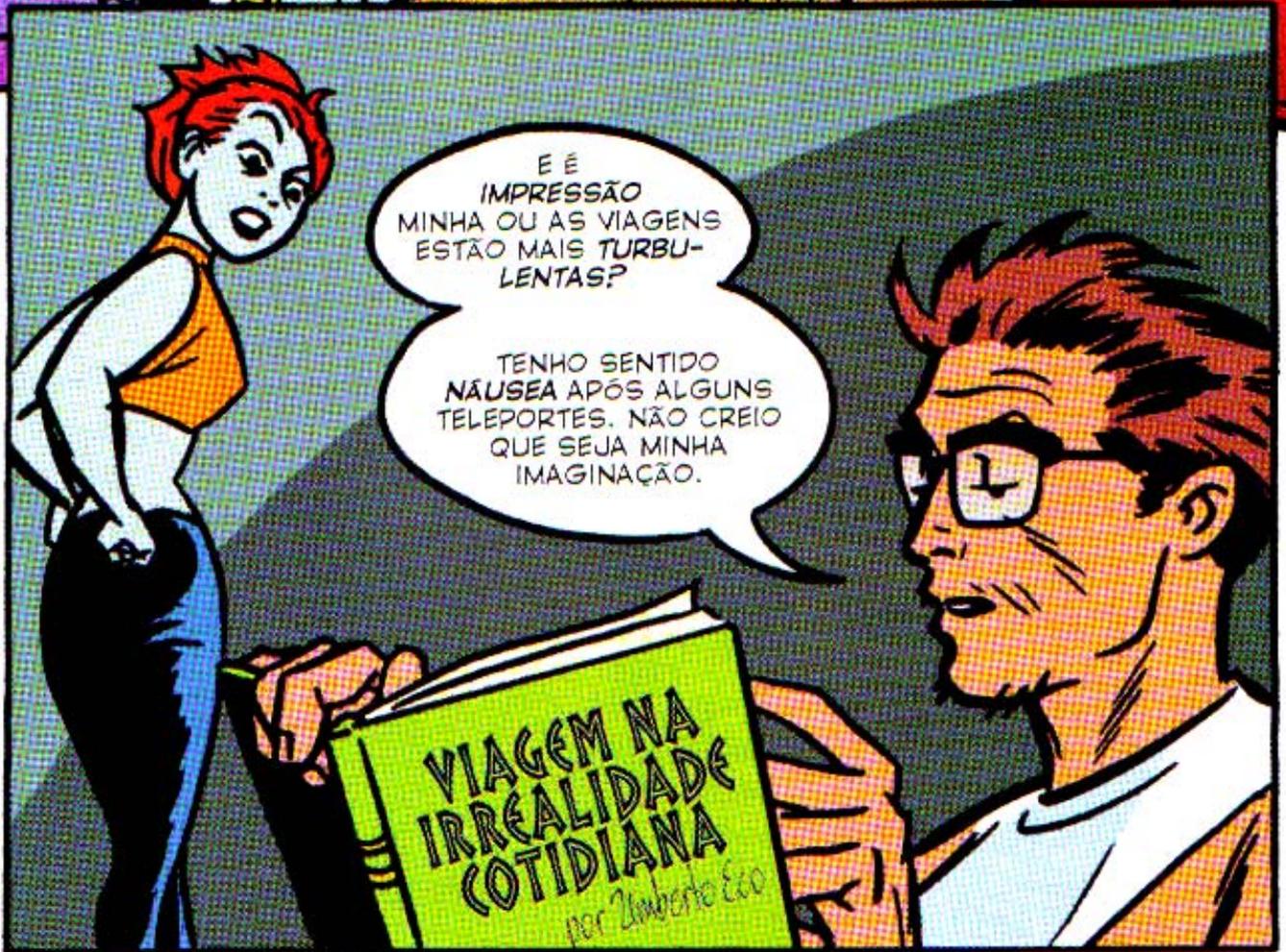
Assim, a EBAL influenciou gerações de leitores, numa trajetória editorial que é discutida na dissertação a seguir.

CAPÍTULO 1

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
ESTUDOS E PESQUISA**

Umberto Eco – um dos principais autores de estudos sobre a comunicação na sociedade contemporânea
– é leitura de personagem de uma história de super-heróis dos anos 2000.

X-Force (*Revista X-Men Extra* 16, p. 56, abril de 2003. Editora Panini Brasil). ►



O Brasil é um dos países pioneiros no estudo e na compreensão das histórias em quadrinhos como uma das linguagens impressas mais relevantes do século 20. Em 1951, em São Paulo, foi realizada a I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, uma iniciativa de jovens artistas e desenhistas aficionados pelas HQs - em sua maioria, "formados" pelo *Suplemento Juvenil* de Adolfo Aizen, entre outras publicações da época.

O grupo foi integrado por Álvaro de Moya, Jayme Cortez (desenhista português radicado no Brasil), Miguel Penteadó, Reinaldo de Oliveira e Syllas Roberg. A mostra colocou em exposição, pela primeira vez no mundo, originais de alguns dos mais importantes autores do período, como Alex Raymond (de *Flash Gordon*), Harold Foster (Príncipe Valente), Milton Caniff (*Terry e os Piratas*) e Al Capp (*Ferdinando*).

O pioneirismo da I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos está registrado em obras de referência sobre o assunto, como a *Historie Mondiale de la Bande Dessinée* (1989),

organizada por Claude Moliterni, com a colaboração de especialistas de variadas nacionalidades.

À época da exposição, aqui mesmo no Brasil, no entanto, não faltaram comentários depreciativos em relação à iniciativa, dada a natureza do tema, os quais tinham as mais variadas matizes ideológicas. "Fomos criticados tanto pela direita quanto pela esquerda", recorda Álvaro de Moya (em entrevista ao autor, 2003).

De acordo com Waldomiro Vergueiro, em "A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade", capítulo inicial da obra *Cultura Pop Japonesa: Mangá e Animê*, organizada por Sonia Bibe Luyten (2005, p.19-20):

"Essa primeira exposição representou o estopim do interesse pelas histórias em quadrinhos no país - alguns de seus organizadores mais tarde se dedicaram ao gênero de forma sistemática. Álvaro de Moya foi o grande destaque como autor de diversos livros sobre quadrinhos e uma extensa produção jornalística, enquanto Jayme Cortez, Reinaldo de Oliveira, Syllas Roberg e Miguel Penteado enveredaram-se para a área de criação de quadrinhos e produção editorial. Nos anos seguintes, vários deles continuaram ligados a eventos sobre quadrinhos e organizaram a participação do Brasil no Congresso Internacional de Lucca, colaborando na organização da exposição de histórias em quadrinhos do Museu de Arte de São Paulo (Masp), realizada em 1970, incentivando a fundação da Associação Paulista de Desenhistas e procurando abrir caminhos para a produção brasileira."

Nos Estados Unidos dos anos 50, assim como no Brasil da época, os quadrinhos eram atacados por grupos sociais conservadores, educadores, políticos e religiosos, os quais diziam que as HQs constituíam uma influência negativa para os mais novos, capazes de levar à "preguiça mental" e "incitar a violência".

A virada dos anos 50 para os 60, internacionalmente, dá início à mudança no entendimento das HQs como uma espécie de subliteratura barata para garotos e adultos iletrados. É essencial, nesse período, o reconhecimento de nomes de peso da

cultura mundial que se confessam grandes admiradores da linguagem dos quadrinhos.

O cineasta francês Alain Resnais, por exemplo - diretor de *O Ano passado em Marienbad*, de 1961, filme que faz referência às histórias de *Mandrake* -, funda, juntamente com outros artistas amantes dos quadrinhos, o "Clube dos Amigos da Bande Dessinée". Também o diretor Federico Fellini e os artistas plásticos Andy Warhol e Picasso declaram seu entusiasmo pelas HQs. Sem falar no Museu do Louvre, de Paris, que realiza mostras de autores de quadrinhos.

Nesse contexto, é importante ressaltar a publicação da obra *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco, que apresenta uma nova abordagem para o estudo da chamada "comunicação de massa", investigando, entre outros temas, as HQs (o autor será mais comentado logo a seguir).

ESTUDOS ACADÊMICOS

No Brasil, ao final dos anos 60 e início dos 70, o Rio de Janeiro torna-se, ao lado de São Paulo, mais um "pólo de atenção aos quadrinhos". Entre outras iniciativas, a Editora Vozes exerce um importante divulgação no debate sobre as HQs e suas variadas relações com a moderna sociedade da comunicação, publicando diversos artigos sobre o assunto na *Revista de Cultura Vozes*, além edições especiais, como "O Mundo dos Super-Heróis", lançada em 1971.

"Entre os participantes dessa revista, dois nomes se destacaram posteriormente pela constância da abordagem do tema. O primeiro deles, Sérgio Augusto, foi um dos primeiros jornalistas do mundo a dedicar-se profissionalmente à crítica de quadrinhos na imprensa diária, e tinha uma coluna especializada sobre o tema no Jornal do Brasil. O segundo, Moacyr Cirne, professor da Universidade Federal Fluminense, centrou seus esforços de pesquisa acadêmica nas histórias em quadrinhos e

revelou-se, ao longo dos anos, um dos mais sérios pesquisadores do tema no país."

(VERGUEIRO, Waldomiro. 2005, p.20)

Ainda em meados da década de 1960, o professor Francisco Araújo cria, na Universidade de Brasília (UnB), a primeira disciplina de graduação do país sobre a linguagem dos quadrinhos. Já na Faculdade Casper Líbero, em São Paulo, em 1969, o professor José Marques de Melo coordena um estudo universitário sobre "Quadrinhos no Brasil: estrutura industrial e conteúdo das mensagens", o qual abrange estatísticas e análise das publicações de HQs das maiores editoras nacionais.

No âmbito da Universidade de São Paulo, ao longo da década de 1970, diversas outras iniciativas do gênero são realizadas, ampliando o território de pesquisa da academia nacional sobre os variados aspectos das histórias em quadrinhos.

No começo de 1970, a professora Sonia Bibe Luyten cria, na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP uma disciplina sobre editoração em HQs, dentro do currículo da graduação em Editoração, que foi ministrada por diversos anos. Nesse período, é responsável também pelo lançamento da revista *Quadreca*, dedicada, entre outros aspectos, ao lançamento de novos autores e quadrinistas.

Ainda nos anos 70, Sonia Bibe Luyten idealiza o Museu de Imprensa Júlio de Mesquita, que abrange também as histórias em quadrinhos. Em 1972, a Escola de Comunicações e Artes da USP realiza a 1ª Semana de Editoração, que teve como tema central as HQs.

Em 1975, a editora Ática publica o livro *Os Quadrinhos (1975)*, de Antônio Luís Cagnin, texto elaborado inicialmente como

dissertação de mestrado em teoria literária, sob a orientação de Antônio Cândido, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. A obra de Cagnin - o qual, posteriormente, ministra aulas na ECA-USP - investiga problemas próprios e formais das histórias em quadrinhos. O objetivo do livro, inédito em sua proposta até então no Brasil, é o de procurar "estabelecer uma sistemática, uma tipologia e uma prática analítica" das HQS.

Ao longo dos anos 70 e 80, a ECA-USP continua a agregar acadêmicos, provindos de diversas áreas, interessados no desenvolvimento da pesquisa sobre as histórias em quadrinhos, como Sonia Bibe Luyten, Antônio Luís Cagnin, Álvaro de Moya, José Marques de Melo e Waldomiro Vergueiro.

"Em 1989, tivemos a idéia de realizar uma 'Semana Batman na ECA', com discussões, exposições e filmes", conta Vergueiro (entrevista, 2003). O evento obtém boa receptividade (desde auditórios lotados até cobertura com destaque pela grande imprensa).

O conjunto dessas iniciativas, ao longo dos anos, proporciona assim a constituição, em 1990, do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O núcleo (um grupo de estudos interdisciplinares sobre HQs) é o único sistematizado do gênero no Brasil, sendo atualmente coordenado pelo professor Waldomiro Vergueiro

Outra iniciativa de importância para a pesquisa nacional sobre HQs ocorre no âmbito da Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com a criação, em 1995 (durante o 18º congresso da instituição), do grupo de trabalho Humor e Quadrinhos, fundado pelo professor Flávio Mário de Alcântara Calazans, que o dirige até 2001. No ano

seguinte, o grupo de trabalho passa a ser coordenado por Moacy Cirne, sendo denominado então como Núcleo de Histórias em Quadrinhos.

O lento processo, por parte da academia nacional, de reconhecimento das HQs como um objeto de estudo de relevância é abordado por Vergueiro (2005, p.15):

"Tradicionalmente, as histórias em quadrinhos foram vistas pelo meio acadêmico em geral como objeto menor de pesquisa. (...) Acusações de leviandade, de peculiaridade e de extravagância podiam ocorrer em função de qualquer pretensão mais séria ao estudar as histórias em quadrinhos. Isso fez com que histórias em quadrinhos e universidades nem sempre se tornassem uma dupla muito dinâmica. Os intelectuais universitários sempre tiveram uma ressalva quando aos produtos de massa. Levaram certo tempo para aceitar os meios de comunicação de impacto mundial incontestável, como o cinema ou o rádio, e para acreditar que pudessem representar um objeto de estudo digno dos bancos acadêmicos ou que pudessem oferecer como resultado verdadeiras obras de arte."

O cenário para os quadrinhos no âmbito universitário,

Depois do longo processo para o reconhecimento da importância do estudo dessa forma de linguagem no Brasil, o cenário atual mostra-se, cada vez mais, com novas perspectivas. Em entrevista (2003), Waldomiro Vergueiro comenta:

"Não foi a academia que abriu espaço para os quadrinhos, mas os estudiosos que forçaram essa abertura. E a universidade ganhou com isso. Pois as HQs são um objeto de estudo que proporciona investigações relacionadas aos mais variados aspectos da sociedade, da cultura à política"

MÍDIA, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E CULTURA POP

A dissertação "Super-Heróis da EBAL" tem como ponto de partida uma bibliografia que aborda os fenômenos da "comunicação de massa" e da "cultura pop". Entre os estudos utilizados, estão

as pesquisas de Umberto Eco, autor de *Apocalípticos e Integrados*. (São Paulo: Perspectiva, 1976)

Em sua análise, Eco demonstra como os produtos da comunicação de massa são mais complexos, e mesmo contraditórios, do que o seu entendimento restrito ao aspecto de veículo de propagação da ideologia capitalista. (1976, p. 19.):

"O que (...) se censura ao apocalíptico é o fato de jamais tentar, realmente, um estudo concreto dos produtos e das maneiras pelas quais são eles, na verdade, consumidos. O apocalíptico não só reduz os consumidores àquele fetiche indiferenciado que é o homem-massa, mas - enquanto o acusa de reduzir todo produto artístico, até o mais válido, a puro fetiche - reduz, ele próprio a fetiche a cultura de massa. E ao invés de analisá-lo, caso por caso, para fazer dele emergirem as características estruturais, nega-o em bloco. Quando o analisa, trai então uma estranha propensão emotiva e manifesta um irresoluto complexo de amor-ódio - fazendo nascer a suspeita de que a primeira e mais ilustre vítima do produto de massa seja, justamente, o seu crítico virtuoso"

Seguindo esta proposta teórica, o texto utiliza-se de estudos como os do norte-americano Douglas Kellner, autor de *A Cultura da Mídia*. Kellner investiga como os variados produtos da indústria cultural proporcionam para o público elementos materiais e simbólicos para a construção de sua identidade social - seja em termos de reprodução de padrões vigentes, seja em termos da sua crítica e transformação.

O autor discute as conseqüências do domínio da cultura veiculada pela mídia sobre a sociedade em geral. Em sua análise, aponta esta forma de produção cultural como algo "novo na natureza humana". A "cultura da mídia" abrange desde os produtos da imprensa (de jornais, revistas a histórias em quadrinhos), passando pelo cinema, vídeo e televisão, até sistemas de rádio e de reprodução de som, além de produtos como CDs e fitas.

Kellner não limita sua análise ao aspecto ideológico inerente aos produtos da indústria cultural. Reconhece sua existência. Mas vai além, investigando outras facetas - simbólicas e materiais - que interagem na relação com o público, o qual, de acordo com a argumentação do autor, tem a capacidade de realizar leituras diversas dos significados originais dos produtos que consome.

Assim, trata-se de um processo muito mais ativo do que passivo. Ou seja, o público apropria-se da cultura de massa ao seu próprio modo, estabelecendo relações que, conforme as circunstâncias, destoam em muito da visão ideológica que se pressupunha. Nessa perspectiva, Kellner reforça a importância de se estudar a especificidade de cada objeto da cultura da mídia, mostrando o risco de generalizações nesse campo de conhecimento.

"(...) A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. No entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes."

(KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. São Paulo: Edusc. 2001, p.11.)

De acordo com essa abordagem, a dissertação também se alinha a trabalhos como o do pesquisador argentino Néstor Garcia Canclini, escritor de *Culturas Híbridas*. Canclini investiga de que maneiras as tradições culturais populares da América Latina, assim como as formas cultas da cultura, se combinam e coexistem com os produtos da chamada modernidade.

Deste processo, segundo Néstor Garcia Canclini, resulta um diálogo complexo e transformador, o qual não pode se restringir ao mero entendimento de imposição de valores simbólicos e ideológicos do modo de vida e de produção dominantes.

Outro teórico que integra os pressupostos de pesquisa da dissertação é o semiólogo italiano Daniele Barbieri, autor de *I Linguaggi del fumetto* (*Los Lenguajes del cómic*, em sua versão espanhola), que estuda as particularidades da linguagem das histórias em quadrinhos e suas relações com outras formas de expressão artística.

Barbieri, em *Los Lenguajes del Comic*, contextualiza seus estudos na concepção de que as linguagens não são meros instrumentos, mas ambientes nos quais nascem e transitam as idéias.

Desta maneira, entre outros aspectos, Barbieri mostra como, por exemplo, os quadrinhos de super-heróis dos anos 60 (os quais introduziram uma nova dimensão psicológica em seus personagens) têm como influência formas de expressão provindas de outras linguagens artísticas, entre elas, o monólogo teatral.

"Quando nasce o Homem-Aranha parece que não lhe falta aquela sorte de problemas (conflitos pessoais do personagem). Sua carreira de herói está sempre entremeada pela marcha de acontecimentos como seus estudos, o estado das finanças, assim como suas paixões. (...) Em suma, o êxito dos novos personagens se deveu em grande medida ao fato deles exporem sua interioridade. Mas para demonstrar que tinham tal dimensão era preciso falar: como personagens de um drama teatral, não tinham outro modo de expressar a própria interioridade do que as palavras. (...) Assim, primeiro de maneira mais incerta, e logo, desde o começo dos 70 em diante, cada vez com maior decisão, os quadrinhos de super-heróis foram preenchidos por monólogos e diálogos que não são diálogos"

Também é destacada a contribuição das pesquisas do escritor espanhol Javier Coma, dedicado, particularmente, ao estudo da "história das histórias em quadrinhos" e do cinema *noir*, que organizou a enciclopédia *Historia de Los Comics*. Da mesma maneira, são referências escritores que versam sobre a temática dos quadrinhos por meio da ficção e do roteiro cinematográfico, como Michael Chabon, autor de *As Aventuras de Kavalier e Clay*, romance que venceu o prêmio Pulitzer (trata-se de uma ficção ambientada em meio ao desenvolvimento da indústria dos *comic books* nos Estados Unidos).

Sobre as especificidades que constituem as histórias em quadrinhos, suas relações com outras formas de linguagem, além de uma investigação sobre as diferentes leituras que as HQs permitem para o público, é ainda relevante para a dissertação a obra *Desvendando os Quadrinhos - história, criação, desenho, animação, roteiro* do norte-americano Scott McCloud, escritor, roteirista e desenhista de comics.

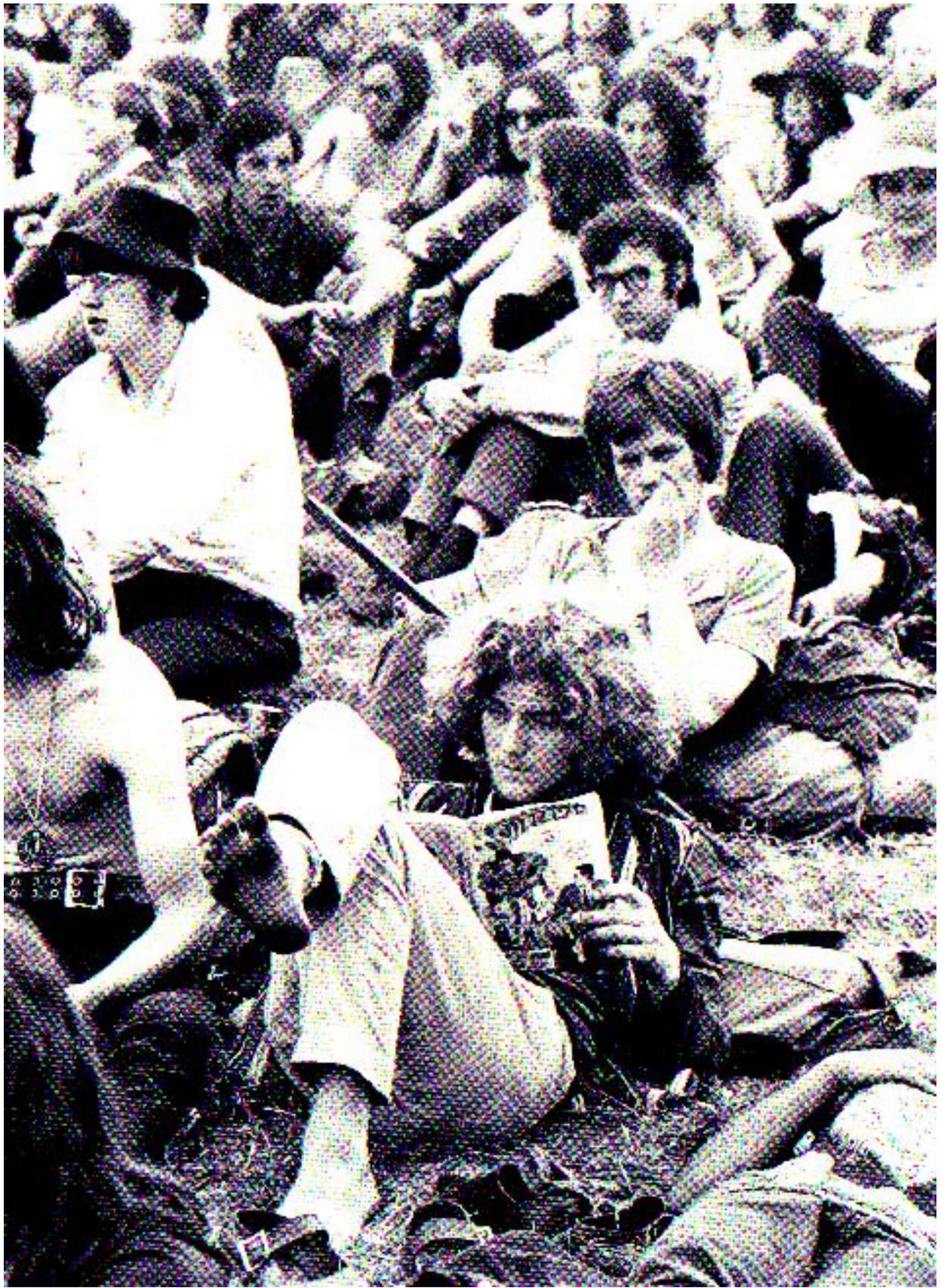
O desenvolvimento da indústria dos *comics* assim como seus impactos nas transformações vividas pela juventude do século 20 é o assunto analisado pelo livro *Comic Book Nation - The Transformation of Youth Culture in America*, de Bradford Wright, obra que contribuiu em muito para a contextualização histórica da indústria dos *comics* e as maneiras como se processam as mudanças nas revistas de super-heróis dos anos 60 e 70, além de analisar sua recepção pela sociedade da época.

CAPÍTULO 2

**IMPrensa, 'COMIC BOOKS'
E O MUNDO DO SÉCULO 20**

Leitura de *Superman* por um hippie em meio a festival de rock nos Estados Unidos na virada dos anos 60
para os 70 - indústria cultural, inflexões e contradições.

(*Comics, Comix and Graphic Novels: a history of comic art*, 1996. p. 74). ►



A origem das histórias em quadrinhos remonta às pinturas rupestres dos tempos pré-históricos. Já a constituição das HQs como uma forma de linguagem com características próprias - tanto artísticas quanto industriais - tem início a partir da criação da imprensa, por Gutenberg.

Em Desvendando os Quadrinhos, Scott McCloud aborda de que maneiras a descoberta dos tipos móveis de Gutenberg proporcionou o desenvolvimento das histórias em quadrinhos.

"A invenção da imprensa (...) é um evento tão marcante na história dos quadrinhos quanto na história da palavra escrita. Com a invenção da imprensa, a forma de arte que servia aos ricos e poderosos agora poderia ser desfrutada por todos."

(McCLOUD, Scott. 2005, p. 16)

Na imprensa europeia do século 18 são publicadas histórias ilustradas e seriadas, versando sobre o cotidiano, a sociedade e a política - as quais são atualmente reconhecidas como as primeiras experiências formais e de conteúdo precursoras das modernas histórias em quadrinhos.

William Hogarth, chargista inglês, é considerado o autor da primeira dessas manifestações. Em 1731, realiza peças ilustradas como *O Progresso de uma Prostituta*, trabalho considerado, de acordo com McCloud, como o "apogeu da sofisticação da história com imagens".

"Apesar de ter poucos quadros, essas figuras contam uma história rica em detalhes e motivada por fortes preocupações sociais". (...) As histórias de Hogarth foram mostradas pela primeira vez como uma série de pinturas e, mais tarde, vendidas como portfólio de gravuras. As pinturas e gravuras eram para ser vistas lado a lado... em seqüência!"

(McCLOUD. 2005, p. 16 e 17)

Outro nome considerado pilar desse processo, de acordo com McCloud, é o escritor e pintor suíço Rudolph Töpffer, "cujas histórias com imagens satíricas, iniciadas em meados do século 19, empregavam caricaturas e requadros - além de apresentar a primeira combinação interdependente de palavras e figuras na Europa".

"Infelizmente, nem o próprio Töpffer conseguiu compreender todo o potencial de sua invenção, tomando-a como um simples hobby. (...) Mesmo assim, a contribuição de Töpffer para os quadrinhos é considerável, pois, apesar de não ser nem desenhista nem escritor ele criou uma forma que era as duas coisas. Uma linguagem própria. (...) As revistas inglesas de caricatura mantiveram vivas as tradições e, à medida que o século 20 se aproximava, as histórias em quadrinhos começaram a florescer num fluxo regular de fantasias que continua até os dias de hoje"

(McCLOUD. 2005, p. 17 e 18)

Angelo Agostini, italiano naturalizado brasileiro, jornalista, pintor e desenhista, é também um dos precursores das histórias em quadrinhos da maneira como são conhecidas hoje em dia.

Em 1864, Agostini começa a desenhar para a revista *Diabo Coxo*, e, em 1866, torna-se colaborador da revista *O Cabrião*. Em 30 de janeiro de 1869, Angelo Agostini publica aquela que é considerada a primeira história em seqüência e com personagem fixo no Brasil: *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, na revista *Vida Fluminense*.

A data é, atualmente, comemorada no Brasil como o Dia do Quadrinho Nacional.

The Yellow Kid (*O Menino Amarelo*), criado em 1896, nos Estados Unidos, por Richard Outcalt, e publicado aos domingos, em cores, pelo *Sunday New York Journal* (jornal nova-iorquino de Joseph Pulitzer), torna-se reconhecido, pelas suas características formais, narrativas e de âmbito industrial, como a primeira história em quadrinhos moderna.

Richard Outcalt, em seu *Menino Amarelo* (como veio a ser conhecido no Brasil), reúne, pela primeira vez, três itens constitutivos da linguagem das histórias em quadrinhos: narração em seqüência de imagens; permanência dos mesmos personagens nas histórias; e utilização da figura gráfica dos balões (que acomodam falas e pensamentos).

Estudiosos dos Estados Unidos, e mesmo de outros países, convencionam denominar a publicação de *The Yellow Kid* como o marco do início das modernas histórias em quadrinhos - embora certos aspectos técnicos ainda sejam alvo de divergências, por exemplo, como o uso obrigatório do balão, elemento não-presente em obras de autores clássicos das HQs como Harold Foster.

De qualquer maneira, a convenção é precisa quanto ao aspecto industrial obtido pela peça de Richard Outcalt, que se torna sucesso de público, aumentando a venda de jornais. *The Yellow Kid* surge, ao final da década de 1890, como mais uma atração de um novo produto lançado pelos grandes jornais rivais de Nova York da época, *Sunday New York Journal*, de Joseph Pulitzer, e *New York Journal*, de William Randolph Hearst.

Trata-se dos suplementos dominicais, com narrativas figuradas semelhantes às da imprensa européia, os quais brigam pela

conquista de um público maior, formado por uma massa de imigrantes considerados "semi-alfabetizados".

O sucesso de *The Yellow Kid*, dessa maneira, é o marco do início de uma nova linha de produção industrial de entretenimento em larga escala, que se desdobra em variadas manifestações ao longo do século 20, até os dias de hoje. Dessa forma, é importante ressaltar a importância do aspecto industrial - em todas suas contradições - para a evolução e a compreensão das histórias em quadrinhos.

"É possível especular que sem a estrutura empresarial (jornais, editoras, distribuidoras - os syndicates) que tornou o quadrinho americano um produto comercial, a narrativa seqüencial impressa não desenvolveria seu potencial (estético, narrativo e mercadológico)."

(SANTOS, Roberto Elísio. 2002, p. 68)

Inicialmente, os temas preferenciais dos autores são dedicados a tramas e conflitos do dia-a-dia da família norte-americana. O humor é uma característica da origem das HQs, daí a expressão *comics*, assim como *funnies*.

Will Eisner, quadrinista norte-americano criador de *The Spirit* - autor por muitos chamado como o "Orson Welles dos quadrinhos" - é o responsável, nas últimas décadas, pela cunhagem e divulgação da expressão "Arte Seqüencial" para uma definição mais adequada, tanto formal quanto em aspecto de conteúdo, para do termo *comics*, tão popularizado nos EUA.

Moacyr Cirne, em seu artigo "Por que ler os quadrinhos", publicado no livro *Literatura em Quadrinhos no Brasil - Acervo da Biblioteca Nacional*, da editora Nova Fronteira (2003), aborda esta especificidade:

"Os quadrinhos, antes de mais nada, são uma arte seqüencial, como diria o mestre Will Eisner. O que isso

quer dizer, exatamente? Quer dizer que são uma narrativa gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam. Entre as imagens, um corte, que chamamos de corte gráfico - de certo modo, o lugar que marca o espaço do impulso narrativo. Esse corte tanto será espacial quanto temporal (aqui, gerando as elipses: um tempo a ser preenchido, muitas vezes, pela imaginação do leitor). A passagem entre uma imagem e outra revelará, se fluente, a marca de um bom narrador, se brusca, para não ser ríspida, ou dura, será eficaz na medida das necessidades temáticos do roteiro e/ou do enredo propriamente dito."

(CIRNE, Moacy. 2003, p. 14).

O consumo dos *comics* se alastra nos EUA ao longo da década de 1920, até que, em 1929, surge o que viria a ser reconhecido como o início dos gêneros de aventura e ficção-científica nas HQs. Em 1929, são lançados pelos jornais dos EUA as histórias de *Tarzan* (adaptadas na forma de quadrinhos por Harold Foster da obra de Edgar Rice Burroghs), e de *Buck Rogers* (concepção de John F. Dille, escrito por Philip Nowlan e desenhado por Dick Calkins).

Em seu artigo "Era uma vez um menino amarelo", no livro *Shazam*, em que faz um síntese crítica sobre a história das HQs, Álvaro de Moya aborda a importância da criação *Tarzan*, *Buck Rogers* e o detetive *Dick Tracy*, lançado logo depois, em 1931, por Chester Gould, na história das histórias em quadrinhos. "Essas três criações de sucesso, *Tarzan*, *Rogers* e *Tracy*, produziram uma reviravolta na história dos quadrinhos, iniciando a chamada *Golden Age* ('Era Dourada') dos *comics*". (MOYA, Álvaro. 1977, p. 43).

Nascem assim os primeiros heróis modernos das HQs, os quais logo são seguidos por muitos outros, de crescente aceitação popular, como *Flash Gordon*, de Alex Raymond, e *Príncipe Valente*, de Harold Foster. Ao longo da década de 1930, as histórias em quadrinhos transformam-se numa indústria de

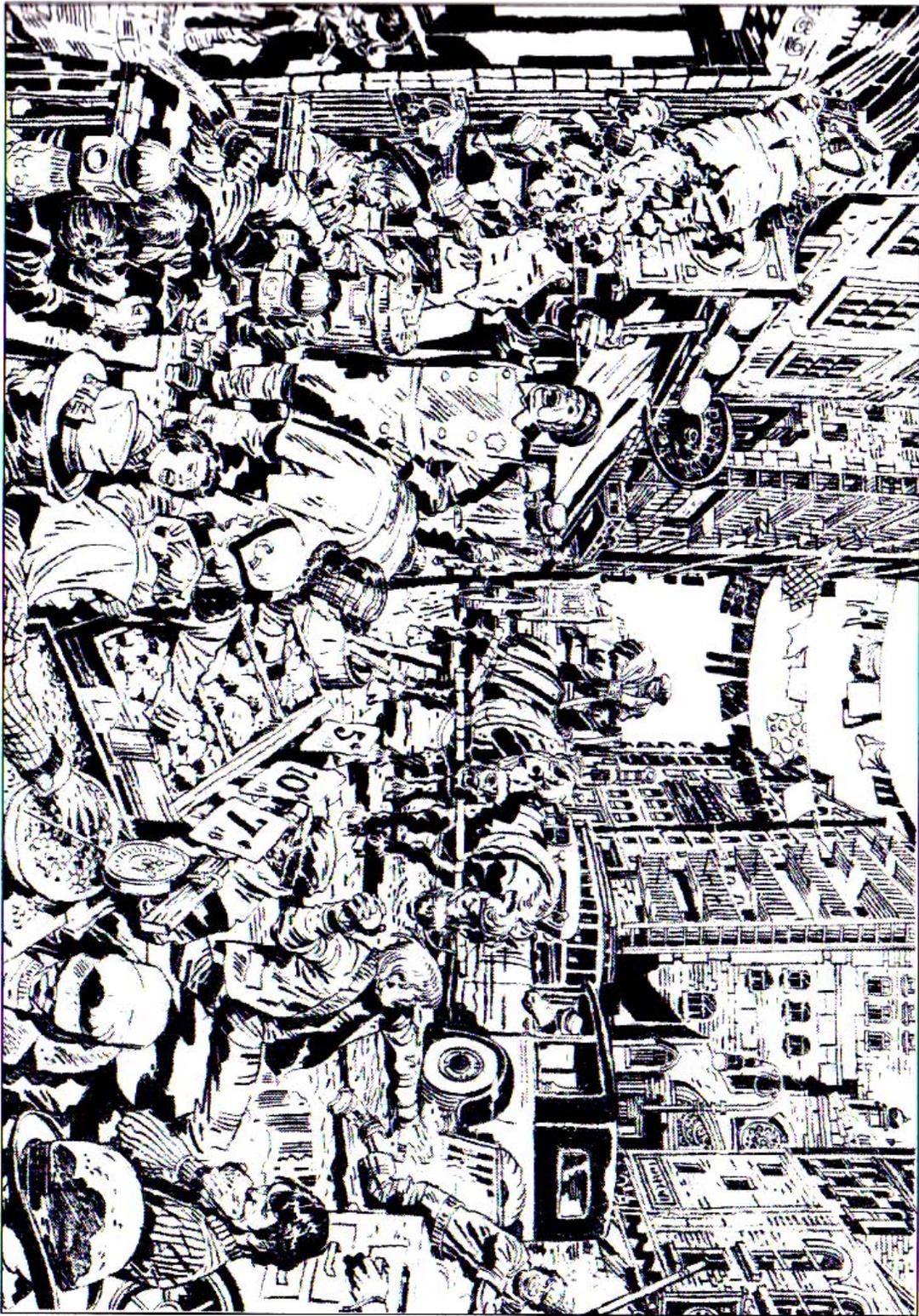
grande produção e concorrência, vendendo entretenimento para sucessivas gerações de jovens leitores.

Desdobramento natural de sua expansão, os quadrinhos distribuem-se em diferentes gêneros de histórias, desde os enredos cômicos sobre dramas familiares, até as tramas de aventura, que se desdobram, por sua vez, ao longo do tempo, em outros gêneros, como ficção-científica, mistério e, a partir do final dos anos 30, "os super-heróis".

Sobre o uso da categoria gênero para definir diferentes conteúdos de histórias em quadrinhos, Roberto Elísio dos Santos, na obra *Para Reler os Quadrinhos Disney - Linguagem, Evolução e Análise de HQs*, destaca que:

"Em se tratando de um produto da Cultura Pop, industrializado e comercial, a História em Quadrinhos consagra determinadas estruturas narrativas, temas, ambientações e elementos iconográficos que são facilmente reconhecidos e reportados a um determinado gênero ficcional"

(SANTOS, Roberto Elísio. 2002, p. 69)



© 1983 Jack Kirby

O Bloco (1983). Nova York, década de 1930: “Em seus últimos anos de vida, Jack Kirby evocou o universo do cotidiano das multidões de imigrantes nas quais ele – e os *comic books* – emergiram. Pelo traço de Kirby um normal dia de comércio na pobre região do Lower East Side ganha contornos de dimensão super-heróica”. (JONES, Gerard e JACOBS, Will. 1997, p. 5. Tradução livre).

TESTEMUNHA E ATOR DE UMA NOVA ERA: ADOLFO AIZEN

Em 1933, nos Estados Unidos, justamente no momento em que entra em ebulição, com todo seu vigor inicial, a indústria dos *comics*, um jovem jornalista do Brasil encontra-se no epicentro da história: Adolfo Aizen.

No início de 1933, Aizen descobre que o Touring Club do Brasil está organizando um cruzeiro para Chicago, onde será realizada uma grande feira mundial - evento patrocinado por clubes de turismo dos EUA para estimular o intercâmbio entre as nações.

Adolfo entra então em contato, insistentemente, com os organizadores do cruzeiro. Sua iniciativa resulta num convite para participar da viagem como assessor de imprensa do Touring. O embarque ocorre na noite de 17 de agosto de 1933, no Rio, movimentando a capital brasileira da época. Aizen acompanha todo o cruzeiro, escrevendo dezenas de reportagens sobre os Estados Unidos.

Depois, estende sua permanência nos EUA, conhecendo Nova York. Aizen logo percebe um bom negócio nos suplementos temáticos que os jornais lançam sobre assuntos como tramas policiais, esporte e temas femininos. Em especial, chama a sua atenção os cadernos com tiras de quadrinhos de aventura, a grande novidade da época.

De acordo com Gonçalo Junior em *Guerra dos Gibis* (2004, p. 24 e 25):

"Um dos seus passatempos do jornalista era bisbilhotar os pontos-de-venda de jornais e revista. Aizen encantava-se com o mercado editorial americano, então impulsionado pelas modernas tecnologias de impressão, que possibilitavam tiragens cada vez maiores em menor tempo. As múltiplas possibilidades gráficas, incluindo o uso da cor nos suplementos dominicais, e o acabamento perfeito

das edições permitiriam o surgimento dos suplementos semanais temáticos, encartados gratuitamente nos jornais - eram bancados por anunciantes. (...) Aizen notou ainda que nenhum caderno fazia mais sucesso que o infanto-juvenil, que trazia curiosidades, passatempos e muitas histórias em quadrinhos, os chamados comics. (...) Impressionou-se com aquele tipo de leitura que era uma obsessão nacional. Todos os grandes jornais tinham suas séries de quadrinhos, principalmente com os heróis de aventuras. Aizen espantou-se ao ver que a continuação das histórias de Buck Rogers e Tarzan eram acompanhadas com ansiedade por uma legião de fãs, como se fossem folhetins. O mais curioso: os comics exerciam fascínio sobre o público de todas as idades, ao contrário do que acontecia no Brasil, onde os raros quadrinhos publicados em revistas como *O Tico-Tico* eram dirigidos às crianças. Aquelas histórias em tiras ou páginas seriadas que ele lia nos Estados Unidos eram desconhecidas no Brasil."

(JUNIOR, Gonçalo. 2004)

Adolfo Aizen volta ao Brasil eufórico para tornar realidade a idéia de lançar suplementos temáticos na imprensa do país. Leva a proposta a Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo*, que não mostra interesse. Aizen persiste com o projeto. E assim nasce, encartado em *A Nação*, o *Suplemento Infantil*, a primeira publicação nacional dedicada aos modernos personagens das HQs, lançando no Brasil as aventuras de personagens como *Flash Gordon*, *Tarzan*, *Príncipe Valente* e *Mandrake*.

Aizen realiza seu sonho com o apoio de João Alberto Lins de Barros, diretor do jornal *A Nação*, integrante do movimento tenentista que levou Getúlio Vargas ao poder em 1930. João Alberto enxerga com olhos favoráveis as novidades sugeridas por Aizen.

Assim, *A Nação*, a partir de março de 1934, começa a publicar suplementos temáticos, entre eles, o *Suplemento Infantil*. Em poucas semanas, o suplemento torna-se um objeto de desejo da garotada. A circulação do jornal aumenta com a venda do caderno de HQs. Mas o rápido sucesso, no entanto, não agrada pessoas ligadas ao jornal *A Nação*, que descobrem, para seu

espanto, que os jovens leitores do *Suplemento Infantil* jogam fora *A Nação* depois de separar seu caderno favorito.

Adolfo Aizen desvincula-se formalmente de *A Nação*, embora continue recebendo apoio financeiro de João Alberto Lins de Barros. Funda então sua própria empresa, Grande Consórcio Suplementos Nacionais, que publica o rebatizado *Suplemento Juvenil*, agora uma publicação independente.

A criação do Grande Consórcio Suplementos Nacionais, no entanto, gerou um problema para Aizen. Uma lei aprovada em 1934 proibira a presença de estrangeiros na direção de empresas jornalísticas.

O impedimento tornou-se um dilema para Adolfo Aizen. Não vendo outra solução, aceitou uma proposta do irmão, forjando uma identidade brasileira. Aizen "tornou-se" assim, para todos os efeitos, nascido no Brasil, em 1907, em Juazeiro, na Bahia.

O jornalista realmente nasceu naquele ano. Mas longe do Brasil, na província russa de Iekatrinoslav (Aldeia de Catarina). Somente três anos depois é que veio para cá, trazido pelos pais, judeus russos que fugiam da perseguição religiosa em seu país.

Adolfo Aizen manteve sua origem em segredo por toda a vida, mesmo entre seu círculo familiar mais próximo. O segredo somente veio a público com o lançamento de *A Guerra dos Gibis*, no final de 2004.

A verdade é que sua família chegou ao Brasil em 1910, num navio de refugiados, desembarcando em Santos. O pai resolveu morar no interior de São Paulo, onde trabalhou como mascate. Pouco depois, uma tragédia marcou Adolfo, ainda aos 7 anos. Seu pai foi assassinado. A mãe levou então os filhos para

morar com parentes na Bahia. Em 1921, foram para Recife, mas antes de completar um ano na cidade transferiram-se para o Rio de Janeiro, onde Adolfo Aizen começou sua carreira.

O *Suplemento Juvenil*, entre meados dos anos 30 e 40, é responsável pela formação de gerações de leitores brasileiros de quadrinhos - os denominados *Juvenilistas*, expressão criada pelo próprio Adolfo em suas publicações. Entre os leitores dessas gerações de juvenilistas, estava o grupo de garotos que, anos depois, em 1951, organizaria a I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, em São Paulo.

'COMIC BOOKS': QUADRINHOS GANHAM SEU VEÍCULO

Nos Estados Unidos, em meados da década de 1930, em meio a acirrada disputa comercial na luta pelo mercado travada entre os grandes grupos da mídia impressa, os quadrinhos tornam-se um elemento estratégico na luta por novos mercados e leitores.

Os editores aproveitam então seleções de *comics* já publicados em jornais, remontando-os para o lançamento em um novo formato editorial, criado na primeira metade da década de 1930, o da revista de histórias em quadrinhos, o *comic book*.

"O comic book nasceu de uma idéia simples, porém revolucionária, pela praticidade de manuseio e também do ponto de vista comercial. Bastava dobrar o tablôide ao meio e grampeá-lo para ter uma revista com o dobro de páginas, mas com custo quase igual - somente algum tempo depois adotou-se uma campa impressa em papel de melhor qualidade."

(JUNIOR, Gonçalo. 2002. p. 66).

Em suas primeiras versões, os *comic books* trazem apenas remontagens de tiras de jornais. Mas a necessidade de novas histórias, porém, leva à contratação de jovens artistas, com o objetivo de produzir material específico para as revistas.

Sem os limites físicos da tira de jornal, o formato de revista para as histórias em quadrinhos significa então um vasto campo de experimentação para essa forma de linguagem, tanto em termos de narrativa visual quanto em aspectos de roteiro e desenvolvimento de personagens.

Naturalmente, muitas das tentativas iniciais de criação de quadrinhos para revistas não são bem-sucedidas. De acordo com o escritor Michael Chabon, autor de *As Incríveis Aventuras de Kavalier e Clay* (romance ambientado em meio ao desenvolvimento da indústria dos *comic books* nos Estados Unidos):

"No início, as revistas em quadrinhos nada mais foram, de fato, do que reedições em coletâneas das tiras mais populares, arrancadas do seu lar nos jornais e espremidas, não sem violência ou tesouradas, entre um par de capas baratas em papel brilhante".

(CHABON. 2002. p. 88)

SUPERMAN E BATMAN

O primeiro personagem que explora eficientemente as novas possibilidades é *Superman* (*Super-Homem*) - um extraterrestre enviado quando bebê para a Terra, onde adquire habilidades especiais, as quais jura usar "em defesa da justiça", na "luta do bem contra o mal".

Embora outros heróis já fizessem sucesso nas tiras de jornais, *Super-Homem* (o primeiro personagem a trazer a expressão "Super" em seu nome) é reconhecido como o primeiro super-herói das HQs. Criado por Jerry Siegel e Joe Shuster, *Superman* dá início a um novo tipo de narrativa para esta forma de expressão.

"O desenhista, Joe Shuster, embora tecnicamente apenas apto, parecia entender desde o início que a grande página retangular da revista em quadrinhos oferecia possibilidades para andamento e composição que eram dificilmente disponíveis nos jornais; juntou três quadros verticalmente em um só, para expressar toda a energia parabólica de um dos saltos entre os arranha-céus que era a marca patente do 'Super-Homem' "

(CHABON. 2002. p. 89-90.)

A empatia de *Superman* com o público é quase imediata, com as tiragens crescendo aceleradamente. Com *Superman*, é dado o início à criação de uma vasta constelação de títulos de *comic books* protagonizados por super-heróis.

O segundo da linhagem é *Batman*, lançado em 1939 (criação de Bob Kane). O personagem não tem superpoderes especiais como *Superman*. Mas é movido pela vingança da morte de seus pais por criminosos, assassinados diante do filho, ainda criança, na saída de um teatro.

Para empreender sua tarefa, usa de sua fortuna (seus pais eram milionários), treina artes marciais, estuda ciências e se prepara como "nenhum outro mortal jamais havia feito para enfrentar o crime".

Bruce Wayne, sua identidade civil (na qual se apresenta como um playboy falastrão), inspira-se num morcego, pelo medo que causaria aos bandidos, para conceber sua identidade secreta e uniforme de super-herói, *Batman*.

A grande diferença entre o novo personagem e *Superman* é que *Batman*, especialmente em suas primeiras histórias, é representado de maneira bastante sombria, em traços que concebem figuras distorcidas e ameaçadoras, o que resulta em tramas com características expressionistas.

Superman e *Batman* surgem, na segunda metade dos anos 30, num momento em que os EUA ainda se esforçavam para superar a depressão econômica da década anterior. Ambos personagens, em suas primeiras narrativas, lutam contra vilões que colocam em risco a "ordem social", como gângsteres e quadrilhas de mafiosos.

Dessa maneira, constituem-se numa espécie de alento para os leitores, que ali encontram uma fantasia escapista e redentora de seu difícil dia-a-dia.

Tanto *Superman* quanto *Batman* são protegidos por identidades secretas, entregando-se assim, de maneira gratuita e anônima (o gesto mais nobre possível) para a realização da justiça. O combate ao crime é feito, assim, de acordo com uma compreensão do mundo absolutamente clara da divisão entre o bem e o mal.

Seguindo o modelo estabelecido pelo sucesso de *Superman* e *Batman*, editores e distribuidores investem no lançamento de novos super-heróis, lançados às dezenas nos anos seguintes.

Entre eles, *Flash*, *Capitão Marvel* e a *Mulher-Maravilha*, a primeira super-heroína, escalada para a "luta do bem contra o mal", capaz de realizar suas tarefas em condições de igualdade com os homens, mesmo aqueles dotados de habilidades especiais.

SEGUNDA GUERRA: QUADRINHOS NO FRONT

Os super-heróis multiplicam-se durante a Segunda Guerra Mundial. Os personagens tornam-se parte integrante e ativa do esforço de guerra Aliado contra o nazifascismo que dominava a Europa. Com o ingresso dos Estados Unidos na Guerra, os super-heróis têm agora como principais inimigos as forças alemãs, italianas e japonesas.

Em suas aventuras, nas quais não existe preocupação com uma representação realista da guerra, as batalhas sempre são vencidas. Os inimigos do Eixo, de variadas maneiras, são desenhados de forma caricata, depreciativa, sendo invariavelmente derrotados em situações humilhantes.

A idéia que norteia a produção é, antes de tudo, elevar o ânimo dos EUA até o fim da guerra.

O personagem que mais representa este período é o *Capitão América*. Seu lançamento ocorre em 1941, na iminência da entrada dos EUA no conflito mundial. Criado pelos artistas Jack Kirby (que décadas depois se consagraria com um dos maiores artistas da história dos *comic books*) e Joe Simon, o *Capitão América* é a resposta imediata das histórias em quadrinhos ao esforço de guerra que mobilizou a sociedade norte-americana durante o conflito mundial.

E assim como *Superman* e *Batman*, luta sob uma identidade secreta, convicto de seus "ideais de liberdade e democracia". O sucesso imediato do *Capitão América* (combatendo primeiro espões de Hitler e, depois, engajando-se na linha de frente de batalha) faz do personagem um item a ser incluído pelo exército nas mochilas dos soldados norte-americanos.

Em sua primeira história, o personagem é caracterizado como um típico rapaz branco norte-americano, que toma a iniciativa de se alistar para lutar contra o nazismo. Magro e fraco, porém, o jovem é rejeitado pelo exército.

Mas ao então "perdedor" (a figura do *loser*, tão difundida nos Estados Unidos) é oferecida uma segunda chance: participar de uma experiência secreta de criação de supersoldados por meio da aplicação de um soro especial.

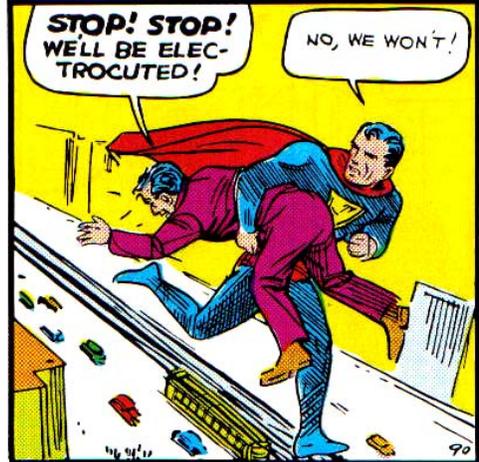
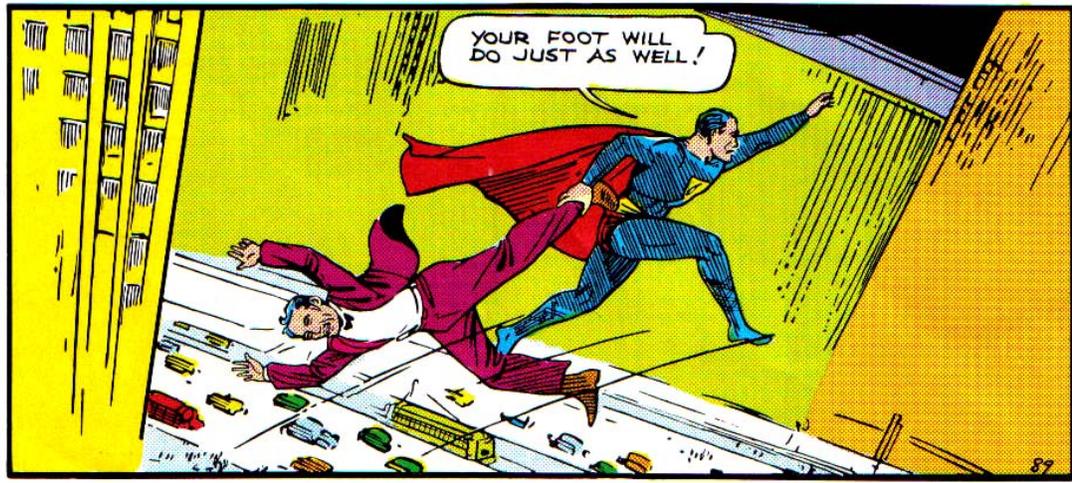
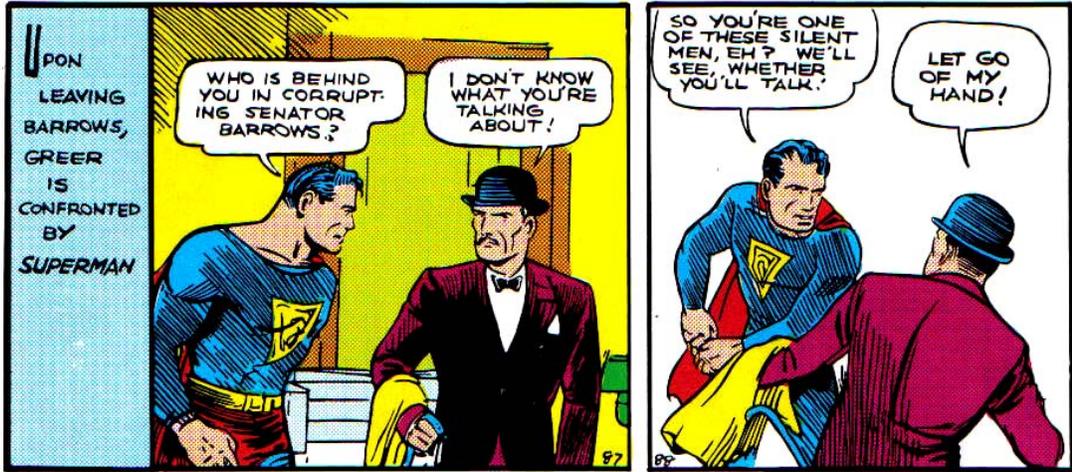
Steve Rogers (o nome civil do futuro *Capitão América*) aceita o desafio. Injetado o soro, seu corpo transformou-se, adquirindo enorme capacidade física, além dos padrões normais. A experiência, no entanto, não tem prosseguimento, pois um espião nazista infiltrado matou o único cientista detentor da fórmula do soro.

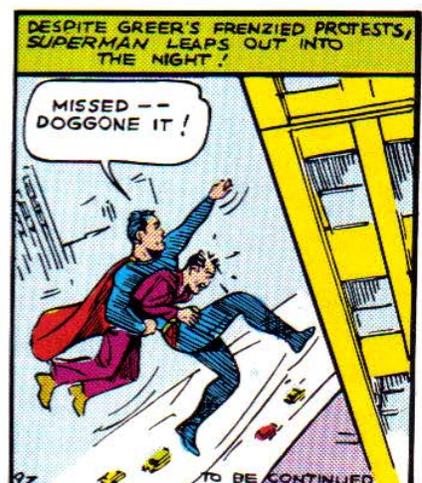
O primeiro e único supersoldado dos Estados Unidos (cuja identidade é segredo militar) recebe então um uniforme que estampa a bandeira de sua pátria. E, como arma, um escudo quase indestrutível (o que, anos depois, é interpretado como uma metáfora da política dos EUA de usar sempre o argumento da defesa do país para justificar a interferência em assuntos estrangeiros).

Superman, Batman, Mulher Maravilha, O Tocha Humana, a maioria dos primeiros super-heróis entra na linha de frente da Segunda Guerra. *Namor*, "príncipe do Reino Submarino de Atlântida", que estreara nos quadrinhos combatendo os "homens da superfície", agora integra seu continente às Forças Aliadas, além de dezenas de outros novos personagens criados dentro do espírito dos tempos de guerra.



Superman, lançado em 1938: um ser de outro planeta que adota a Terra como sua casa, engajando-se na "luta do bem contra o mal", um alento durante a recuperação econômica nos EUA da década de 1930. Em suas primeiras aventuras (páginas seguintes), enfrenta políticos corruptos, que colocam em risco a estabilidade da nação .





AND SO BEGINS THE STARTLING ADVENTURES OF THE MOST SENSATIONAL STRIP CHARACTER OF ALL TIME: **SUPERMAN!**

A PHYSICAL MARVEL, A MENTAL WONDER, SUPERMAN IS DESTINED TO RESHAPE THE DESTINY OF A WORLD!

Only in **ACTION COMICS** CAN YOU THRILL AT THE DARING DEEDS OF THIS SUPERB CREATION! **DON'T MISS AN ISSUE!**

98

SUPERMAN
 JEROME SIEGEL
 & JOE SHUSTER

AS A DISTANT PLANET WAS DESTROYED BY OLD AGE, A SCIENTIST PLACED HIS INFANT SON WITHIN A HASTILY DEvised SPACE-SHIP, LAUNCHING IT TOWARD EARTH!

WHEN THE VEHICLE LANDED ON EARTH, A PASSING MOTORIST, DISCOVERING THE SLEEPING BABE WITHIN, TURNED THE CHILD OVER TO AN ORPHAN-AGE

ATTENDANTS, UNAWARE THE CHILD'S PHYSICAL STRUCTURE WAS MILLIONS OF YEARS ADVANCED OF THEIR OWN, WERE ASTOUNDED AT HIS FEATS OF STRENGTH

WHEN MATURITY WAS REACHED, HE DISCOVERED HE COULD EASILY:

LEAP 1/8TH OF A MILE; HURDLE A TWENTY-STORY BUILDING...

RAISE TREMENDOUS WEIGHTS...

...AND THAT NOTHING LESS THAN A BURSTING SHELL COULD PENETRATE HIS SKIN!

... RUN FASTER THAN AN EXPRESS TRAIN ...

EARLY, CLARK DECIDED HE MUST TURN HIS TITANIC STRENGTH INTO CHANNELS THAT WOULD BENEFIT MANKIND AND SO WAS CREATED...

SUPERMAN!
 CHAMPION OF THE OPPRESSED, THE PHYSICAL MARVEL WHO HAD SWORN TO DEVOTE HIS EXISTENCE TO HELPING THOSE IN NEED!

A SCIENTIFIC EXPLANATION OF CLARK KENT'S AMAZING STRENGTH

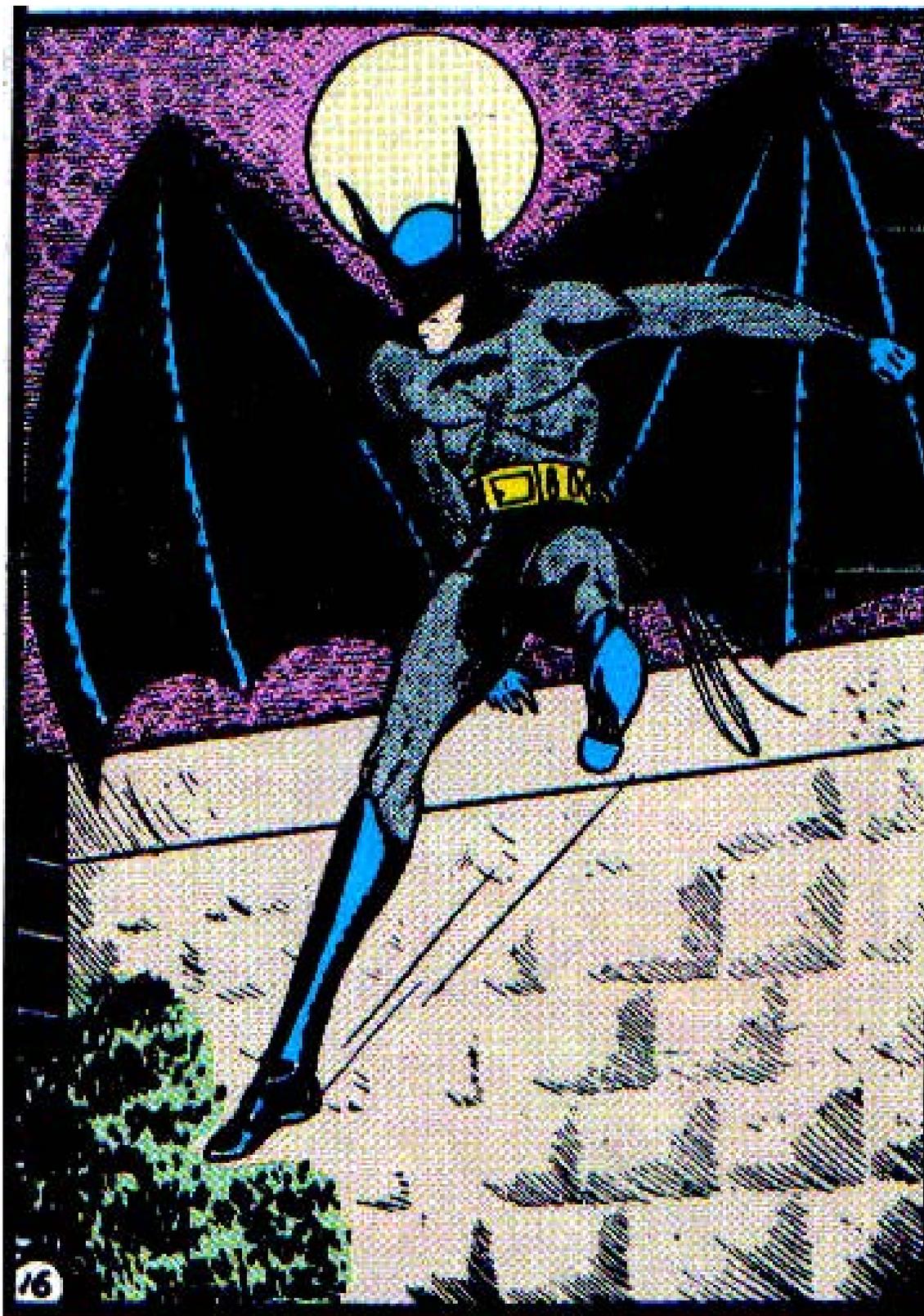
KENT HAD COME FROM A PLANET WHOSE INHABITANTS' PHYSICAL STRUCTURE WAS MILLIONS OF YEARS ADVANCED OF OUR OWN. UPON REACHING MATURITY, THE PEOPLE OF HIS RACE BECAME GIFTED WITH TITANIC STRENGTH!

-- INCREDIBLE? NO! FOR EVEN TODAY ON OUR WORLD EXIST CREATURES WITH SUPER-STRENGTH!

THE LOWLY ANT CAN SUPPORT WEIGHTS HUNDREDS OF TIMES ITS OWN.

THE GRASSHOPPER LEAPS WHAT TO MAN WOULD BE THE SPACE OF SEVERAL CITY BLOCKS

Origem "científica" de Superman apresentada em Action Comics nº 1. (Edição Fac Simile Editora Abril).



Batman (acima e a seguir) em suas primeiras narrativas, em 1939, por Bob Kane: tramas policiais, suspense e expressionismo. (Edição Fac Simile Editora Abril).

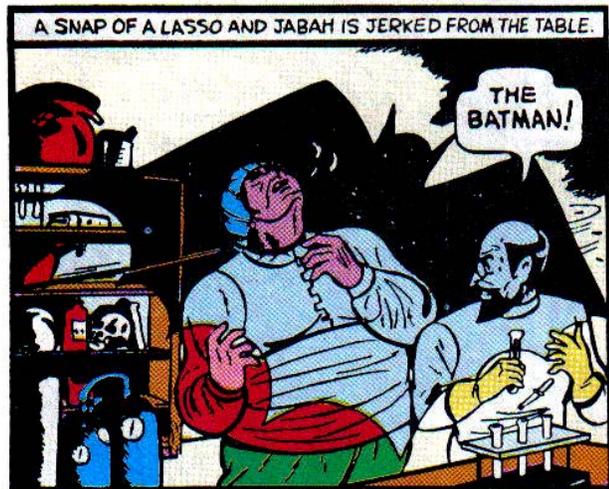


A CREAK OF A GLASS CUTTER AND THE BATMAN ENTERS...



THE BATMAN FINDS DOCTOR DEATH AND HIS GIANT SERVANT JABAH IN THE LABORATORY

IT WON'T BE LONG, DOCTOR.



A SNAP OF A LASSO AND JABAH IS JERKED FROM THE TABLE.

THE BATMAN!



GOOD EVENING, DOCTOR - BUT IT WON'T BE ... AFTER I'M THROUGH WITH YOU!

YOU FOOL



DOCTOR DEATH PRESSES A BUTTON AND DROPS INTO A SECRET CHUTE.

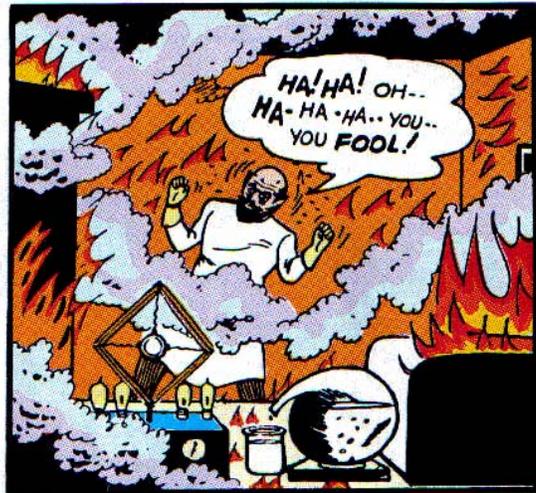
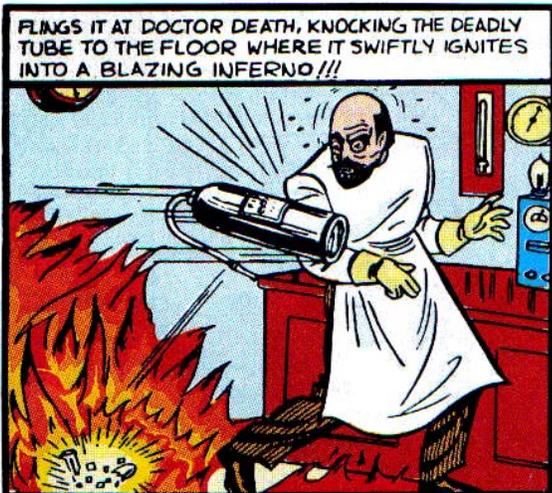
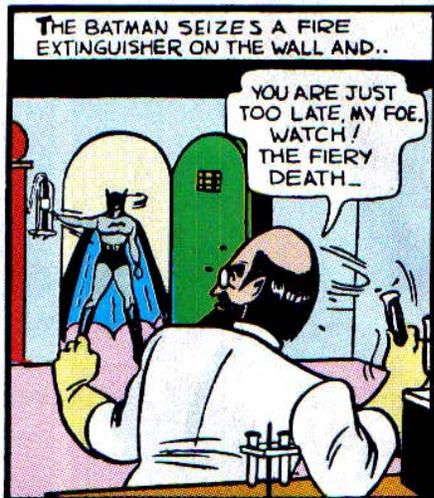
I CAN JUST MAKE IT BEFORE IT CLOSES-I HOPE!



INTO THE UNKNOWN, AFTER DOCTOR DEATH, PLUNGES THE BATMAN ...



... WHO LANDS ON A MAT AND SEES DOCTOR DEATH DISAPPEARING DOWN THE MALL ...





Wonder Woman, personagem do psiquiatra William Moulton Marston:
a primeira super-heroína de sucesso nos *comic books* dos EUA.



Capitão América: um supersoldado dos Estados Unidos eleva o ânimo contra a ameaça nazista. A seguir, Namor, o Príncipe Submarino: Atlântida une-se aos Aliados contra o Eixo.

ALL NEW FEATURES

THE SUB-MARINER

also
The ANGEL

SPRING **10¢** ISSUE
No. 1

A
MARVEL
COMICS
Special
Feature



INVASION
of
BRITAIN...
SUB-
MARINER
AGAINST the
NAZIS

40 THRILLING
PAGES OF
SUB-MARINER
IN ACTION!

20
PAGES OF
THE
ANGEL

MIRIM, LOBINHO E, ENFIM, A EBAL

O Grande Consórcio Suplementos Nacionais publica o *Suplemento Juvenil* até a primeira metade da década de 1940. Em suas maiores tiragens, vende 360 mil exemplares, um recorde na imprensa da época.

Em 1937, a publicação desperta o interesse de Roberto Marinho. O diretor de *O Globo* propõe a Aizen uma parceria para publicação de HQs. Adolfo recusa. Meses depois, chega às bancas *O Globo Juvenil*, o jornal de quadrinhos de Marinho. Aizen ainda perde, pouco depois, o direito de publicação de alguns de seus principais heróis, como *Flash Gordon* e *Jim das Selvas*. Os mesmos foram adquiridos pelo *Globo Juvenil*, que oferece melhores preços para os representantes da venda dos títulos.

Em 1938, diante do aumento da concorrência, Adolfo Aizen decide que é o momento de expandir os negócios. Neste ano, viaja em lua-de-mel aos Estados Unidos, onde novamente toma contato com as últimas novidades da crescente indústria das histórias em quadrinhos, além de adquirir novos equipamentos para o Grande Consórcio Suplementos Nacionais.

"Em Nova York, Aizen comprou uma rotativa tipográfica quatro cores, com o propósito de agilizar a impressão do Suplemento Juvenil e dos títulos que pretendia lançar. O editor descobriu um novo formato de publicação que surgia no mercado americano e que seria perfeito para as pretensões de expandir sua editora. Era o comic book, que chegava para aposentar em definitivo o tablóide, predominante entre as publicações do gênero. (...) Os comic books traziam outra novidade: as aventuras completas em quadrinhos, em vez dos episódios semanais dos jornais, uma tradição de décadas. Como acontecia nos Estados Unidos, esse tipo de revista iria, a médio prazo, dominar o mercado brasileiro de quadrinhos e decretar a morte do tablóide durante a década de 40. O pioneirismo, mais uma vez, coube a Aizen, que no dia 16 de maio de 1939 lançou uma revistinha de 32 páginas chamada Mirim, o primeiro comic book nacional."

(JUNIOR, Gonçalo. 2004, p. 66-67).

Pouco depois, Adolfo Aizen lança mais um título de quadrinhos no mercado nacional: *O Lobinho*. O nome da publicação é uma resposta ao lançamento, por Roberto Marinho, de *O Globo Juvenil*, considerado um plágio por Aizen, pelo uso da expressão "juvenil". Ao perceber o potencial de um título como *O Globinho*, Aizen registra o título *O Lobinho*, inviabilizando outra publicação concorrente.

Em suas novas publicações, Adolfo Aizen, que havia perdido os direitos de grande parte de seus principais personagens, aproveita para publicar os super-heróis que tanto sucessos fazem nos primeiros *comic books* dos EUA. É nas páginas de *O Lobinho*, em 1940, por exemplo, que *Batman* estréia no Brasil, Também o *Lobinho* publica *Flash*, batizado como *Joel Ciclone*.

Já *Superman* estreara no Brasil um ano antes - meses após seu lançamento nos Estados Unidos. Em 1939, o jornal paulistano *A Gazeta*, de Casper Líbero, em seu suplemento *A Gazetinha* (encarte com quadrinhos dirigido às crianças em circulação desde 1929), publica as primeiras aventuras de *Superman* no país.

Os super-heróis dos "Anos de Ouro" também chegam à editora de Roberto Marinho, que lança em *O Globo Juvenil* personagens como o *Capitão Marvel*. Já Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, publica, em *O Guri*, *Capitão América*, *Tocha Humana* e *Namor*. Assim, os super-heróis dos EUA, no começo dos anos 40, vivem seus "anos de ouro" também no Brasil.

Mas o início da década também traz crescentes dificuldades para Adolfo Aizen. A Segunda Guerra aumenta os custos do papel. Surgem mais problemas de distribuição e atrasos do pagamento de fornecedores.

A situação do Grande Consórcio Suplementos Nacionais torna-se então insustentável. Em 1942, Adolfo Aizen vende a empresa para o governo Getúlio Vargas.

Nos anos seguintes, circula por várias redações até tomar a decisão de começar um novo negócio, aos 38 anos. Recorre novamente a João Alberto Lins de Barros para que o ajude a conseguir financiamento no Banco do Brasil, reunindo assim capital para montar a editora (JUNIOR, Gonçalo. 2004).

Em 18 de maio de 1945, Adolfo Aizen cria a EBAL. Neste momento, Aizen pensa em editar literatura. O editor já havia sofrido, durante os anos de sucesso do *Suplemento Juvenil*, perseguições e condenações de setores conservadores da sociedade, os quais viam nos "gibis" uma influência nociva para os mais jovens. Mas Adolfo Aizen rende-se novamente às HQs, que conhece tão bem. Afinal, desde o *Suplemento Juvenil*, elas mostram-se em condições de oferecer um melhor, e muito mais rápido, retorno financeiro.

A primeira revista de histórias em quadrinhos a sair com o selo da EBAL, em julho de 1947, é *O Herói*, com aventuras de personagens de aventura, como *Sheena* e *Kionga*.

Em 1947, publica o primeiro título de super-heróis da editora: *Superman* - o de maior longevidade editorial na EBAL, circulando até 1983, em várias séries, edições em preto e branco e coloridas, além de diversos formatos.

Nos anos 50, os maiores sucessos da EBAL, ao lado de *Superman* e *Batman* - cuja revista própria é lançada em 1953 - são os mocinhos do faroeste (adaptados para os quadrinhos dos filmes de tanto sucesso entre a garotada da época), assim como era o caso de *Tarzan*, além das quadrinizações de romances da literatura mundial.

Assim, somente quase uma década depois do lançamento de *Superman* nos EUA, é que o personagem ganha, no Brasil, seu primeiro título próprio. O segundo super-herói a ganhar um título regular na editora é *Batman*, em 1953.

Os dois personagens, durante a década de 1950, são os únicos super-heróis com títulos próprios na EBAL, concorrendo em popularidade com as revistas de mocinhos do faroeste - cujo sucesso, entre outros motivos, deve-se à extensa filmografia sobre o assunto, adorada pelos jovens da época, situação semelhante aos quadrinhos de *Tarzan*, também entre os mais lidos.

Ao longo dos anos 50, a EBAL investe seus esforços na publicação de adaptações de temas históricos e literários do Brasil, assuntos "sérios", o que tem por objetivo mostrar como os quadrinhos poderiam contribuir positivamente para a formação das crianças.

"Adolfo Aizen tinha muito orgulho dessas revistas, que davam prestígio para a editora", lembra Eugênio Colonnese (entrevista, 2004), artista italiano radicado no Brasil, que

desenhou a quadrinização de *A Proclamação da República* para a EBAL.

Tais títulos são fundamentais na estratégia de Aizen de legitimar a publicação de quadrinhos no País. De acordo com Álvaro de Moya (entrevista, 2003):

"Quando o Adolfo Aizen comprou a coleção 'Classics Illustrated', e começou a publicar em português aqui no Brasil, ele teve a idéia de comprar também os direitos dos escritores daqui para fazer versões nacionais de quadrinhos de autores brasileiros. Nossa orientação era ser o mais fiel possível ao texto. Achávamos que se fizéssemos adaptações muito de vanguarda seria até negativo. Era preciso respeitar muito o texto, para fazer com que a Academia Brasileira de Letras, os críticos e a imprensa entendessem que os quadrinhos também poderiam ser usados de uma forma educacional. Assim, tínhamos a preocupação de fazer uma coisa 'acadêmica', com ilustrações bem-comportadas, mexendo o mínimo possível no texto original dos autores."

No Brasil, nos anos 40 e 50, educadores, políticos e religiosos condenam os gibis por, supostamente, levar à "preguiça mental". Isso ocorre ao mesmo tempo em que, nos Estados Unidos, os *comic books* são taxados por psiquiatras como causadores de "delinqüência juvenil".

Adolfo Aizen defende em artigos, entrevistas e campanhas a importância educativa dos quadrinhos, argumentando que as HQs, na realidade, estimulam o hábito da leitura. Assim, suas publicações mostram um cuidado especial no uso correto da língua portuguesa.

O jornalista e escritor carioca Sérgio Augusto também é um apaixonado pelos quadrinhos desde a infância. Ele lembra que seu primeiro contato com a literatura aconteceu justamente por meio da Edição Maravilhosa, da EBAL: "Lia as adaptações e depois procurava os textos originais para descobrir detalhes que não apareciam nas HQs". (entrevista, 2003). Sérgio Augusto recorda ainda a expectativa com que aguardava os presentes de Natal, na forma de HQs. O jornalista conta:

"Meus pais compravam os famosos almanaques de quadrinhos, edições volumosas e cheias de histórias, algo fascinante. Os 'tesouros' eram embrulhados e guardados no armário de casa, às vésperas da festa. Adorava então passar os dedos nos pacotes para sentir o tamanho da lombada das revistas e assim imaginar o que me esperava".

De acordo com Naumim Aizen, filho de Adolfo Aizen, que trabalhou por décadas na editora do pai, até ser seu diretor (entrevista, 2003):

"De 1945 a 1995, levando-se em conta que cada geração corresponde a um período de dez anos (o Dicionário Aurélio afirma serem 25 anos), foram pelo menos cinco gerações de meninos e meninas que leram as revistas em quadrinhos e as edições da EBAL. Posso citar alguns. João Guimarães Rosa era fã de Mindinho e Edição Maravilhosa. José Guilherme Merquior, de Edição Maravilhosa. Fernando Freire, filho de Gilberto, lia avidamente Epopéia. O compositor Juca Chaves tinha a coleção completa de Mindinho. Jorge Amado, José Lins do Rego, Vianna Moog, Barbosa Lima Sobrinho e muitos outros elogiaram o trabalho da EBAL, sendo que os dois primeiros queriam ter suas obras quadrinizadas. O primeiro insistiu muito para que AA aproveitasse o sucesso de Gabriela, Cravo e Canela e a adaptasse a esse novo gênero de Literatura e pedia para que comprássemos os direitos de diversos romances brasileiros. Durante a sua longa existência, a EBAL editou revistas para os mais diversos públicos, o que faz com quem várias gerações (como disse, pelo menos cinco) lessem e conhecessem a sua obra".

QUADRINHOS, PRECONCEITO E CENSURA

O pouco espaço que os super-heróis têm entre os títulos da EBAL nos anos 50 não é algo que ocorre ao acaso. Afinal, nos Estados Unidos, esse gênero de publicação atravessa grave crise no período, sendo considerado praticamente "em vias de extinção".

Depois da Segunda Guerra, os super-heróis deixam de interessar às novas gerações de leitores de *comic books*. Personagens como o *Capitão América* (criado para lutar contra Adolf Hitler) parecem ter perdido a sua razão de ser no mundo formado após o término do conflito.

Centenas de títulos do gênero são cancelados nos EUA. Restam poucos títulos regulares, entre eles, alguns dos personagens mais antigos, como *Superman*, *Batman* e a *Mulher-Maravilha*.

Outros gêneros conquistam os leitores dos anos 50, como os quadrinhos de horror, especialmente aqueles que combinam o aventuras de terror com alusões sexuais e desenhos que insinuam as formas femininas. Os *comic books* de terror, muito mais ousados do que os dos super-heróis, são cada vez mais sucesso de público.

Nos anos 50, a Guerra Fria cria nos Estados Unidos a chamada caça às bruxas do macarthismo (expressão que evoca o senador norte-americano Joseph Macarthy), que levou à perseguição de intelectuais e artistas considerados "subversivos" pelo governo.

Neste contexto político e social, os quadrinhos também são vistos como um "perigo" para a segurança dos Estados Unidos, por difundirem entre os jovens "valores contrários" ao "modo de vida americano".

Os *comic books* são taxados então como uma influência nociva para as crianças, capazes de formar "delinqüentes juvenis", o que leva o assunto para discussão no Senado dos EUA.

Grupos religiosos conservadores e políticos promovem atos de incineração pública de revistas de histórias em quadrinhos.

Nesse contexto, é decisiva na perseguição aos *comic books* a publicação do livro *A Sedução dos Inocentes* do psiquiatra Frederic Wertham, no final da década de 1940, o qual, por meio do acompanhamento de hábitos entre jovens delinqüentes, apontou uma relação direta entre o fenômeno da violência juvenil e a leitura de histórias em quadrinhos.

De acordo com a professora Sonia Bibe Luyten (entrevista, 2003):

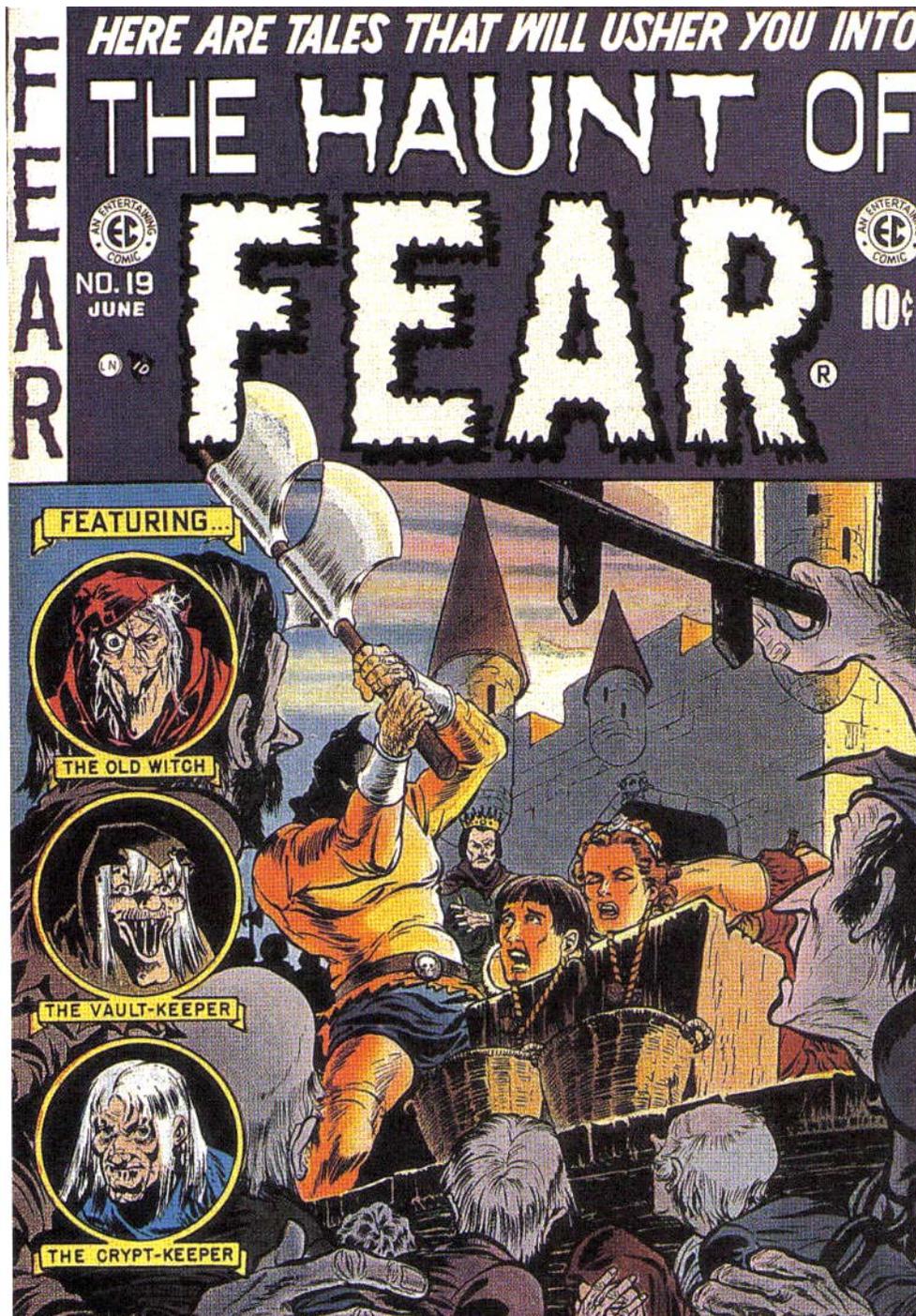
"Trata-se de um marco de toda espécie de preconceito contra as HQs. Sem falar que muitas revistas dos anos 50, como a Seleções Reader's Digest', divulgaram artigos que atacavam os quadrinhos. Esses textos tinham muita penetração nos lares e fizeram a cabeça de pais e professores"

Os principais grupos editoriais de *comic books* aceitam submeter suas publicações a um código de censura, formalizado como *Comics Code Authority*.

De acordo com código, os personagens devem servir como um exemplo a ser seguido pela juventude, o que leva à proibição de assuntos entendidos como não-recomendáveis aos mais jovens, entre eles, quaisquer imagens de horror, violência, alusões sexuais e comportamentos considerados "fora do padrão".

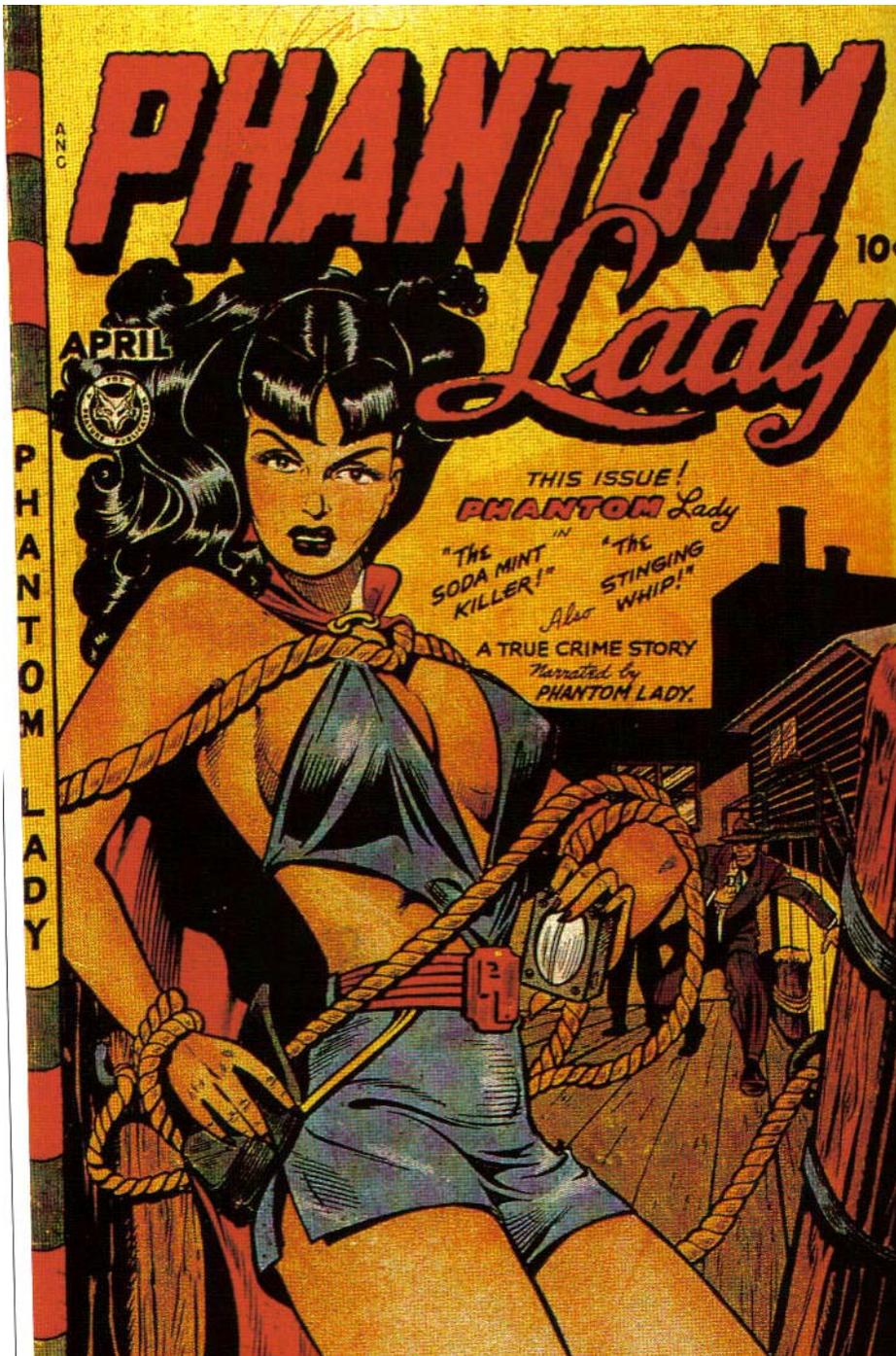
É adotado um selo do código de censura, a ser estampado na capa da revista como uma "aprovação oficial do seu conteúdo". Na prática, os *comic books* que não aceitam se submeter ao selo de aprovação do conselho do *Comics Code Authority* têm sua comercialização proibida em supermercados e grandes magazines dos EUA, os principais pontos de venda das revistas em quadrinhos no país.

A principal vítima do código são as revistas de terror, em especial, da EC Comics, cujos títulos, de forma cada vez maior, disputam a liderança na venda de *comic books* nos Estados Unidos. As restrições também atingem os super-heróis, os poucos que ainda restam nos EUA, limitando seus conteúdos aos padrões do código de censura.

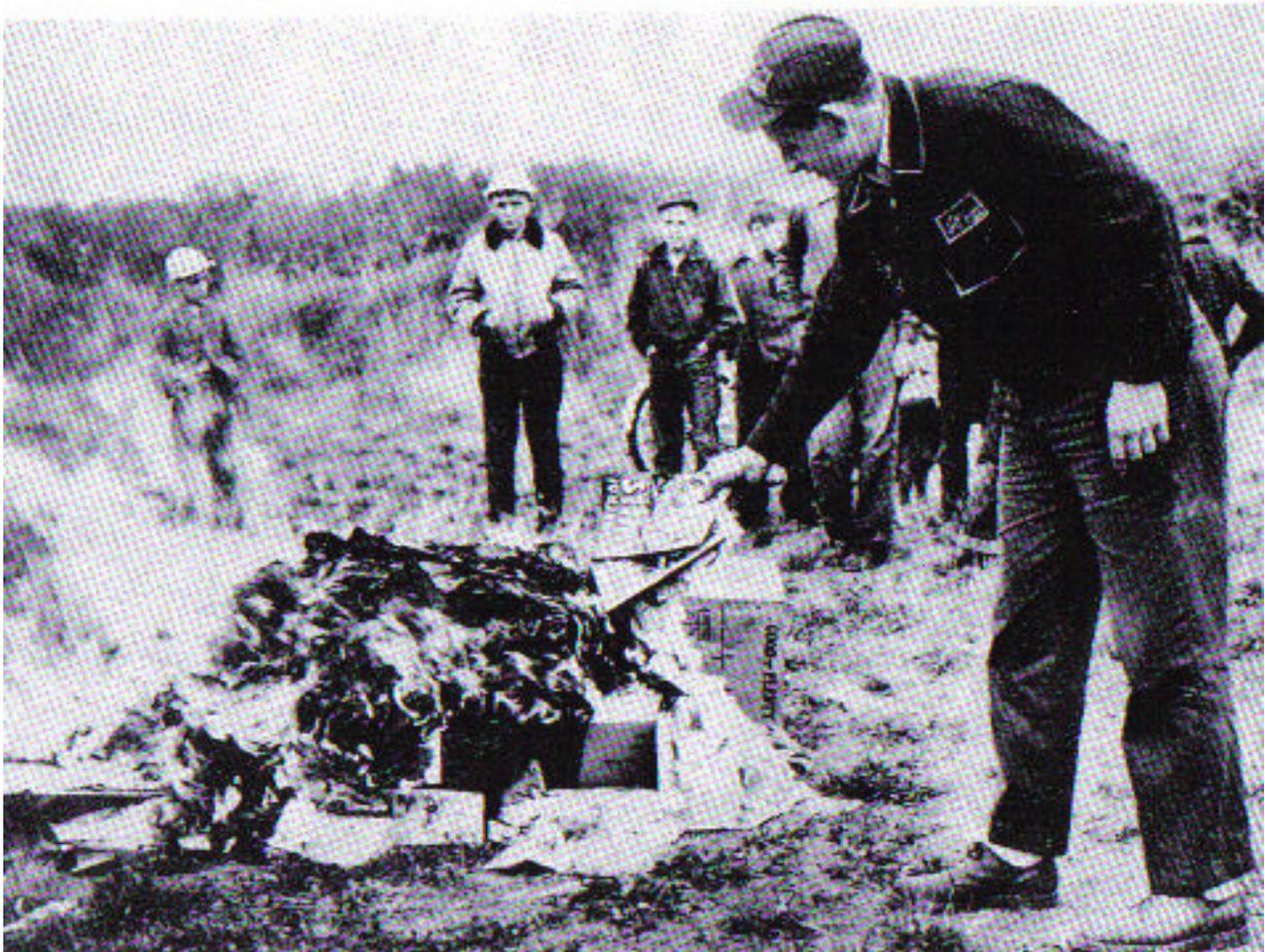


Na virada dos anos 40 para os 50, a maioria dos títulos de super-heróis é cancelada. Histórias de horror e com insinuações eróticas (página a seguir) são sucesso entre os jovens leitores. Os títulos provocam polêmica e condenação por seu conteúdo depravado de acordo com setores conservadores dos EUA.

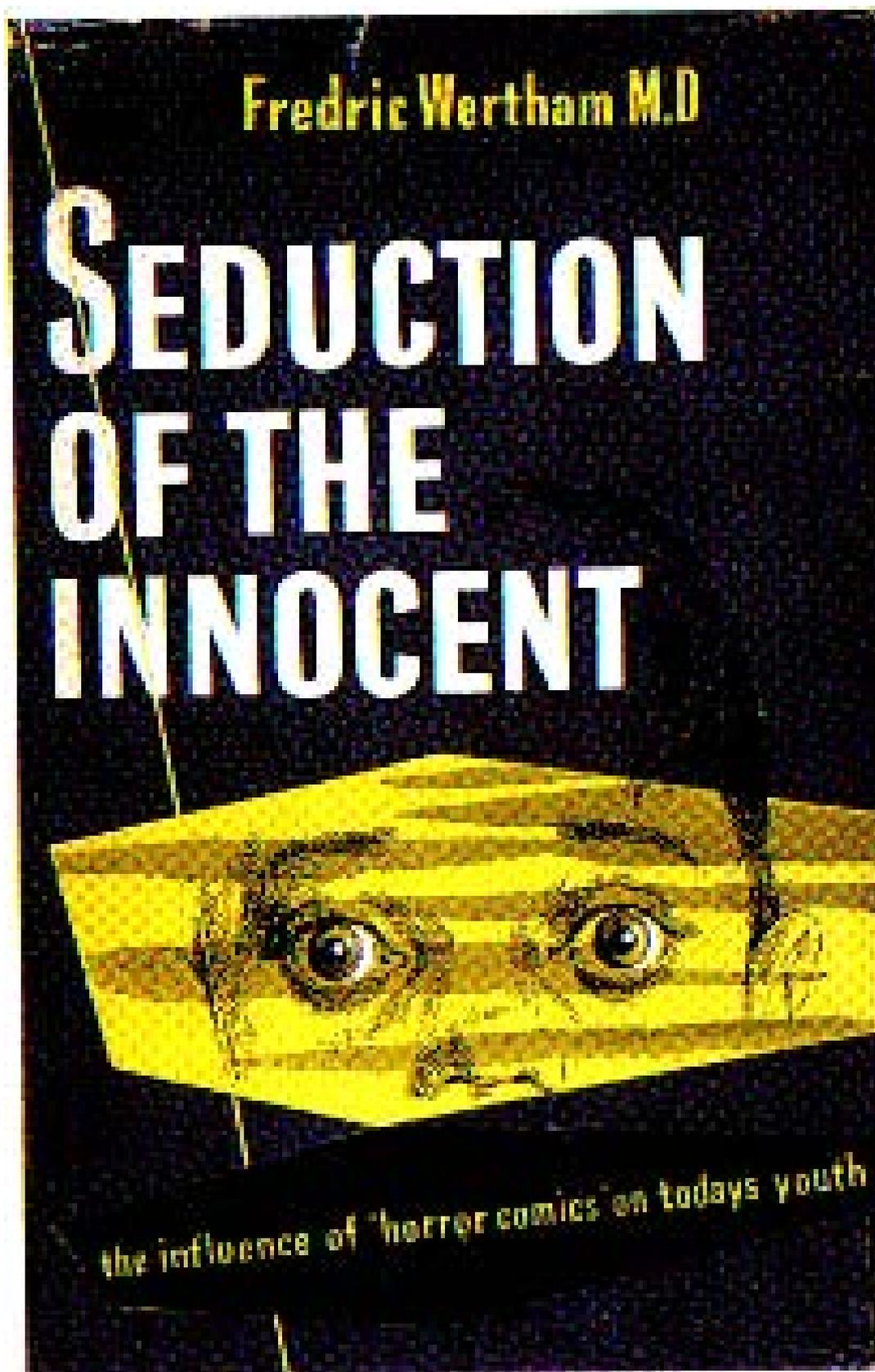
Acima, *The Haunt of Fear* 19. Junho 1953



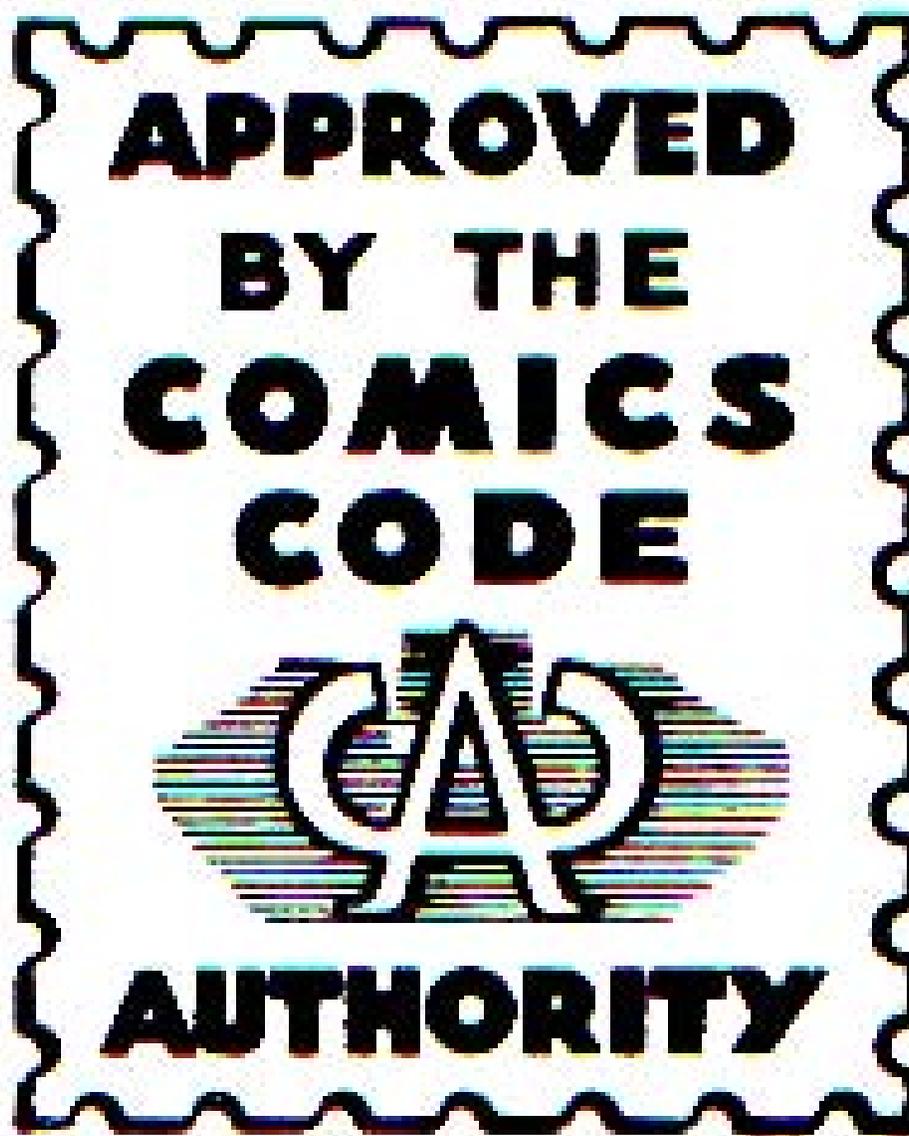
Phantom Lady, April 1948.



Incineração pública de revistas em quadrinhos nos EUA (Nebraska, 1954):
linguagem proibida. (*Comics, Comix and Graphic Novels: a history of comic art*, 1996. p. 68).



Seduction of the Innocent, de Fredric Wertham: marco na perseguição aos *comics*.



Selo do Comic Code Authorith:
aprovação moral para venda de revistas de histórias em quadrinhos.



Superman em 1957: censura e regras de mercado impõem "bom comportamento" aos super-heróis.

DÉCADA DE 1960: PERSONAGENS PROBLEMATIZADOS

As restrições impostas na década de 1950, no entanto, não esgotam as possibilidades criativas dos autores de *comic books*.

Para o editor de quadrinhos norte-americano Mike Gold, responsável pela série *DC's Greatest Stories* (de republicação de histórias clássicas dos super-heróis da editora, publicada no início da década de 1990) esse cenário, por contraditório que possa parecer, teve como consequência o esforço dos artistas em criar histórias, dentro dos limites impostos, as quais, ainda assim, conseguissem despertar o interesse dos leitores. (GOLD, Mike, 1990, p.6-14).

Assim, mesmo com todas as regras estabelecidas, jovens artistas e veteranos profissionais do meio encontram, a partir do final dos anos 50 e, particularmente, ao longo da década seguinte, diversas novas formas narrativas e de conteúdo para as histórias em quadrinhos. O que acaba por ampliar, de maneira antes inimaginável, os horizontes da indústria de *comic books*.

"A revolução dos comic-books, ao longo dos anos 60, reuniu um fértil manancial criativo de autores veteranos, em uma segunda juventude, a jovens capazes de se expressar com precoce maturidade. A uns e outros deve-se um histórico ciclo de ficção, possivelmente irrepetível"

(COMA, Javier. "Mais forte do que a vida", in COMA, Javier (org). *Historia de Los Comics*. Espanha: Toutain Editor, p. 775, s. d.)

O marco desse processo é apontado, de acordo com a maioria das obras de referência sobre o assunto, como o lançamento, em

1957, de uma nova versão para o super-herói *Flash*, um dos mais populares dos "Anos de Ouro".

Resultado de uma parceria entre o editor Julio Scharwtz e o artista Carmine Infantino, a concepção que norteia a recriação de *Flash*, o torna reconhecido como o primeiro super-herói da chamada "Era de Prata", renovando os quadrinhos do gênero por meio de um traço ágil, em sintonia com efeitos e imagens típicas do cinema da época.

Este processo de renovação da linguagem dos *comic books* vive o seu apogeu na década de 1960 e início dos anos 70, não por acaso um período de grandes transformações culturais e de comportamento. Por meio da editora Marvel Comics Group, escritores e artistas como Stan Lee, Jack Kirby e Steve Ditko lideraram a criação de uma nova linhagem de personagens.

"No começo dos anos 60 a Marvel Comics lançou no mercado uma série de heróis que tinham algumas características muito diferentes dos heróis que os haviam precedido: em poucas palavras, os novos heróis tinham problemas pessoais. Batman e Superman (da DC Comics) haviam sido personagens que não experimentavam mais problemas do que derrotar o criminoso de plantão: nada de problemas de sobrevivência, sentimentais, assim como nada de complexos estranhos"

(BARBIERI, Daniele. 1998, p. 221.)

Personagens como o *Quarteto Fantástico*, o *Homem-Aranha*, *Hulk*, *Namor*, *Thor*, *Homem de Ferro*, *Demolidor*, lançados no início dos anos 60, são superseres tão fantásticos quanto seus antecessores no que se refere às suas habilidades especiais.

Os novos super-heróis trazem uma concepção inédita na elaboração de suas aventuras, em termos gráficos e de roteiro.

Sua dimensão ficcional é diferente, incluindo dúvidas existenciais e fraquezas humanas. Diversamente de seus

antecessores, os super-heróis da década de 1960 questionam-se sobre a "luta do bem contra o mal".

O mesmo processo ocorre com o *Capitão América*, "revivido" nos anos 60, só que como um personagem deslocado de seu tempo, anacrônico.

Essa concepção de super-heróis, muito mais afinada com um mundo onde as certezas já não eram tão sólidas, torna os personagens mais próximos das novas gerações de leitores.

Nesse período, o *rock and roll* conquista seu lugar como maior expressão musical dos jovens, transbordando esse aspecto para a política e o comportamento - não deixando de ser, naturalmente, também absorvido e reelaborado pela "indústria cultural".

O fato, no entanto, é que as antigas certezas já são mais as mesmas. A intervenção militar dos EUA no Vietnã, diferentemente da Segunda Grande Guerra, não é uma causa que une a nação contra uma ameaça estrangeira. Pelo contrário, cada vez mais, os protestos, em especial da juventude, fazem-se ouvir.

Os super-heróis dos anos 60, de variadas formas, mostram-se em sintonia com esse mundo em transformação, em especial, com sua juventude (leitores muito diferentes daqueles dos anos 30 e 40).

A indústria dos *comic books*, ainda regida pelo severo código, ganha novos leitores com personagens e roteiros que, por meio do talento de seus autores, criam diferentes possibilidades narrativas e de abordagem de conteúdo.

Consciente ou inconscientemente, muitas vezes por metáforas, ou "artimanhas" de roteiro, esses criadores transcendem a censura vigente, ganhando a empatia das novas gerações.

Hulk, um ser monstruoso e verde criado após um acidente nuclear, alude ao medo da bomba atômica, que tanto marcou a Guerra Fria. Em suas tramas, é incompreendido pela sociedade e perseguido pelo exército - uma situação que não seria aceita pelo código de censura, "uma imagem negativa do exército", mas que se justificava no roteiro com o argumento de que os militares estavam mal informados sobre a criatura verde.

Enquanto o exército persegue *Hulk*, a mídia e a polícia são implacáveis com o *Homem-Aranha*. O herói, um jovem que adquire poderes ao ser picado por uma aranha radioativa (novamente a temática nuclear), não é reconhecido como tal em suas sagas. Pelo contrário, é quase sempre marginalizado.

Mesmo quando a censura se impõe, há artistas que, por meio da metáfora, conseguem ultrapassar os limites impostos à criação.

Um caso especial nesse sentido é a página final de uma aventura do agente secreto *Nick Fury*, um ex-combatente da Segunda Guerra, personagem coadjuvante das histórias do Capitão América.

Seu autor, Jim Steranko, termina a história com uma cena que mostra *Fury* e sua namorada, abraçados apaixonadamente (nada explícito, mas com evidente alusão sexual). O quadrinho foi censurado. Steranko então substituiu o desenho original do último quadro pela imagem de um revólver enfiado no coldre. Como disse depois o artista ao documentário *Comic Book Super Heroes Unmasked*, "jamais uma metáfora foi tão explícita".

Em meados dos anos 60, a revista norte-americana *Esquire*, publica reportagens sobre a crescente popularidade dos personagens da Marvel entre os universitários dos Estados Unidos.

Entre outros registros, a revista apresenta depoimentos de alunos que identificam personagens como *Hulk* e o *Homem-Aranha* com as figuras de líderes contestadores da época.

De acordo com Bradford W. Wright, em *Comic Book Nation - The Transformation of Youth Culture in America*:

"A edição da *Esquire* de setembro de 1966 publicou uma reportagem sobre o fenômeno Marvel nos campi das universidades dos EUA. Entre as cartas recebidas diariamente pela redação da editora mais de 225 eram de estudantes universitários. (...) Por que os comic books da Marvel eram tão populares no campus? A revista *Esquire* entrevistou alunos de todo o país. Um estudante, de longos cabelos, da Southern Illinois University, dizia-se identificado com Hulk porque o personagem 'era contra as instituições'. Já um barbudo aluno da Stanford University citou O Homem-Aranha como o seu favorito porque o herói 'era perseguido, tinha problemas de falta de dinheiro, e vivia em crise existencial. Ele é um de nós'. (...) Em 1965, uma sondagem em universidades conduzida pela *Esquire* já revelara que estudantes radicais colocavam Homem-Aranha e Hulk ao lado de figuras como Bob Dylan e Che Guevara, entre os ícones revolucionários dos quais mais gostavam."

(WRIGHT, B., 2003, p. 223. Tradução livre)

A ascensão do "Universo Marvel", ao longo dos anos 60, é um momento de inflexão da indústria, cujos desdobramentos têm conseqüências até os dias de hoje nas histórias em quadrinhos.

A maior rival da editora, a National (futura DC Comics) vê-se obrigada a reagir. Personagens coadjuvantes são modificados, com a introdução de temas já abordados na Marvel, o que foi concebido pelo editor Julio Scharwtz como "dar um toque DC aos novos super-heróis" (WRIGHT, B., 2003. tradução livre)

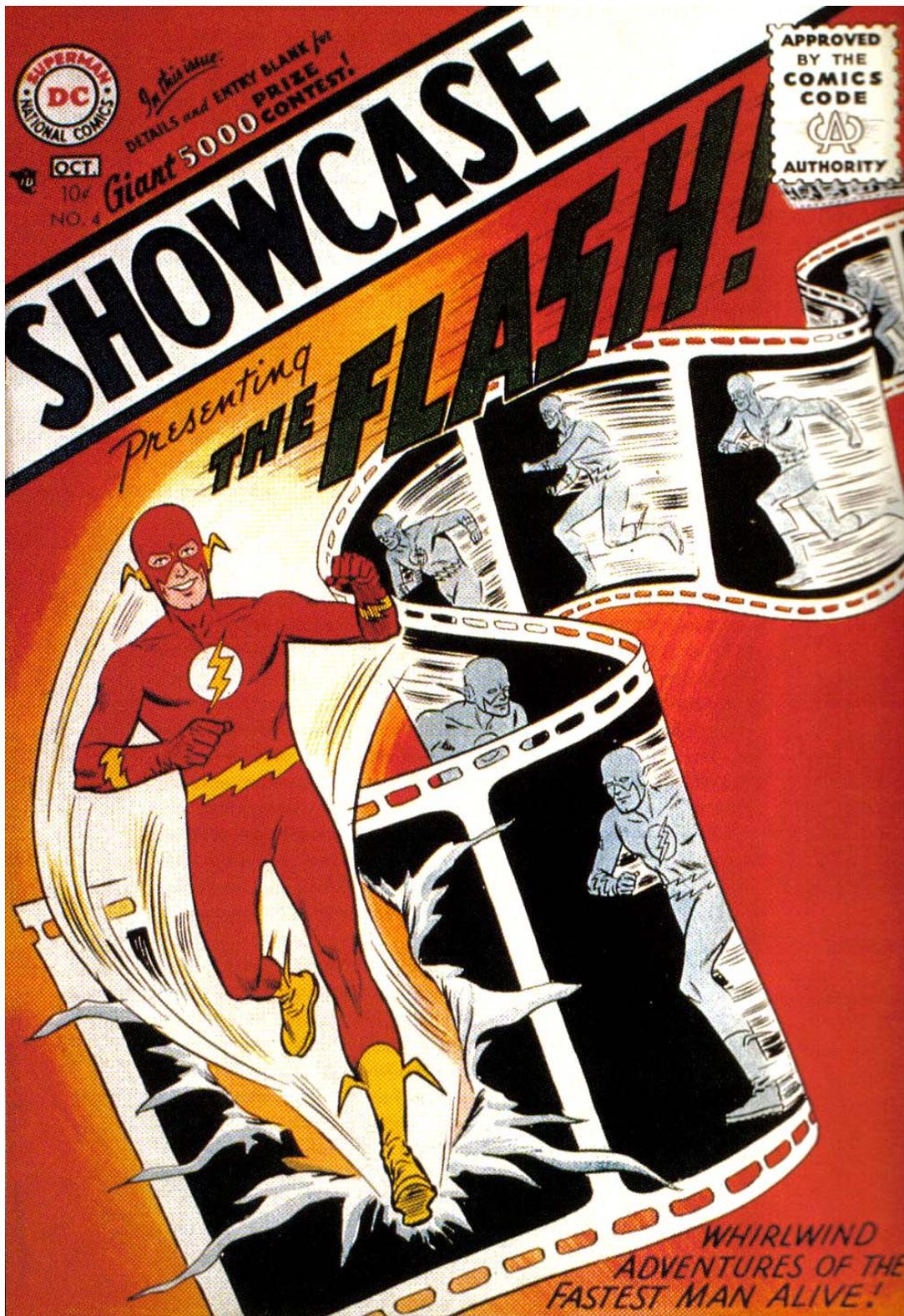
Experiências bem-sucedidas, como as novas histórias de *Arqueiro Verde* e *Lanterna Verde* que inserem temáticas como problemas sociais e drogas, até então evitadas, mostram que é possível sim modificar e renovar as narrativas e conteúdos dos antigos personagens da editora.

Assim, na virada da década de 1960 para a de 70, surgem novas versões para os mais clássicos - e justamente por isso, até então quase nada modificados - super-heróis da National/DC: *Superman* e *Batman*, cujas tramas tornam-se mais elaboradas, abordando temas antes ignorados.

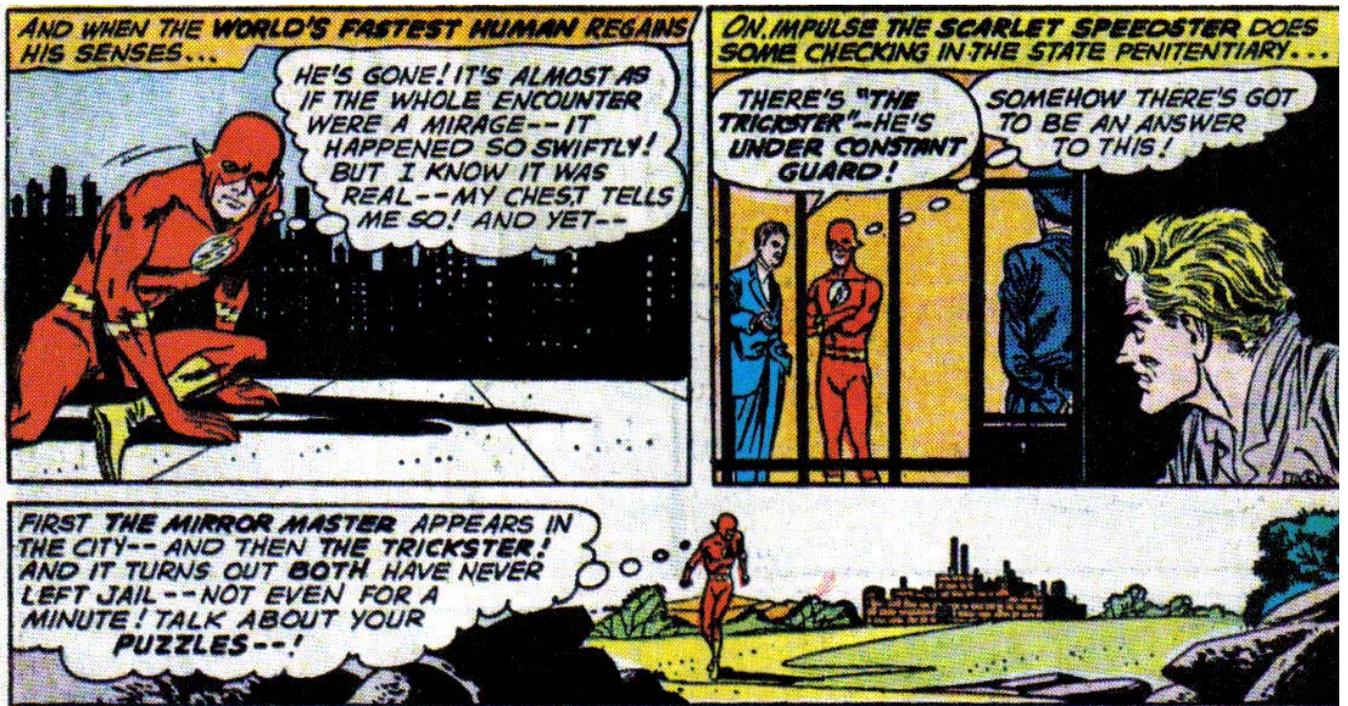
Superman, O Homem de Aço - assim definido há décadas em suas aventuras - reconhece-se então impotente para resolver todos os problemas de um mundo atolado em crises, guerras e pobreza. Já *Batman*, cuja caracterização nos anos 50 e 60 realçava o lado cômico das histórias, ganha novamente seu aspecto sombrio original, agora destacado em aventuras mais realistas, violentas, nas quais o mal não parece ser fruto apenas dos "vilões", mas de todo um processo social degenerativo.

E assim por diante, os antigos super-heróis da National/DC ganham uma nova roupagem. *Robin* abandona a parceria com *Batman* para estudar na universidade. Passa ainda a integrar uma equipe de super-heróis adolescentes, os *Novos Titãs*. *Supermoça* e a *Mulher Maravilha* ganham versões inspiradas na "mulher emancipada dos anos 60", demonstrando mais "atitude" em suas histórias.

A representação da figura feminina nos quadrinhos de super-heróis, depois de feita de maneira tão "casta" nos anos 50, agora, na virada dos 60 para os 70, também muda radicalmente - para os padrões até há pouco vigentes - com jovens e vilãs superpoderosas desenhadas de maneira a valorizar as formas femininas.



Showcase Presents The Flash 4, outubro de 1956.: início da renovação formal das narrativas de super-heróis, que se tornou conhecida como a “Era de Prata” das histórias em quadrinhos. Página seguinte: desenho de Carmine Infantino em que o autor se utiliza do efeito cinemascopo, recurso cinematográfico comum ao final dos anos 50.



The Flash 130, agosto de 1962. Arte de Carmine Infantino.



Estréia de *Fantastic Four* (*Quarteto Fantástico*), de Lee e Kirby, novembro de 1961: marco da "Era Marvel" dos comic books.



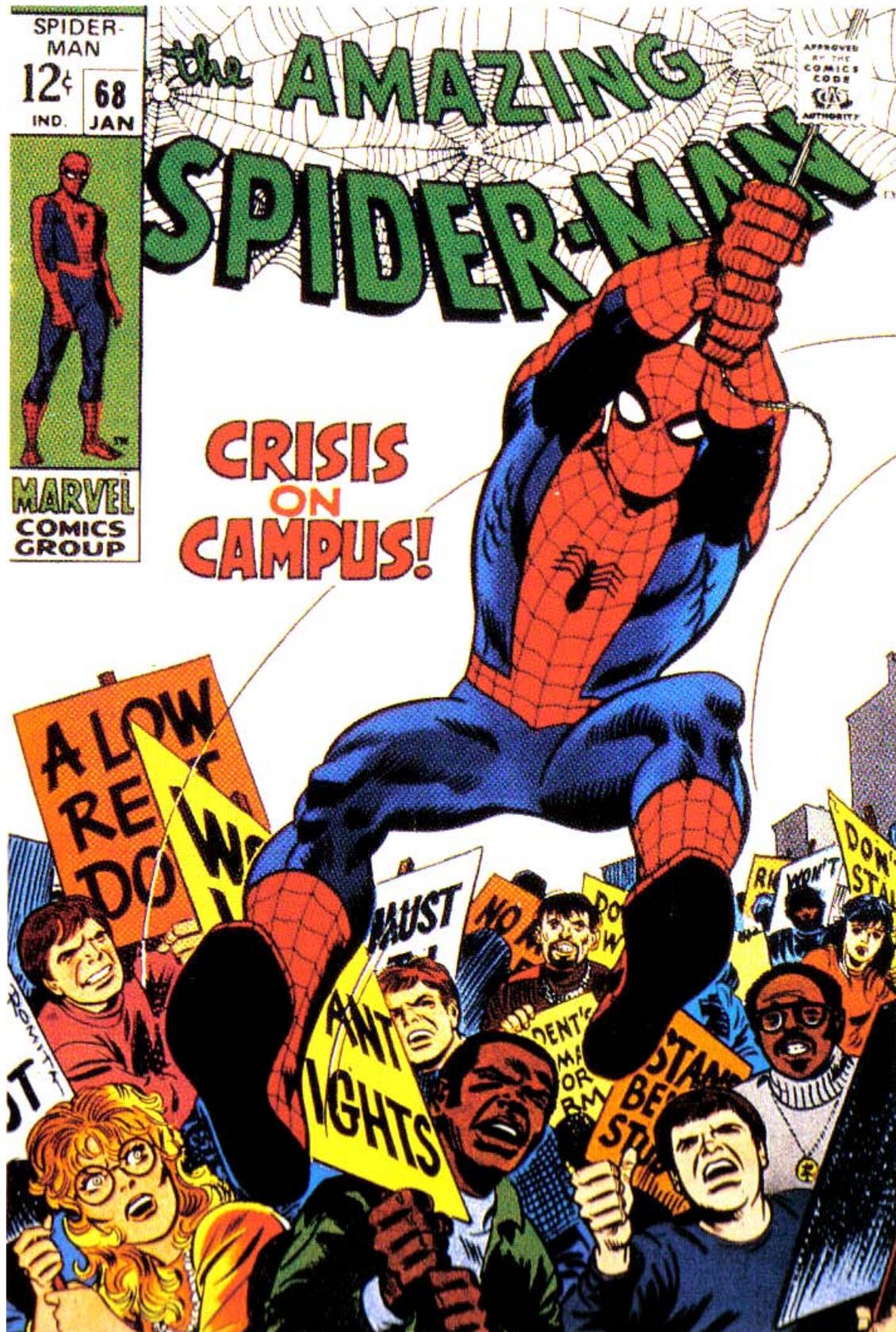
O Coisa (The Thing): primeiro super-herói a odiar sua condição especial.



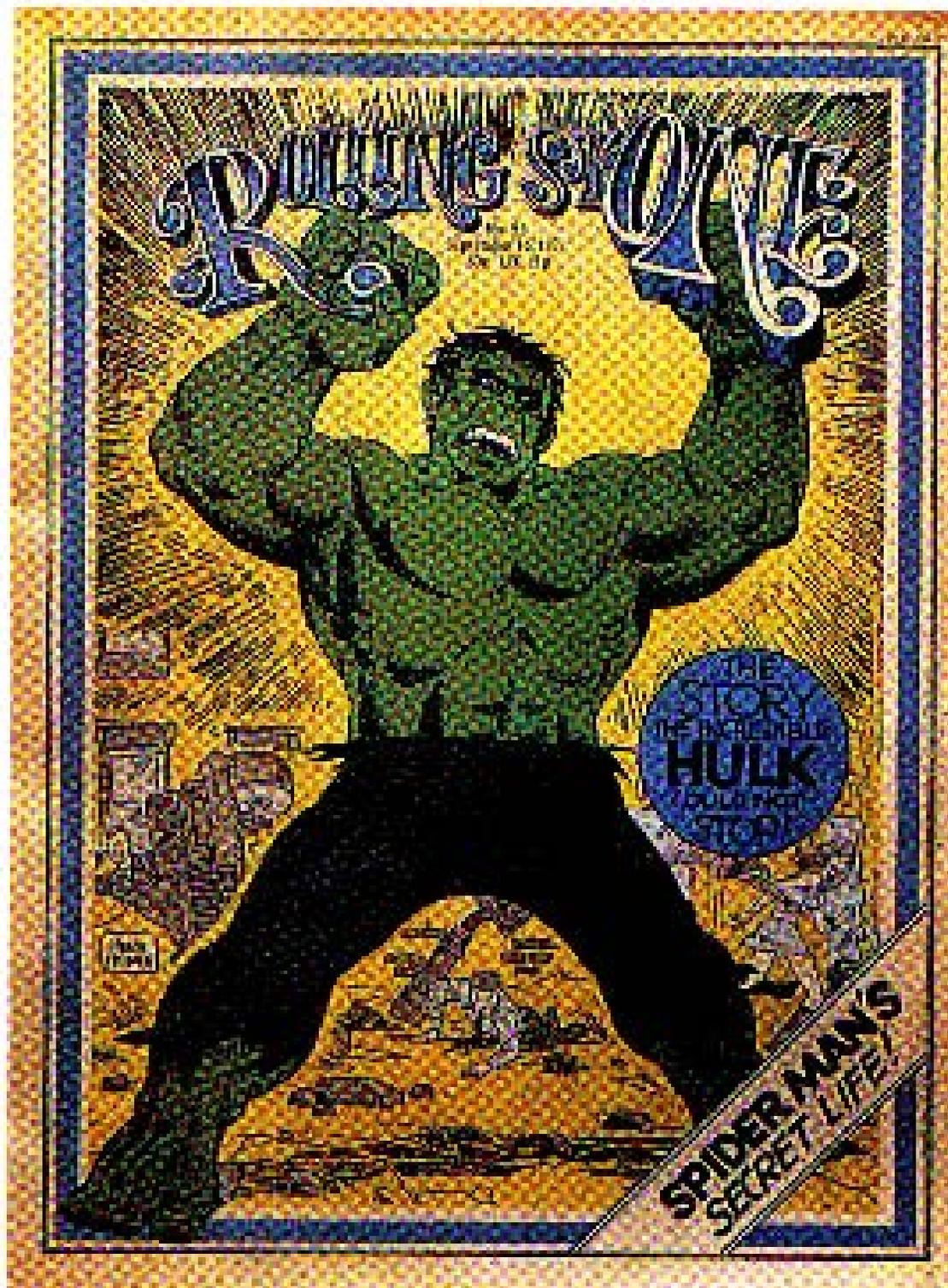
Hulk, por Jack Kirby e Stan Lee, início dos 60. Guerra Fria e medo do holocausto nuclear representados nos *comics* de super-heróis.



Spider-Man (Homem-Aranha), super-herói adolescente perseguido pelo público e mídia conquista jovens leitores.



The Spider-Man 68, janeiro de 1969: protestos na universidade entram no cotidiano do personagem. Arte da capa: John Romita.



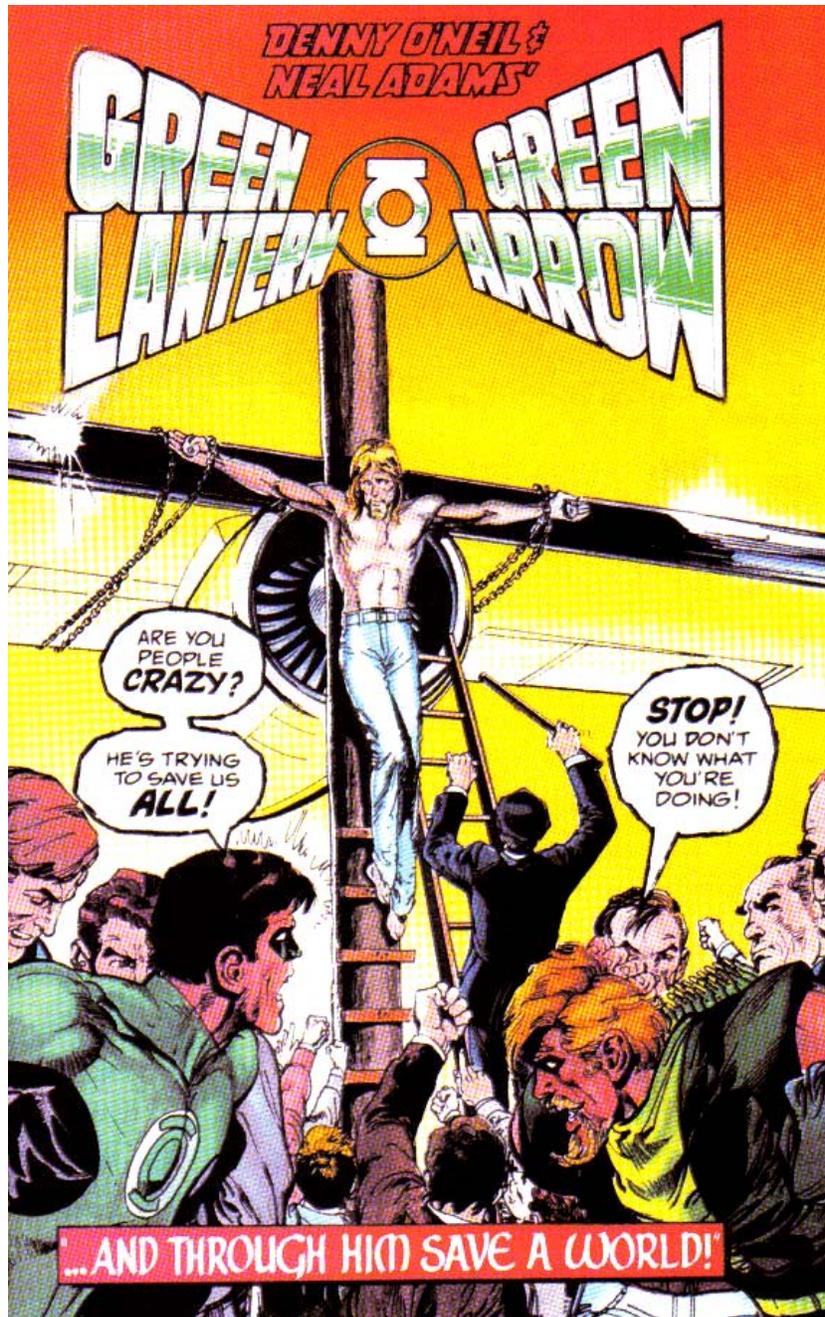
Hulk, em 1971: manchete da revista norte-americana *Rolling Stone*.



Página final de aventura do agente Nick Fury, desenhada por Jim Steranko. A tira final da aventura, insinuando a paixão entre os personagens, foi vetada. A última tira mostra a solução gráfica encontrada pelo artista para refazer a seqüência vetada (tira anterior): uma arma no coldre. “Jamais uma metáfora foi tão explícita”, disse Jim Steranko.



Acima e a seguir: *Lanterna Verde* e *Arqueiro Verde* renovados ao final da década de 1960 pela dupla de autores O'Neil e Adams. Suas narrativas introduzem temas sociais e políticos de maneira até então jamais vista na editora de *Superman* e *Batman*. (Editora Opera Graphica)





Fascículo da obra História de Los Comics (organizada pelo espanhol Javier Coma): edição discute as transformações ocorridas nas representações dos super-heróis entre os 60 e 70: "Superheroes Traumatizados"

CAPÍTULO 3

SUPER-HERÓIS DA EBAL, ANOS 60 E 70

Capa da aventura em que o *Homem-Aranha* depara-se com o fracasso: super-herói não impede morte da namorada pelo vilão. História de Gerry Conway. Arte de Gil Kane e John Romita. Episódio, para diversos leitores, considerado como o fim da “inocência nos quadrinhos de super-heróis”.

(Revista *O Homem-Aranha* n° 55, 1ª série, outubro de 1973, EBAL). ►



EBAL

N.º 55
(1.ª Série)
64 Páginas
Cr\$ 2,50

O HOMEM ARANHA

CUIDADO, HOMEM-ARANHA! PRIMEIRO DEI CABO DE GWEN STACY!

E AGORA... É A SUA VEZ!

NADA DISSO! VOCÊ MATOU O MEU ÚNICO AMOR!

E HOJE É O DIA EM QUE VOCÊ VAI MORRER!

Início da década de 1970: a EBAL desponta no cenário nacional de publicações como a grande editora brasileira dos super-heróis das HQs dos EUA, tomando as bancas de jornais com dezenas de títulos protagonizados pelos super-heróis dos *comics books*. Adolfo Aizen detém então os direitos de publicação das principais editoras do gênero, a National (futura DC) e a Marvel, entre outras. A lista de revistas é liderada pelos personagens de maior tradição - *Superman* e *Batman*, há décadas entre os mais populares da EBAL.

Os dois heróis são estrelas de diversos títulos regulares próprios: *Superman* (em preto e branco), *Superman Especial em Cores*, *Superman-Bi* (P & B), *Batman* (P & B), *Batman Especial em Cores*, *Revista O Homem de Aço apresenta: Os Amigos do Super-Homem - Míriam Lane e Jimmy Olsen* (P & B), além de *Invictus*, com aventuras dos dois super-heróis juntos (P & B), o qual ganharia depois uma versão em cores.

Sobre esta revista, recorda Otacílio D'Assunção, Ota, autor e editor de histórias em quadrinhos, que trabalhou na EBAL do começo dos anos 70, ainda garoto: "Nesta época, a *Invictus* vendia mais do que os títulos de *Superman* e *Batman*". (entrevista, 2005).

No começo dos anos 70, além dos personagens consagrados, não faltam novidades em termos de revistas de super-heróis.

Em especial, as publicações da EBAL dedicadas aos personagens da Marvel (sucesso nos desenhos animados norte-americanos exibidos pela TV brasileira da época), como *Capitão América*, *Hulk*, *Namor*, *Thor* e *O Homem de Ferro*.

Estes foram os primeiros super-heróis daqueles criados por Stan Lee e artistas da Marvel no início dos anos 60 a serem lançados no Brasil, por Adolfo Aizen, a partir de 1967.

Nos anos seguintes, outros personagens do chamado "Universo Marvel" ganham títulos também pela EBAL, como as revistas *O Demolidor*, *Estréia! - Quarteto Fantástico* e *O Homem-Aranha*.

As novidades da EBAL, no começo dos anos 70, ainda abrangem publicações da National/DC, entre elas, as novas versões para personagens já tradicionais, como o *Gavião Negro*, um novo *Superboy*, a revista *Bonita - A Nova Supermoça*, outra *Mulher Maravilha* (em *As Aventuras de Diana*), *Elektron*, *Flash*, a *Turma Titã* (grupo de adolescentes do qual participa o agora universitário *Robin*), entre muitos outros.

ENFIM, SUPER-HERÓIS EM CORES

Os super-heróis são publicados pela EBAL em edições mensais, bimestrais, extras e especiais, sem falar nos tradicionais almanaques de fim de ano. Além da variedade, destaca-se a qualidade gráfica das revistas. Em particular, as edições em cores dos títulos mais populares da EBAL - uma novidade da editora iniciada em 1969, depois da maioria da concorrência já utilizar a impressão em cores.

Em alguns casos, como a linha de HQs Disney da Editora Abril (responsável por algumas das maiores tiragens de revistas de quadrinhos da época no Brasil) o procedimento editorial era adotado há décadas. Isso sem falar na revista *O Guri*, lançada por Assis Chateaubriand ainda no início de 1940, reconhecida como a primeira publicação nacional de HQs em cores.

A EBAL, salvo em raras edições especiais, manteve, até o final da década de 1960, a publicação em preto e branco como padrão para a grande maioria de suas revistas de histórias em quadrinhos (mesmo se, como ocorria na maioria dos títulos, os originais fossem coloridos).

Quando lança, enfim, suas edições em cores, a partir de 1969, o faz em grande estilo, produzindo revistas de histórias em quadrinhos que marcam época no cenário editorial do Brasil, dada sua qualidade gráfica. *Superman*, *Batman*, *Superboy*, *Capitão América*, entre outros, são alguns dos protagonistas das primeiras revistas coloridas de super-heróis da EBAL, publicadas sob a denominação "Edição Especial em Cores".

As publicações são impressas em papel de boa gramatura. A capa é feita em papel cartonado plastificado. O tamanho adotado para a nova linha de revistas segue o formato-padrão da EBAL, cerca de 18cm x 27cm, pouco maior do que o dos *comic books*.

Na realidade, os títulos em cores de super-heróis da EBAL - que se multiplicam e vivem seu auge primeira metade da década de 1970 - possuem um acabamento editorial muito superior ao dos originais norte-americanos impressos na época. Aliás, ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, e até quase final dos anos 80, os *comic books* continuam a ser publicados com o "miolo" em papel-jornal barato colorido, envolto por capas brilhantes (fórmula consagrada desde o final da década de 1930).

Nos anos seguintes, a EBAL amplia o número de revistas em cores, com lançamentos, entre outras, de *Shazam* (com as aventuras do *Capitão Marvel* agora publicadas pela National), *Tarzan Coleção Lança de Ouro* (com histórias do personagem de Edgar Rice Burroughs agora editadas pela National, numa série desenhada por um dos mais reconhecidos artistas dos *comic books*, Joe Kubert), *Origem dos Heróis*, *Supermoça*, *Mulher Maravilha* em *As Aventuras de Diana*, entre outras. Já no caso da Marvel, o título colorido do *Capitão América*, em 1972, é substituído pela versão em cores do *Homem-Aranha*.

"MELHORES GIBIS DO MUNDO"

"No começo da década de 1970 a EBAL era a editora que imprimia as melhores revistas de super-heróis do mundo", afirma Franco de Rosa, autor e editor de histórias em quadrinhos (entrevista, 2005).

Circunstâncias técnicas e editoriais estão envolvidas na decisão da EBAL em investir nesta linha de publicações coloridas - que permaneceria em circulação, com suas principais características, até meados de 1976, quando a editora adotou o chamado "formatinho" (cerca de 13,5cm x 20,5cm). Até aí, a única perda de qualidade gráfica das revistas em cores em relação às primeiras edições foi o término da plastificação das capas nos títulos regulares. O editor Franco de Rosa comenta essas publicações (entrevista, 2005):

"A EBAL era a preferida por todos devido ao respeito que a editora possuía pelos seus produtos. Ela sabia valorizá-los. Também era muito ordeira quanto à periodicidade. E sabia distinguir e valorizar os formatos. O que não sabíamos é que a EBAL só imprimia seus gibis coloridos em papel off-set porque suas máquinas impressoras eram muito antigas, e só conseguiam fazer isso naquele tipo de papel ou cuchê, que é muito mais caro, e era reservado a muitas capas. Por causa disso, a EBAL acabou por criar clássicos

para colecionadores. E na década de 1970 era a editora que melhor imprimia gibis de super-heróis no mundo. Com qualidade insuperável. Seus gibis em preto e branco eram impressos em rotogravura. Também um processo antigo. E só dava pra imprimir em duas cores. Por isso alguns deles saíram em preto e magenta (Solar) e preto e verde (Hulk)."

Já o pesquisador e autor de histórias em quadrinhos Gazy Andraus (entrevista, 2005) lembra que tomou contato com as edições em cores da EBAL já na fase e que a editora imprimia em formatinho.

"Entre meus 8 e 12 anos eu lia poucas histórias da EBAL, como Korak, Homem-Aranha, Batman e Super-Homem principalmente, nos formatos grandes, preto e branco e coloridos, quando eu saía de férias de São Vicente (onde resido) para Minas Gerais, na casa de meus primos. Há um cômodo pequeno abarrotado de revistas e gibis, tanto de humor como super-heróis, e como meus primos são na maioria mais velhos que eu, eles compravam estas revistas, inclusive Mandrake e Fantasma, os quais eu não tinha muito interesse por causa dos desenhos. Os que me fascinaram na infância e juventude, foram os títulos coloridos principalmente, do Batman desenhados por Jim Aparo. Depois me interessei por Neal Adams. A verdade é que meu gosto pelo desenho se ampliou a partir de meus treze anos, quando passei a me interessar mesmo por gibis de super-heróis. O que mais me causa boas lembranças são os tamanhos grandes das revistas editadas pela EBAL, bem como a qualidade do papel, na fase em que passaram a ser coloridas. Eu pegava as revistas, ia lendo, e depois reabsorvia página a página, quadro a quadro, desenho a desenho, elegendo meus desenhistas preferidos, e então me dava uma vontade prazerosa de desenhar de memória personagens e situações similares às vistas nas revistas (inclusive nas capas-trailers). Coisa de quem tinha vontade mesmo de ser desenhista, vencer as dificuldades da perspectiva e anatomia, mas também de tentar "imitar" o estilo que mais agradava. Aliás, esta questão de estilo e gosto pelo desenho e cada estética de desenhistas distintos, não foi ainda muito questionado e estudado em nossa civilização. O prazer que me dava em desenhar depois de ver, e a vontade, era algo quase que beirava um "vício", que precisava ser realizado!"

CHAMADA GERAL

Em 1970, a EBAL celebra seus 25 anos de atividade de maneira ruidosa.

Entre outras iniciativas para comemorar a data, publica uma edição especial do título *Epopéia* denominada *Chamada Geral* (texto de Pedro Anísio e desenhos de Eugênio Colonnese).

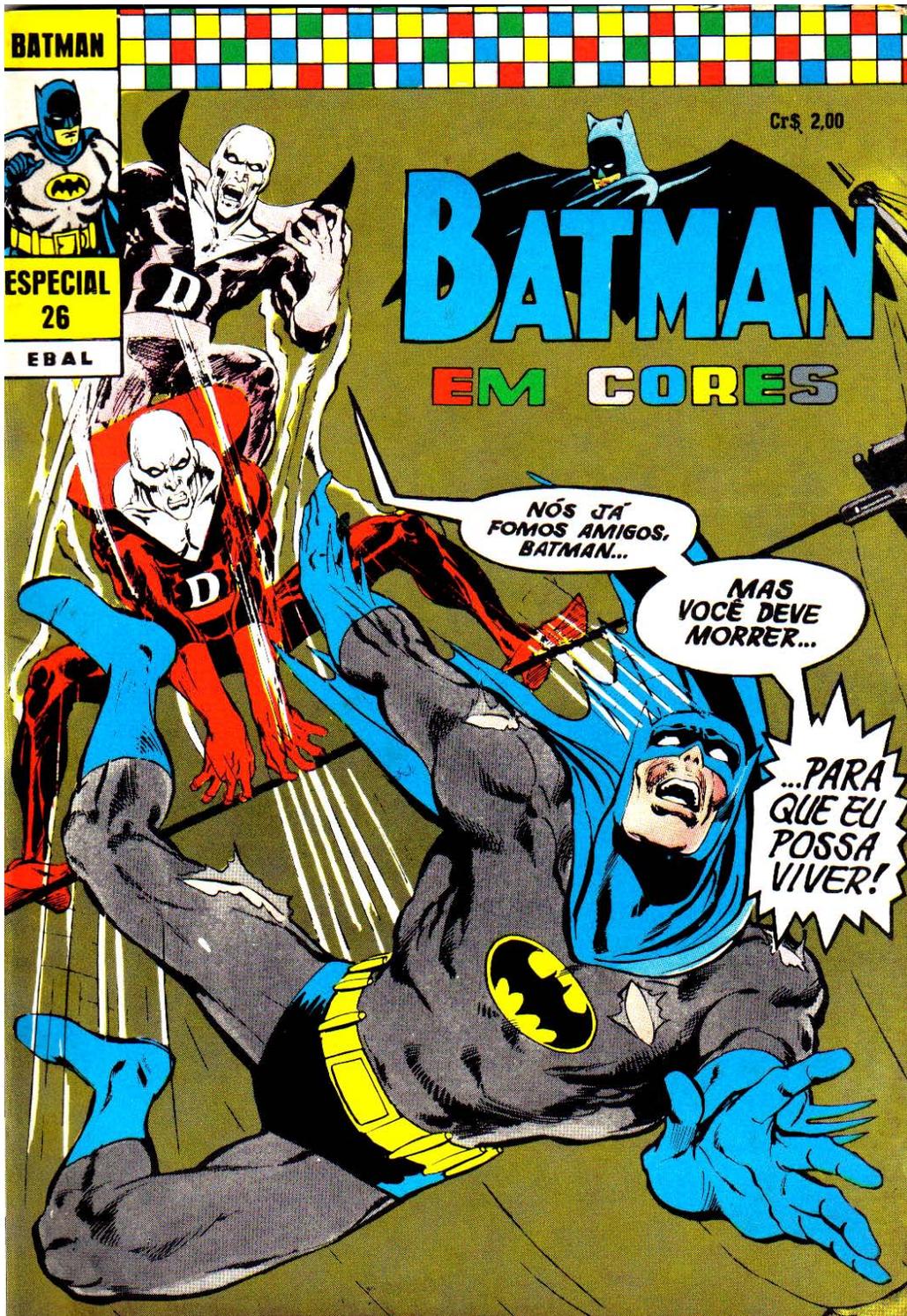
O álbum reúne, em uma "visita imaginária à EBAL", os super-heróis mais conhecidos da época, além de personagens clássicos de HQs e figuras da história nacional, "nossos heróis", como são apresentadas na narrativa personalidades como Pedro Álvares Cabral e Tiradentes. A revista é distribuída gratuitamente para os leitores que recortassem um selo publicado nas contracapas das publicações da EBAL.



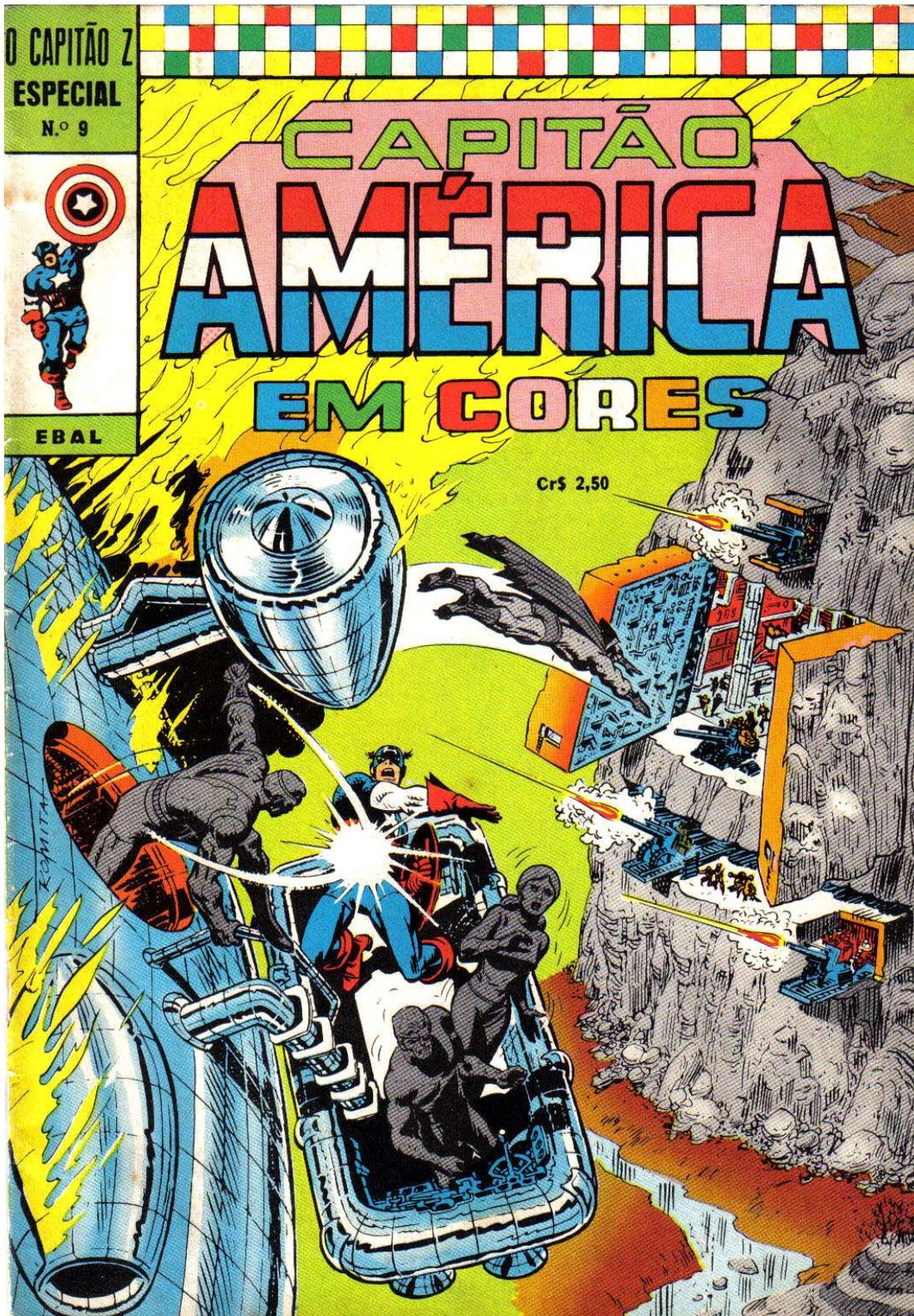
Superman Especial em Cores n° 28, julho de 1973 (EBAL)



O Homem-Aranha em Cores n° 3, maio/junho de 1974 (EBAL)



Batman Cores nº 26, dezembro de 1972 (EBAL)



Capitão América Cores nº 9, novembro/dezembro de 1973 (EBAL)

AIZEN E A NOVA "ONDA" DOS SUPER-HERÓIS

Se na primeira metade da década de 1970 a EBAL torna-se a editora do Brasil mais identificada com os super-heróis das histórias em quadrinhos - uma marca registrada da editora para gerações de leitores -, tal cenário, no entanto, dificilmente seria imaginado apenas dez anos antes.

Em 1960, o mercado brasileiro de revistas de HQs tem apenas três títulos regulares de super-heróis. Dois deles, os mais antigos, são justamente da EBAL: *Superman*, circulando mensalmente desde 1947, e *Batman*, publicado desde 1953.

O terceiro título de super-herói da época é *O Capitão Marvel*, publicado por Roberto Marinho. *O Capitão Marvel* havia sido proibido de circular nos EUA em decorrência do processo movido pela editora de *Superman*, que o acusara de plágio. No Brasil, porém, Roberto Marinho deu continuidade ao título de grande público cativo, utilizando-se da reedição de histórias antigas, além de publicar novas aventuras para o personagem, elaboradas por artistas brasileiros de maneira anônima.

No começo da década de 1960, os títulos *Superman* e *Batman* figuram entre as revistas que mais vendem pela EBAL. Em termos globais, porém, os super-heróis ainda são minoria entre os títulos da editora.

À época, a EBAL publica regularmente dezenas de títulos de histórias em quadrinhos dedicados a diferentes gêneros. Os temas versam desde o faroeste (repleto de "mocinhos" de sucesso, até o humor dito "infantil", como *Mindinho* (com histórias de *Pernalonga*, entre outros), além de inúmeras adaptações históricas e literárias, nacionais e estrangeiras.

Em 1965, a EBAL lança seu terceiro título regular de super-heróis, *Superboy*, com "as aventuras do *Homem de Aço* quando garoto" - as quais inicialmente foram publicadas no Brasil como histórias complementares nas revistas mensais de *Superman* e *Batman*. O pedido para publicação de uma revista própria para *Superboy* era "constante" nas cartas enviadas à editora, como destacou Adolfo Aizen na contracapa de *Superboy* 1 (1ª série, 1965): "a pedidos dos nossos leitores".

Em 1966, mais três revistas da EBAL chegam ao mercado. São, na realidade, versões bimestrais (com o dobro de páginas, 64) das três edições mensais de super-heróis: *Superman-Bi*, *Batman-Bi* e *Superboy-By*. Ainda assim, em 1966, o catálogo de super-heróis da EBAL restringe-se a apenas seis títulos regulares, além das edições especiais. No entanto, a partir de 1967, e ao longo de mais de uma década, a EBAL vem a lançar dezenas de outros títulos protagonizados por super-heróis, tornando-se, no período, a grande editora do gênero no Brasil.

"Os super-heróis tomaram o lugar dos heróis do faroeste", recorda Naumim Aizen, filho de Adolfo Aizen e editor e diretor da EBAL (entrevista, 2003).

SUPER-HERÓIS SHELL: MARVEL NO BRASIL

O ano de 1967 é o marco dessa trajetória editorial, que influenciou gerações de jovens leitores brasileiros. É neste ano que chegam ao Brasil as histórias em quadrinhos do "Universo Marvel" - enfim, seis anos depois da estréia do *Quarteto Fantástico*, em 1961, nos Estados Unidos.

Na realidade, antes de impressos, os personagens da Marvel tornaram-se inicialmente conhecidos no país por meio de um outro veículo de comunicação de massa, a televisão (que vivia então enorme expansão nacional).

Em 1966, estúdios norte-americanos produziram uma série de desenhos animados adaptados de alguns dos mais populares super-heróis da época, justamente personagens da Marvel, como *Capitão América*, *O Homem de Ferro*, *Hulk*, *Namor* e *Thor*.

As animações, basicamente, eram remontagens de quadros originais das HQs dos personagens. E os desenhos chegaram à TV do Brasil antes dos *comics*.

Roberto Guedes, em *Quando Surgem os Super-Heróis*, comenta o lançamento (2004, p. 88):

"A crescente popularidade dos super-heróis Marvel os levou à televisão. Em 1966, a ABC Network começou a produzir desenhos animados do 'Capitão América', 'Thor', 'Hulk', 'Homem de Ferro' e 'Namor'. Um ano depois, já eram sucesso nacional e internacional, sendo lançados no Brasil através de uma ação conjunta da Rede Bandeirantes, a editora carioca EBAL e os Postos Shell (patrocinador oficial). Embora com uma animação rudimentar, os desenhos tinham um charme todo especial, pois a arte era retirada dos próprios gibis e as histórias eram praticamente as mesmas das revistas. Assim sendo, conseguiram captar a essência, a atmosfera e o espírito do Universo Marvel. "

Os representantes, no Brasil, dos direitos autorais dos super-heróis da Marvel procuraram a EBAL para que ela fosse a editora de seus personagens no país, de acordo com depoimento de Naumim Aizen.

"Eles nos disseram que já fazíamos um trabalho excelente com os super-heróis das outras editoras, e, portanto, queriam que a EBAL publicasse as histórias da Marvel", conta Naumim Aizen. (entrevista, 2003).

Os protagonistas das primeiras revistas da EBAL dedicadas aos novos personagens da Marvel são *Capitão América*, *Hulk*, *Namor*, *Homem de Ferro* e *Thor*.

Estampadas como o número "zero", os títulos são distribuídos pela rede de postos de gasolina Shell. As novas revistas, batizadas pela propaganda como "Super-heróis Shell", são as seguintes: Título *Capitão Z*, com aventuras do *Capitão América* e *O Homem de Ferro*, título *Super X* (estrelado por *Hulk* e *Namor*), e *Álbum Gigante (Thor)*.

A notícia do lançamento é veiculada na TV, além das revistas EBAL, cartazes e outras iniciativas. A empreitada ainda reuniu outras empresas, como a Atma, que lança bonecos de super-heróis feitos de plástico vulcanizado, um "objeto de desejo" para os garotos que viam os desenhos e liam as HQs.

Não foram poucos, desta maneira, os garotos que mobilizaram seus pais nos dias que antecederam o lançamento das primeiras edições, distribuídas para aqueles que abastecessem seus carros nos postos da Shell.

Giovanni Danilo Voltolini, empresário da área contábil, que se tornou leitor da EBAL no início dos anos 60, lembra desses dias (entrevista, 2005):

"Em São Paulo, a divulgação foi muito grande, pois a TV Bandeirantes começou a passar os desenhos. Era um tal de passar todos os dias nos postos de gasolina - ia andando mesmo - para saber se as revistas já tinham chegado" .

Os personagens são lançados em novas séries de títulos já existentes, uma prática costumeira de Adolfo Aizen. Outra característica editorial sua era o de começar uma nova série de revistas para uma publicação que atingisse o seu centésimo número.

A publicação do "Universo Marvel" no Brasil passa, desta maneira, a alimentar o imaginário de uma nova geração de leitores brasileiros de histórias em quadrinhos, apresentando personagens diferentes dos tradicionais.

É o caso do editor Franco de Rosa, que começou a colecionar revistas de super-heróis justamente em 1967, quando a EBAL lança as primeiras revistas Marvel no Brasil. De alguma maneira, o garoto viu naquelas histórias algo que não era o mesmo. De acordo com Franco de Rosa (entrevista, 2005):

"Os super-heróis da Marvel eram diferentes. Só depois é que fui saber que o Stan Lee colocou a proposta de vida cotidiana e problemas humanos nos seus super-heróis. Para mim, quando contava com onze anos, quando comecei a ler 'Capitão América', 'Homem de Ferro', 'Thor', 'Hulk' e 'Príncipe Submarino', apenas percebia que as histórias eram diferentes daquelas de 'Batman' e 'Superman' que eu também havia lido. A Marvel apresentava realmente um novo universo aos apreciadores de super-heróis. E quem gostava do gênero, acompanhava as histórias no conjunto. Comprando e colecionando todos os títulos. Porque os personagens secundários e os vilões apareciam em todas as revistas. Os coadjuvantes e os vilões da Marvel eram tão interessantes quantos os heróis. E também os heróis todos faziam aparições esporádicas nas histórias dos outros. Naquele mundo de fantasia Nova York era uma cidade onde as pessoas caminhavam olhando para o alto, sempre vendo algum super-herói em ação. Eu possuía um hábito maluco. Colecionava as histórias 'back ups'. Sempre arrancava as páginas finais dos gibis. Colecionando e encadernando as aventuras curtas que completavam as revistas."

Nos anos seguintes, outros personagens Marvel são lançados pela EBAL, mas com suas aventuras remontando às histórias iniciais dos personagens, publicadas no início dos anos 60 nos Estados Unidos.

Um problema editorial enfrentado pela EBAL ao iniciar a publicação dos super-heróis Marvel no Brasil foi a cronologia interdependente que ocorria nos títulos de Stan Lee.

A EBAL, quando iniciou, em 1967, a produção das revistas dos super-heróis da Marvel utilizou histórias recentemente lançadas nos Estados Unidos (justamente porque muitas delas correspondiam aos desenhos animados exibidos então no Brasil).

"Acho que foi uma decisão muito acertada. Afinal, os garotos conheciam e identificam os desenhos com os novos quadrinhos", conta o editor Roberto Guedes (entrevista, 2004).

Com o advento do "Universo Marvel", cada vez mais, as histórias passaram a serem feitas em continuação, estendendo-se por diversas edições.

Mas quando suas histórias começarem a sair pela EBAL, a editora tinha como tradição (fato várias vezes comentado nas cartas do diretor) a publicação de histórias completas. O que, aliás, era há décadas a "fórmula editorial" adotada pelos *comic books* dos EUA.

Como as histórias dos diferentes personagens Marvel tinham tramas entrelaçadas, com ações ocorridas em um título tendo conseqüências em um outro, a não-obediência à cronologia original dos seus personagens dificultava a compreensão dos leitores.

A vida da Marvel na EBAL foi muito curta quando comparada ao período de publicação dos super-heróis da National/DC. O *Homem-Aranha*, personagem Marvel de maior vida editorial na EBAL, teve publicadas 70 revistas de seu título próprio, entre 1969 e janeiro de 1975, pouco menos de seis anos. Já *Superman*, da National/DC, foi publicado 35 anos de forma ininterrupta pela EBAL, entre 1947 até 1983 (o que faz dele o título de HQ de super-heróis de maior longevidade no mercado brasileiro até a atualidade).

Mesmo assim, por cerca de oito anos, a editora de Aizen publicou para o leitor brasileiro muitas das narrativas seminais e mais marcantes do período em que a Marvel - por meio de Stan Lee, Jack Kirby, Gil Kane, Steve Ditko, Gene Colan, entre diversos outros artistas cada vez mais reconhecidos nos dias de hoje - renovou o gênero dos super-heróis dos quadrinhos, com histórias, personagens e imagens que se inserem na mitologia urbana ocidental do século 20, num processo que se estende até os dias de hoje.



Propaganda da Shell sobre o lançamento dos super-heróis Marvel no Brasil pela EBAL: identidade com o público jovem.

Página seguinte: anúncio da EBAL destacando "os heróis na fossa": *Namor e Hulk*.

INVICTUS — N.º 47 ★ NOVEMBRO 1970 ★ Pág. 34

PRÍNCIPE SUBMARINO e o INCRÍVEL HULK



com suas "fossas" e aventuras, na revista SUPER X

QUARTETO FANTÁSTICO: HERÓIS PÚBLICOS

A equipe de super-heróis *O Quarteto Fantástico*, lançada em 1961, nos EUA, por Stan Lee e Jack Kirby, é responsável pelo início do "Universo Marvel".

No Brasil, porém, o título não integrou a promoção dos "Super-Heróis Shell" da EBAL, de 1967.

Somente em 1969 o Quarteto Fantástico inicia suas aventuras no Brasil, primeiramente na revista de *O Demolidor*, ganhando publicação própria em janeiro de 1970 (sob o título *Estréia*).

A demora deveu-se ao fato do *Quarteto Fantástico* não fazer parte da primeira série de desenhos animados da Marvel.

E quando iniciou as aventuras do grupo no Brasil, em histórias complementares na revista *O Demolidor*, a editora optou por publicar o material desde o início. A revista do *Quarteto* não teve longa vida, sendo editada pela EBAL até o número 21 (de novembro/dezembro de 1971).

Mesmo assim, a EBAL publicou algumas dezenas de histórias que integram justamente os 102 números iniciais do título *Fantastic Four* nos Estados Unidos, fase da revista considerada um dos mais significativos trabalhos da parceria San Lee e Jack Kirby.

"Essas 102 revistas constituem uma obra única, singular, seminal, na história dos *comic books*", diz o artista Michael Allred numa entrevista à revista norte-americana *Wizard* 33(1999, p.84. tradução livre).

O *Quarteto Fantástico* é uma equipe constituída quase que como uma família. Além disso, o grupo tem como característica

singular não esconder as identidades reais de seus membros da sociedade. São os primeiros super-heróis públicos (o que, observado numa perspectiva histórica, representa de alguma maneira as mudanças de comportamento das pessoas diante dos novos meios de comunicação do século 20).

O grupo não vive em uma cidade imaginária, como *Metrópolis*, de *Superman*, e *Gothan City*, de *Batman*. Seu quartel-general está localizado, isto sim, no centro de Nova York, em meio à conhecida paisagem de arranha-céus da megalópole dos EUA. O edifício, constantemente, é cercado pelos fãs. De certa maneira, eles são ídolos *pop* da juventude dos anos 60, tal como aconteceria ao longo da década com outro quarteto, este de Liverpool, *The Beatles*.

São características inéditas até então para o gênero dos super-heróis das HQs. Seus antecessores, os mais famosos, como *Superman* e *Batman*, tinham como mandamento a regra de que os super-heróis deveriam permanecer anônimos. O ocultamento da identidade real do personagem justificava-se, em suas narrativas, por motivos de segurança - o que também pode ser associado à idéia básica que norteou a criação dos primeiros super-heróis, a noção de que o "bem" não apenas deve ser praticado, mas deve sê-lo feito de maneira gratuita, desinteressada, portanto anônima.

Particularmente, *O Quarteto Fantástico* marca a mudança da representação dos super-heróis, antes personagens que faziam o bem de maneira anônima, escondida sob uma identidade secreta, para sua apresentação como figuras públicas, reconhecidos como "celebridades" de um mundo em que é cada vez maior o impacto da mídia e das novas tecnologias tecnologia no cotidiano da sociedade urbana.

Como "celebridades", tornam-se alvo de exploradores, e conhecem a gangorra da exploração da mídia pelo sucesso e fracasso dos nomes que fascinam o grande público, além de enfrentarem problemas muito próximos da realidade.

Reed Richards é o *Senhor Fantástico*, o qual tem o poder de esticar seu corpo a limites desconhecidos; *Sue Storm*, sua esposa, a *Mulher Invisível*; seu irmão, *Jonny Storm*, o *Tocha Humana* - numa versão para o personagem dos anos 40, um andróide que enteva em chamas. Completa a equipe *Ben Grimm* (o *Coisa*, um ser de grande força mas disforme, assustador, talvez o personagem mais complexo do grupo, por seu drama pessoal).

Para *Bradford W. Wright*, em *Comic Book Nation - The Transformation of Youth Culture in América*: "Jamais um *comic book* havia apresentado a idéia de que possuir o poder de um super-herói significaria alienar-se da espécie humana" (WRIGHT. 2005, tradução livre).

Outro problema que interfere nas tramas da equipe está o fato de que de que combater o crime (ou ainda "ameaças cósmicas") exige enormes quantias de dinheiro.

Em uma de suas histórias publicadas pela EBAL, o *Quarteto Fantástico* da EBAL encontra-se sem condições de pagar o aluguel do edifício onde está instalada sua base. A solução para evitar o despejo é aceitar um convite para filmar em Hollywood. Conflitos superados durante a produção, a fita torna-se sucesso de público e crítica (como é apresentado em ilustração a seguir).

Em 1972, a EBAL perde os direitos do *Quarteto Fantástico* para a GEA (Grupo de Editores Associados). Trata-se de uma pequena editora paulista que lança apenas três edições do grupo, além de mais algumas edições estreladas por outros personagens

Marvel: *O Homem de Ferro, Namor e Demolidor*. Os títulos da GEA são impressos em papel jornal colorido e capas bastante semelhantes aos originais *comic books*.

Em 1973, o *Quarteto Fantástico* volta para a EBAL. Agora, complementando a revista *O Homem-Aranha* (a mais popular dos super-heróis Marvel da EBAL), que passa a ter 64 páginas (números das edições).

Será no título do *Homem-Aranha* que o *Quarteto Fantástico* terá publicada no Brasil uma série de aventuras consideradas, atualmente, o ápice criativo da dupla Jack Kirby e Stan Lee à frente do grupo. Muitos leitores apontam a saga em que o *Quarteto Fantástico* enfrenta o devorador de Mundos *Galactus*, e seu arauto, o *Surfista Prateado*, como o momento maior das histórias do grupo. A saga foi publicada pela EBAL em *O Homem-Aranha* 63, de 1974 (cerca de oito anos depois de seu lançamento nos EUA). A última aventura do *Quarteto* pela EBAL saiu em *O Homem-Aranha* 69, de dezembro de 1974.



O Quarteto Fantástico 13 Estréia, página 25, janeiro 1971 (EBAL): super-heróis como “celebridades”

O fabuloso QUARTETO FANTÁSTICO deve resolver o enigma de...

ESSE HOMEM... ESSE MONSTRO!

HISTÓRIA:
STAN LEE
DESENHOS:
JACK KIRBY
ARTE-FINAL:
JOE SINNOTT

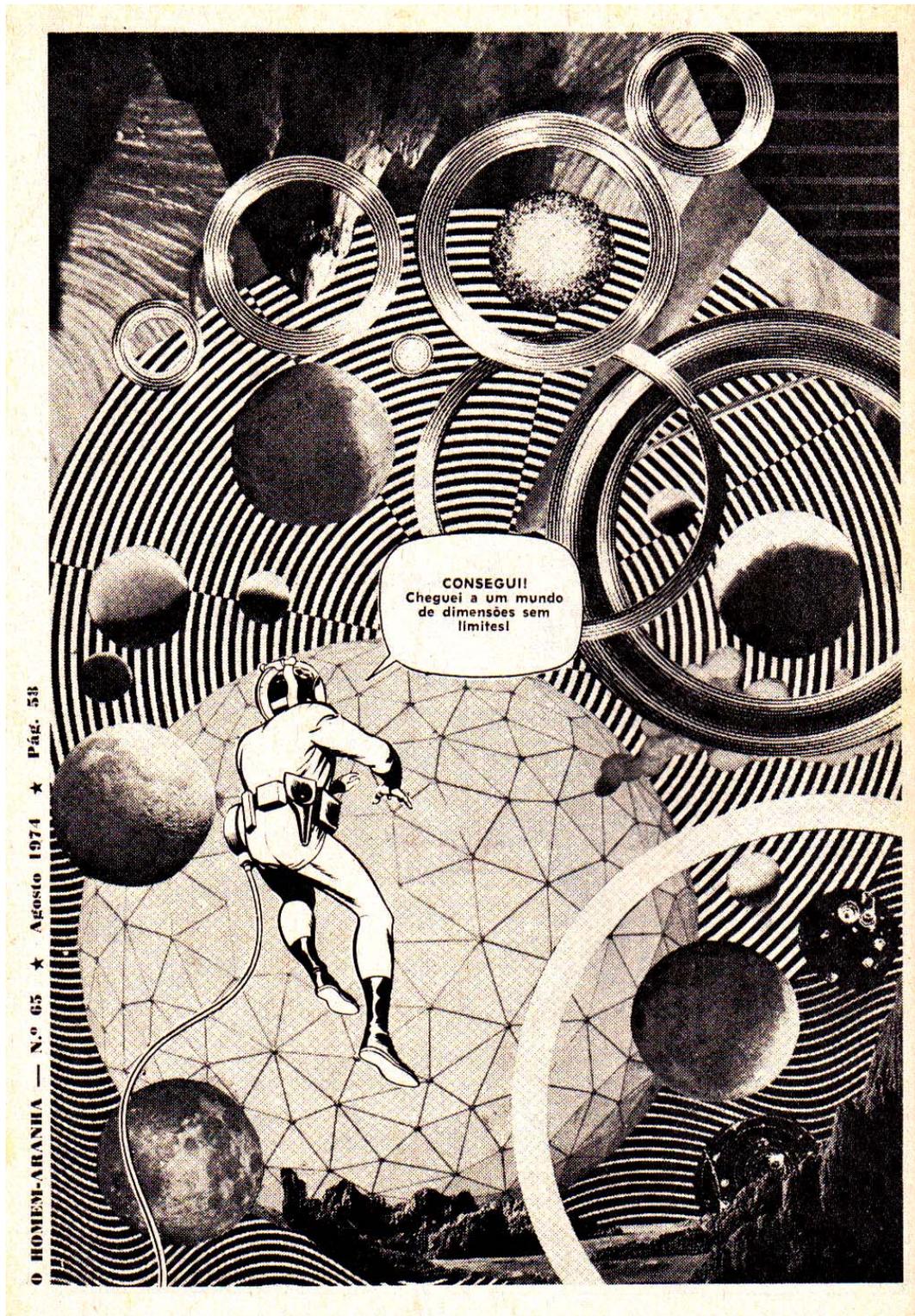
O HOMEM-ARANHA — N.º 65 ★ Agosto 1974 ★ Pág. 45



O Coisa: um super-herói alienado da condição humana. *O Homem-Aranha 65*, agosto de 1974(EBAL).



Quarteto em *O Homem Aranha* 64, página 45 : quadrinhos épicos



Experiência gráfica de Jack Kirby: *Quarteto* em *O Homem-Aranha* 65, página 58, agosto 1974 (EBAL).

HOMEM-ARANHA: IDENTIDADE COM OS JOVENS

O *Homem-Aranha* estreou no Brasil na revista estrelada por *Thor* (em *O Álbum Gigante*, nº 11, 1968). A capa da edição anunciava um "herói diferente". Enfim, chegava ao Brasil o mais popular super-herói da Marvel, cujas características o tornaram sucesso entre os jovens da época (num processo que continuaria nas décadas seguintes, até colocar o *Homem-Aranha* num patamar de igualdade aos mais clássicos super-heróis de todos os tempos, *Superman* e *Batman*).

Lançado em 1962 por Stan Lee e Steve Ditko, em sua identidade comum, o herói é um estudante, Peter Parker, problemático, tímido, de difícil relacionamento social e sempre sem dinheiro. Torna-se fotógrafo e descobre que pode utilizar uma máquina fotográfica - pendurada com suas teias - para registrar imagens do *Homem-Aranha* em ação. Fotos que vende para o dono do jornal que mais odeia o super-herói, que usa da imagem do super-herói (sempre denegrida em editoriais) apenas para aumentar suas vendas.

Entre outras histórias do *Homem-Aranha* publicadas pela EBAL, destacam-se algumas do período inicial do personagem, com roteiro de Stan Lee e desenhos de Steve Ditko. Em uma delas (republicada anos depois), o *Homem-Aranha* derrota o vilão *Homem-Areia* (recolhido por um aspirador - o humor era uma das características de suas aventuras).

Mas o super-herói havia se esquecido de sua câmera para registrar a ação. A necessidade de vender suas fotos, porém, faz com que ele manipule a realidade, recriando o combate com terra jogada ao ar. O personagem não mostra maiores escrúpulos em recorrer ao estratagema, afinal, aquele dinheiro serviria para a resolução de seus problemas domésticos, o que, em sua

concepção, torna a "montagem" fotográfica um ato legítimo de sua parte.

O *Homem-Aranha*, costumeiramente, é perseguido pela polícia (mesmo se fazendo "o bem") e visto negativamente pela sociedade em geral. Em uma de suas histórias publicadas pela EBAL, um vilão passa-se por Homem-Aranha para incriminar o super-herói. A estratégia rende resultado, com o Homem-Aranha sendo declarado "ameaça pública". Sem entender o que ocorre, o Peter Parker imagina-se com a personalidade dividida, ou algo assim, recorrendo à ajuda de um psiquiatra (de quem depois foge com medo de revelar sua identidade secreta).

Em números posteriores, a arte de John Romita e Gil Kane trouxe uma abordagem mais dramática e sombria para o personagem. Os roteiros tornaram-s então mais realistas, com a introdução de temáticas como comentários críticos à Guerra do Vietnã, problemas estudantis e uso de drogas entre os jovens. Um dos principais amigos de Peter Parker, Harry Osborn, vive o drama do vício, sendo retratado em quadrinhos que mostram o personagem vivenciando alucinações provocadas pelas drogas.

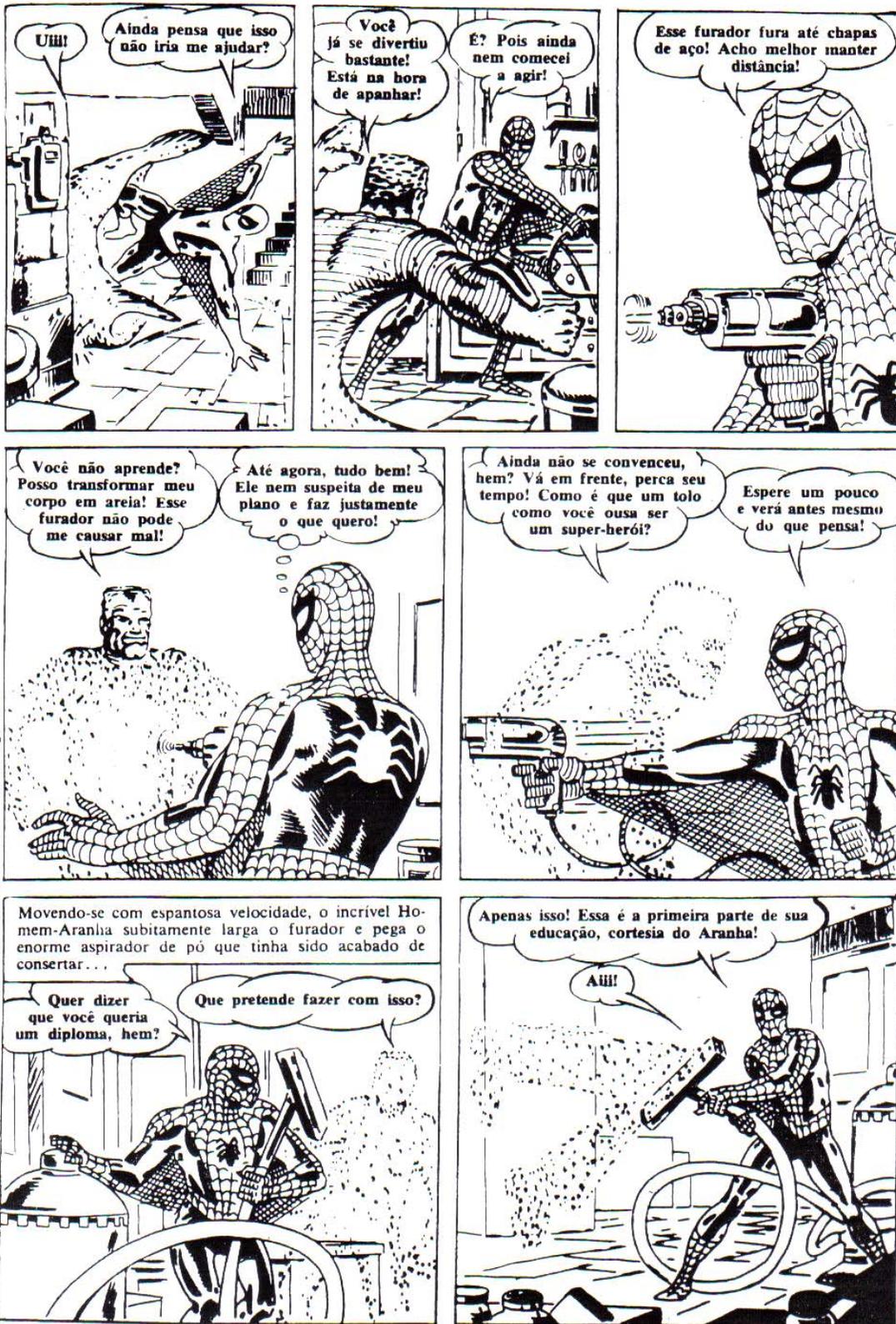
A seqüência de histórias que envolvem a morte da namorada de Peter Parker pelo *Duende Verde*, assim como sua injusta condenação promovida pela imprensa são um exemplo do uso do monólogo teatral, recurso de linguagem que caracteriza os personagens problematizados do período.

"Homem-Aranha virou uma autêntica novela, que teve como ponto culminante a morte de Gwen Stacy, a namorada do herói. E suas conseqüências, onde o vilão Duende verde, que matou a mocinha é destruído pelo Aranha. Fatos jamais antes experimentados nos quadrinhos. Totalmente arrebatador."

(ROSA, Franco, entrevista, 2005)



O Homem-Aranha vai ao psiquiatra: O Homem Aranha 9 dezembro 1969



Homem-Aranha enfrenta *Homem Areia* em aventura marcada pelo humor. (Página seguinte): O herói (e fotojornalista), ao perceber que não registrou as imagens da luta, não sente receio em simular a realidade, fotografando uma montagem feita pelo próprio do recente combate (transformado em notícia). A imagem jornalística como manipulação da realidade. História de Stan Lee. Arte de Steve Ditko.

Revista O Homem-Aranha n.º 58, janeiro de 1974, páginas 61 e 62 (EBAL).



O HOMEM-ARANHA — N.º 58 ★ Janeiro 1974 ★ Pág. 62



O HOMEM ARANHA

N.º 64
(1.ª Série)
64 Páginas
Cr\$ 4,00

e O CABEÇA-DE-MARTELO!

E, NESTE NÚMERO:

O ARANHAMÓVEL
(finalmente!)
e duas histórias de
O QUARTETO FANTÁSTICO!

EBAL



O Homem Aranha 45, dezembro 1972, página 40: drogas surgem nos quadrinhos de super-heróis.

CAPITÃO AMÉRICA: UM HERÓI ANACRÔNICO

O *Capitão América* ressurgiu nos quadrinhos dos anos 60 também pelas mãos de Stan Lee e Jack Kirby. Para "explicar" o seu desaparecimento nas décadas anteriores, os artistas criam uma história na revista do grupo de heróis *Os Vingadores*, na qual a referida equipe encontra, em meio a uma missão nos extremos do mundo, o corpo do *Capitão América* congelado e preservado por enormes geleiras.

Graças ao soro que havia tomado, o *Capitão América* permanece vivo durante as décadas de congelamento. Revivido, o herói passa a integrar o grupo dos *Vingadores* e logo ganha aventuras próprias. No entanto, ele não é mais o mesmo personagem, o soldado que tinha certeza de sua missão, que acreditava em seu discurso. É justamente este período de histórias do personagem que é publicado no Brasil pela EBAL.

Sentindo-se deslocado em um mundo diferente do que vivera, cheio de novidades tecnológicas e comportamentos "estranhos", ele ainda carrega a culpa pela morte de seu jovem companheiro *Buck*, ocorrida num dos últimos combates da Segunda Guerra. Perseguido pelos fantasmas do passado, sem entender o mundo da Guerra Fria, no qual vê compatriotas seus - em especial as novas gerações - saindo às ruas para protestar contra a Guerra do Vietnã e pedir pela paz mundial, o *Capitão América* entra em crise existencial.

Antes, como soldado, sua única missão era lutar por seu país. Mas no final dos anos 60, ele já não sabe mais qual é a sua tarefa. Os mais jovens deboçam da sua figura ao se depararem com cartazes de antigos ídolos do cinema ao lado da imagem do *Capitão América*. A rebeldia toma o lugar da certeza da guerra, e o soldado não sabe mais lidar com isso.

Talvez o momento mais marcante desta fase do personagem seja uma seqüência de histórias escritas por Stan Lee e desenhadas por Gene Colan no final dos anos 60 e começo dos 70, como nas páginas dos trechos de histórias reproduzidos a partir da página seguinte.

CAPITÃO AMÉRICA, LENDA VIVA DA II GUERRA MUNDIAL

MISSÃO CONTRA OS CENTAUROS MOTORIZADOS

UM HOMEM SÓZINHO CONTRA UMA TERRÍVEL QUADRILHA DE MOTOCICLISTAS! PARECE HAVER MUITA DESPROPORÇÃO, MAS...

... SUCEDE QUE ESTE HOMEM É O... CAPITÃO AMÉRICA!

COMEÇO A SENTIR-ME COMO UM PRISIONEIRO!

PM 4 S/A/R

PRECISEI SAIR... FAZER QUALQUER COISA!

HISTÓRIA: DESENHOS: STAN GENE LEE COLAN

O CAPITÃO Z
(Edição especial em cores)
Propriedade da
Editora Brasil-América Limitada
Diretor Geral: Adolfo Aizen
Diretor-Gerente: Paulo Adolfo Aizen
Diretor-Secretário: Naumim Aizen
Diretor Industrial: Fernando Albagli

Escritório, Redação e Oficinas
Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
ZC-08 — Telefone 264-6212 (rede interna)
São Cristóvão — Rio de Janeiro (Gb)

Trademark and © Copyright (1969)
1970, Marvel Comics Group. Todos os
direitos reservados.

Distribuidores na Guanabara
Irmãos Villardi & Lobianco
Rua da Constituição, 5

Distribuidores em S. Paulo, Capital
Agência Modesto
Viaduto Santa Ifigênia, 277

Distribuidores para o Interior
Editora Brasil-América Limitada

Capitão América Cores 2, julho 1970 (EBAL): "super-herói dinossauro" (acima e a seguir)

NORMALMENTE, EU IRIA DIRETO AO Q.G., VER SE FURIA TEM ALGUMA MISSÃO...

...E VER SHARON!

MAS JA' ESTOU CANSADO DE TRABALHAR PARA A SHIELD!

CONTINUE A LER, LEITOR... E NÃO SE DECEPCIONARA! O MELHOR AINDA NÃO CHEGOU!

MAS JA' E TEMPO DE DEIXAR DE SENTIR PENA DE MIM MESMO!

ESTOU NA FLOR DA IDADE, EM PLENA FORMA, E COM UMA REPUTAÇÃO DE QUE QUALQUER UM SE ORGULHARIA!

PORTANTO, STEVE ROGERS VAI ESQUECER O PASSADO E COMEÇAR A GOZAR A VIDA!

QUE HAVERA NAQUELA VITRINA?

LIMA EXIBIÇÃO DE "POSTERS"...

... DE ANTIGOS IDOLOS DO CINEMA!

W.C. FIELDS... GABLE... EU ERA UM GRANDE FA DELES!

EI! NÃO ESPERAVA ISTO!

ÔBA! JA' VIU ESTE, SAM?

RIDÍCULO, HEM?

NÃO PARECE UM "QUADRADO"?

É MAIS AINDA!



ÉLE DEVE TER-SE EXTINTO COM OS DINOSAURÓS!

COMO SE SENTIRIA UM FOSSIL DESSES?

É MELHOR DO QUE SER UM JOÃO-NINGUÉM!



VAMOS COMPRAR UM?

PARA QUÊ? NEM AO MENOS TEM GRAÇA!

CONCORDO!



JÁ CHEGA! VOU ACABAR TENDO UM ACESSO!

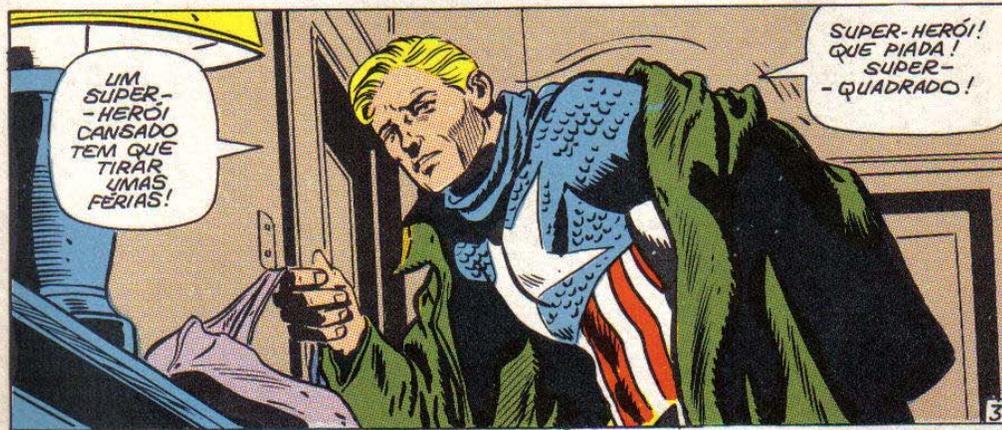


VOU ABANDONAR ESTE PULGUEIRO E PARTIR PARA O DESCONHECIDO!

E QUANTO ANTES MELHOR!

E QUANTO A SHARON...

... QUANTO MAIS LONGE DELA EU FICAR, MELHOR!



UM SUPER-HERÓI CANSADO TEM QUE TIRAR UMAS FÉRIAS!

SUPER-HERÓI! QUE PIADA! SUPER-QUADRADO!

3

NOVOS SUPERMAN E BATMAN NA EBAL

A virada dos anos 60 para os 70 é o momento em que, nos Estados Unidos, a DC Comics reage – por meio de seu editor Julius Scharwtz – ao crescimento cada vez maior da Marvel no mercado de quadrinhos. Um processo que abrange experiências com personagens coadjuvantes, como *O Desafiador*, passando por *Lanterna Verde* e *Arqueiro Verde*, até chegar à renovação de *Superman* e *Batman*, particularmente, no começo da década de 1970.

Novamente coube à EBAL o pioneirismo de ter lançado pela primeira vez no Brasil muitas das histórias mais significativas da época.

O editor e artista Franco de Rosa, que leu as histórias dessa época em seu lançamento no Brasil, comenta as transformações dos antigos super-heróis. (entrevista, 2005):

"Felizmente a DC Comics seguiu a trilha inovadora da Marvel e adaptou seus personagens para o tipo de histórias mais realistas, implantadas por Stan Lee. Assim Batman perde a parceria de Robin, Superman tem seu alter ego Clark Kent reformulado, passando a ser um repórter de TV, Diana, a Mulher Maravilha perde seus poderes, e passa a atuar como uma agente especial. Lanterna Verde e Arqueiro Verde tornam-se autênticos representantes da filosofia 'hippie'. 'Superboy', 'Supergirl', 'A Legião dos Super-heróis', 'Batgirl', 'Robin' e a 'Turma Titã' ganham mais espaço em histórias antológicas. São os super-heróis adolescentes que passam a conquistar a atenção do público leitor na DC. 'A Legião dos Super-heróis' e 'Turma Titã' eram meus títulos preferidos da DC. Os dois gibis eram publicados pela EBAL em preto e branco. E apresentaram histórias memoráveis, também porque as vidas comuns dos personagens, quando não utilizavam super-poderes, despertavam tanto interesse, ou mais que os seus super-feitos. (...) A continuidade da Marvel. E os super-heróis renovados com a Era de Prata, da DC, além de outros, como da Charlton ('Judô Máster') e Gold Key ('Might Sanson'), fizeram eu reservar um espaço, cada vez maior para os super-heróis no meu armário de livros."

Superman é renovado por uma equipe que reúne os desenhistas Curt Swann e Murphy Anderson, o roteirista Cary Bates e o editor Julius Schwartz.

Para começar, *Clark Kent*, repórter da imprensa escrita, ascende à posição de "âncora" de televisão. E em suas aventuras, o *Homem de Aço* (como sempre foi conhecido *Superman*) agora demonstra limites no alcance de seus poderes.

Em uma aventura publicada pela EBAL na primeira metade dos anos 70, *Superman* chega a se reconhecer impotente para resolver os problemas de um mundo atolado em crises, guerras e pobreza (imagens reproduzidas a seguir).

Já Batman, cuja caracterização nos anos 50 e 60 realçava o lado humorístico das histórias, ganha novamente uma caracterização sombria. Suas novas aventuras - desenhadas por Neal Adams e escritas por Dennis O'Neill, e, depois, Bob Haney, tornam-se mais realistas e violentas.



Superman 4ª Série 1, setembro de 1972 (EBAL):

desenho de Neal Adams traz sensualidade inédita ao *Homem de Aço*.



Superman 4ª Série 1 Página 7 (EBAL). Acima e a seguir: personagem expressa sua impotência diante dos grandes problemas da humanidade.



**Sim... Tudo
isso, infelizmente,
é verdade!
Seriam necessários
milhares de
Super-Homens
para solver esses
problemas!**

O sucesso dos super-heróis brasileiros ao final dos anos 60 leva a EBAL, no início da década seguinte, a lançar um personagem brasileiro, *O Judoka*, um mestre em artes marciais, que traja uma roupa inspirada na bandeira do Brasil. Outras editoras lançam então mais super-heróis nacionais, o que proporciona, por alguns anos, um novo mercado de trabalho para os quadrinistas brasileiros.

Franco de Rosa, que iniciou sua coleção de quadrinhos de super-heróis com o lançamento dos personagens Marvel, lembra que naqueles anos, o universo do gênero para o leitor era algo amplo, além de um selo editorial norte-americano, confundindo-se com a própria produção nacional de histórias de super-heróis da época. (entrevista, 2005)

Não foram só os heróis da Marvel que me fizeram colecionar os gibis de super-heróis. Também foram 'Elektron', 'Gavião Negro', 'Flash', 'Os Justiceiros' ('Liga da Justiça') e 'Solar'." E ainda os brasileiros 'Skorpião', 'Fikon', 'Super-Heros' e 'Pabeyma' que para mim era o que possuía o melhor roteiro. Eu não fazia distinção entre brasileiros e estrangeiros. Para mim super-heróis era um gênero. Eu não sabia como eram criados os quadrinhos. Gostava das histórias e dos desenhos.



Acima e seguir: *Thor* em "Aproxima-se Ragnarok!": quadrinhos épicos e mitologia no mundo dos super-heróis. História de Stan Lee. Desenhos de Jack Kirby. Arte-final de Vince Coletta. *Revista A Maior*, 1ª série, nº 20, p. 47 e 54. Junho e Julho de 1972 (EBAL).

O PODEROSO THOR

APROXIMA-SE

RAGNAROK!



A MAIOR (BIMESTRAL) — N.º 20 ★ JUN.-JUL. 1972 ★ Pág. 47

Eis o monstruoso Mangog, possuidor da força de bilhões de guerreiros! Se chegar a Asgard e desembainhar a espada de Odin, o Universo inteiro perecerá!

Só Thor permanece aqui, tentando detê-lo! E conseguirei isso, ou não sou o filho de Odin!

História de STAN LEE
Desenhos de JACK KIRBY
Arte-final de VINCE COLLETTA

"O DESENHO PASSO A PASSO"

Coleção HQ - N.º 4

Seja um ás do desenho, aprendendo-o, por meio de histórias-em-quadrinhos. Um método simples, que dá resultado!

Peça-o pelo Reembolso Postal, à Editora Brasil-América

Cr\$ 2,00



NOTÍCIAS EM QUADRINHOS

Para o editor Roberto Guedes (entrevista, 2004): "Além de bem cuidadas graficamente, as publicações tinham muito respeito pelo seu público. O melhor era a seção de cartas 'Notícias em Quadrinhos' publicada nas contracapas das revistas".

Adolfo Aizen, ao longo da história da editora, desenvolveu o hábito de conversar com o leitor da EBAL por meio de textos publicados nas contracapas das revistas.

Entre os anos 50 e 60, o espaço serviu como uma "bancada" de Aizen em favor dos quadrinhos, no contexto de luta para dar legitimidade social a esta forma de linguagem, tão criticada na época. Uma figura gráfica, um bonequinho comprido, era a representação do diretor da EBAL.

O editor e escritor Fernando Albagli, que trabalhou como diretor industrial de Aizen, depois de fazer carreira na editora, lembra a atenção do jornalista com as cartas recebidas. "Sempre que possível, ele fazia questão de escrever as respostas", recorda Albagli (entrevista, 2004).

As páginas endereçadas ao leitor ganharam um novo status editorial a partir de 1967, com a denominação da página (sempre na contracapa) como "Notícias em Quadrinhos".

Além de respostas às questões dos leitores, o espaço apresentou reportagens de publicações nacionais e estrangeiras sobre os rumos dos quadrinhos na época - com destaque para as transformações sofridas pelos super-heróis naqueles anos. Adolfo Aizen também informava sobre HQs bem-sucedidas de público, em especial, de autores nacionais, como Maurício de Sousa (da *Turma da Mônica*), mesmo se esses fossem publicados por concorrentes.

Nas "Notícias em Quadrinhos" o leitor também acompanhava as novidades programas pela EBAL para a temporada. Assim como em 1970 foram comemorados os 25 anos da EBAL, com a promoção da revista *Chamada Geral*, em 1974, Aizen fez grande divulgação dos quarenta anos de lançamento do *Suplemento Juvenil*.

Em 1974, diversas publicações especiais em quadrinhos são anunciadas para a celebração, algumas sem similares no Brasil até então: reedições em álbuns de luxo de aventuras clássicas de *Flash Gordon*, de Alex Raymond, e *Tarzan*, de Harold Foster, além de um álbum dedicado à recontagem da origem de Tarzan, desenhada por um dos mais renomados autores de super-heróis, Joe Kubert. Mês a mês, Aizen comenta com seus leitores as novidades que estão para chegar, com detalhes históricos e sobre os aspectos gráficos das publicações.

O grande lançamento de 1974, de acordo com o próprio Aizen, é o álbum de luxo, em formato gigante (aberto mede quase um metro de extensão), da primeira série das tiras de *Flash Gordon no Planeta Mongo*. Editada em formato vertical, para reproduzir as tiras nas suas dimensões originais, o livro ganha capa dura, textos introdutórios, além uma edição minuciosa, como destaca Aizen nas "Notícias em Quadrinhos" (o que incluiu a restauração das primeiras pranchas de Flash Gordon feitas por Alex Raymond, algo não-realizado, até então, mesmo nos EUA e na Europa).

Em 1975, por volta de um ano e meio depois do lançamento do álbum, as "Notícias em Quadrinhos" estampam, com indisfarçável orgulho, comentários elogiosos ao álbum *Flash Gordon no Planeta Mongo* recebidos de personalidades internacionais do universo das histórias em quadrinhos, como cartas de Will Eisner e Burne Hogarth, reproduzidas em sua íntegra.

NOTÍCIAS em QUADRINHOS

O HERÓI HUMANIZADO

O *Jornal do Brasil* (13-14/6/71), do Rio de Janeiro, em seu Caderno Especial, publicou a seguinte nota, com o título *O Herói Humanizado*:

"A história-em-quadrinhos norte-americana está em transformação, para adaptar-se à mentalidade das novas gerações. O *New York Times Review* destaca que depois do sucesso de um número experimental de *O Arqueiro Verde*, com o super-herói defendendo moradores de um bairro negro contra proprietários arrogantes, o *Capitão América* foi viver o explosivo dia-a-dia de um campus universitário, o *Homem-Aranha* tornou-se anti-racista e todos se integraram na luta contra a poluição ambiental.

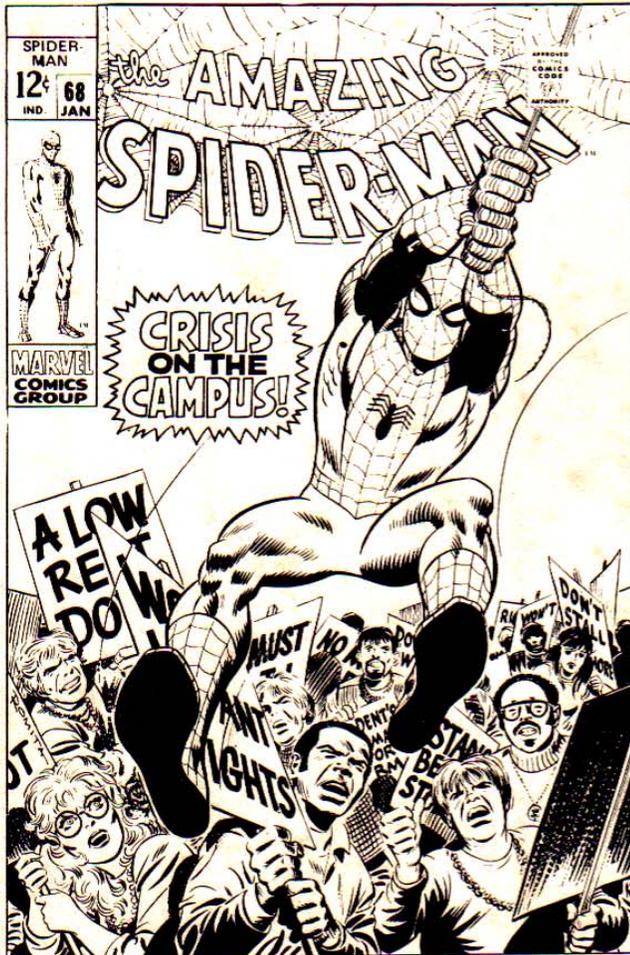
"Os melhores autores de quadrinhos parecem ter arquivado em definitivo os roteiros maniqueístas, onde o Bem e o

Mal eram rigidamente definidos, a favor de uma aproximação maior do comportamento humano real, com personagens possuindo ao mesmo tempo qualidades e defeitos. Os vilões deixam de ser inteiramente maus e os bons já não são inteiramente imaculados.

"A preocupação com a humanização dos super-heróis não é nova. Em 1961, Stan Lee dizia ao editor da *Marvel Comics*: "Façamos com que os nossos heróis falem e ajam como pessoas, discutam de vez em quando, tenham problemas de consciência. Só porque possui alguns superpodêres, um sujeito não pode ser nervoso ou sofrer de sinusite?" Depois disso, não poucos heróis passaram a resfriar-se e a ter problemas de fossa.

"Dez anos depois, Carmine Infantino, redator da *National Comics*, propôs um novo passo: "Vamos abrir as portas dos comics aos interesses dos jovens de hoje, que são muito mais sofisticados do que se pensa".

"Alguns assuntos abordados recentemente em revistas da *National Comics*: as reservas indígenas, a família Manson, e o julgamento dos *Panteras Negras* em Chicago."



Esta é a capa de um dos próximos números de *O Homem-Aranha*, que expressa um dos problemas tratados acima.

NOTÍCIAS em QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES LTDA. MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES LTDA. MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES



São Paulo, 31 de julho de 1970.



Ilmo. Sr.
Adolfo Aizen
Rua Gal. Almérico de Moura, 302
Rio de Janeiro - GB



Prezado

"Tio" Adolfo Aizen:



Estou, aqui de São Paulo, feliz da vida com as comemorações dos 25 anos da EBAL.

Participo da festa como um aluno da escola onde aprendi muita coisa de bom e útil, principalmente para minha atual atividade.



Viva a EBAL

E receba um abraço do

Maurício

Maurício de Sousa é o autor consagrado de Mônica e outros personagens de histórias-em-quadrinhos nacionais. Grande trabalhador, grande caráter, grande capacidade de criação, muito devem as crianças brasileiras a esse Walt Disney indígena. E o "Tio" Aizen retribui o abraço.

De Jorge Alves de Oliveira (Gb), recebemos as seguintes perguntas: 1) Quem fundou a Legião dos Super-Heróis? 2) Quem fundou a Ebal? 3) Porque não saem duas vezes as Notícias em Quadrinhos? 4) Quais os piores inimigos de Batman e Super-Homem? 5) Mônica dos Sonhos pertence à Legião?

E eis as respostas: 1) Rapaz Relâmpago, Mônica de Saturno e Rapaz Cósmico. 2) O Jornalista Adolfo Aizen. 3) Seria difícil repeti-las, devido à falta de espaço e às numerosas cartas que recebemos. 4) Respectivamente, Coringa e Lex Luthor (mas há muitos outros). 5) Sim.

Em outubro, comemora-se a Semana da Criança. E, também, a Semana do Livro. Em outubro, ofereça um livro a cada Criança que você estima.

José Reginaldo de Salles Carvalho, da Guanabara, escreve-nos perguntando o seguinte: "1) Quais são os membros da Legião dos Super-Heróis Substitutos, e quais os seus poderes? 2) Se os heróis da Liga da Justiça são os mesmos da revista Justiceiros, porque não fazem mais as duas revistas?"

Resposta: 1) Rapaz Polar: tem o poder de gelar tudo; Mônica da Noite: tem os mesmos poderes de Superboy, mas só pode usá-los no escuro, fora da influência de alguma estrela; Rapaz de Pedra: pode se transformar em pedra a uma simples ordem mental; Rapaz Clorofila: pode fazer crescer todos os vegetais à vontade; Rapaz de Fogo: queima tudo, queira ou não-ê ele está desenvolvendo ainda o controle de seu hálito calorífero; Rapaz das Côres: pode mudar as côres de tudo. 2) Primeiro: não há duas revistas com os Justiceiros, que eram publicados apenas na revista Quadrinhos; segundo: a revista deixou de circular em dezembro do ano passado.

Mais "Notícias em Quadrinhos" aparecem em outras revistas da EBAL.

FORMATINHO, ANOS DA QUEDA, E AINDA LANÇAMENTOS

Em 1976 as revistas coloridas da EBAL, justamente seus títulos mais atrativos, adotam o padrão de impressão em "formatinho", a tendência dominante então no mercado nacional. Naumim Aizen lembra: "Todas as editoras já publicavam em formatinho, o que tivemos que adotar, pois as revistas em formato grande tornaram-se caras demais na época". (entrevista, 2003).

Os super-heróis conhecem nas revistas em "formatinho" o seu derradeiro período de publicação pela EBAL, o qual se estenderia até o começo da década de 1980. Mesmo assim, novos leitores ainda são formados pelos novos títulos lançados na época, como *O Monstro do Pântano*, *Jonah Hex*, *O Guerreiro*, *Sargento Rock*, além dos personagens consagrados pela editora em suas versões agora em "formatinho", como *Superman* e *Batman*.

Gazy Andraus recorda este tempo (entrevista, 2005):

"Quando comecei a comprar os quadrinhos e super-heróis a fase já era do formatinho. Da EBAL, eu adquiria Shazam, Desafiador, Super-Duplas, ficava atrás das HQ da legião de super-heróis, pela criatividade dos roteiros. Também lia as revistas da Abril, Heróis da TV, e da RGE, Almanaque Marvel.

Ainda durante o período do formatinho, a EBAL lança álbuns gigantes estrelados pelos super-heróis, versões nacionais das chamadas edições *Treasury* dos EUA - novamente com uma qualidade gráfica superior à dos originais dos EUA, entre eles o primeiro encontro entre personagens da Marvel e DC Comics, um álbum gigante estrelado por *Superman* e *Homem-Aranha*.

"Embora o formatinho tivesse virado padrão, esses álbuns gigantes eram uma alegria para quem gostava dos super-heróis", lembra o jornalista Sidney Gusman (entrevista, 2005).

Na segunda metade da década de 1970, no entanto, o poder econômico da concorrência (grupos de comunicação com outros produtos, além dos quadrinhos) mina cada vez mais o vigor editorial da EBAL. A partir daí, a editora inicia sua lenta retirada do mercado de HQs.

Em 1975, a EBAL perde definitivamente os direitos de publicação dos personagens da Marvel. A Revista *O Homem-Aranha 70* é a última edição da Marvel Comics pela EBAL (tendo circulado com a data de janeiro de 1975). Depois de divididos com outras editoras menores, os super-heróis da Marvel deixam para sempre a EBAL, adquiridos pela Bloch.

Em 1984 termina o contrato da EBAL com a DC. E editora carioca não demonstra interesse em renová-lo. "A DC queria que continuássemos a publicar seus personagens, pela tradição no mercado brasileiro. Mas meu pai decidiu não renovar o contrato", lembra Naumim Aizen (entrevista, 2003).

Mesmo sem seus super-heróis, a EBAL ainda atravessa a década de 1980 lançando títulos de importância para a bibliografia nacional de história em quadrinhos. A EBAL, no período, por exemplo, dá continuidade à publicação de álbuns de luxo com reedições de autores clássicos, com destaque para as coleções de *Flash Gordon* e *Príncipe Valente*.

Adolfo Aizen, dessa maneira, jamais deixa de inovar na publicação de histórias em quadrinhos no Brasil.

"Li super-heróis quando criança, mas logo me cansei. Procurava coisas diferentes, fora das fórmulas dos heróis. E a EBAL também publicou excelentes quadrinhos, nada convencionais, como a revista *AD 2000*, *Monstro do Pântano* e *Plop*", diz Rogério de Campos, jornalista e diretor da editora Conrad (entrevista, 2005).

A partir do final da década de 1960, e até início dos anos 80, a EBAL lança ainda trabalhos de artistas europeus contemporâneos, como Esteban Maroto, cujas histórias apresentam um conteúdo de representação sexual de uma intensidade jamais vista na história da editora.

No lançamento do álbum *Korsar* (1980), uma aventura épica e fantástica de Esteban Maroto, plena de erotismo, Adolfo Aizen publica artigo de um estudioso que atesta a qualidade do material apresentado a seguir. No mesmo texto, Aizen deixa claro que a aprovação de um intelectual de renome para a publicação de HQs com cenas de sexo, as quais, de acordo com a análise especializada, "não são pornografia, mas arte da mais alta qualidade, o que legitima sua publicação".

Sobre os últimos anos da EBAL, Gazy Andraus comenta (entrevista, 2005):

"Fui parando de comprar os formatinhos da EBAL, pois além de serem cada vez menos lançados, estavam meio sem seqüência, e os da Abril eram melhores nisso (os da Bloch foram interessantes, mas mal editados e mal coloridos, e os da RGE eram publicados desorganizadamente). Assim, meu interesse foi diminuindo cada vez mais, quase certo também, porque as edições eram em formatinho, e os desenhos eram prejudicados pelos balões e cores reticuladas que eram melhores visualizadas nos de tamanho grande. É claro que só agora tenho consciência disso. Mas atualmente, olhando para trás, vejo que os gibis da EBAL foram importantíssimos para minha formação atual, inclusive pela qualidade e seriedade com que eram publicados, pois levavam o leitor a sério, e isso fica na conscientização de uma criança e adolescente, mesmo que intuitivamente."

ALMANAQUE
DOS HERÓIS

A MAIOR DUPLA DE TODOS OS TEMPOS!

A BATALHA DO SÉCULO

SUPER-HOMEM
contra **O INCRÍVEL
HOMEM-ARANHA**

EBAL
Cr\$ 28,00
1977



Almanaque Super-Homem e o Homem-Aranha 1977 (EBAL)

O CAPITÃO Z apresenta:

ANO 2000

PROGRAMA Nº 1

NESTE NÚMERO:

Dan Dare

Em órbita todos os meses.
Ct\$ 10,00 (Preço na Terra)

EBAL

VOCÊ SE SENTIRÁ NUM TURBILHÃO ESPACIAL

AEROBOL! O esporte do Futuro com... OS HERÓIS DO HARLEM EM: **TUDO PELA VITÓRIA!**

BILL SAVAGE em: INVASÃO!

M.A.C.H.1
Seu Incrível Hiperpoder Vai Deixar Você Atônito!

Os Caçadores de Dinossauros

Por Que os Dinossauros se Extinguiram? Descubra em... **CARNE!**

The image is a promotional graphic for the comic book 'Ano 2000'. At the top, it says 'O CAPITÃO Z apresenta:' followed by the title 'ANO 2000' in large, stylized, 3D block letters. To the right, it says 'PROGRAMA Nº 1' and 'NESTE NÚMERO: Dan Dare'. Below this, there's a small illustration of Dan Dare's face and the text 'Em órbita todos os meses. Ct\$ 10,00 (Preço na Terra)'. On the left, the publisher's name 'EBAL' is visible. A large, curved banner contains the text 'VOCÊ SE SENTIRÁ NUM TURBILHÃO ESPACIAL'. The main body of the graphic is divided into four panels. The top-left panel features a character in a red and blue suit with 'GIGANTE' on his chest, with the text 'AEROBOL! O esporte do Futuro com... OS HERÓIS DO HARLEM EM: TUDO PELA VITÓRIA!'. The top-right panel shows a man in a brown jacket holding a blue gun, with the text 'BILL SAVAGE em: INVASÃO!'. The bottom-left panel shows a close-up of a man's face with the text 'M.A.C.H.1 Seu Incrível Hiperpoder Vai Deixar Você Atônito!'. The bottom-right panel shows a dinosaur being shot, with the text 'Os Caçadores de Dinossauros'. At the very bottom, a black banner contains the text 'Por Que os Dinossauros se Extinguiram? Descubra em... CARNE!'.

Quadrinhos ingleses na EBAL: Ano 2000.



Korsar, de Esteban Maroto, pela EBAL: 1980.



Ampliação de quadinhos do álbum *Korsar*: sensualidade inédita na EBAL

CAPÍTULO 4

**ICONOGRAFIA E IMAGINÁRIO:
LEITORES E COMENTÁRIOS**



As entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa trouxeram dados valiosos e serviram de pano de fundo para as reflexões e análises sobre os super-heróis e sua publicação pela EBAL, entre meados dos anos 60 e 70. Em todas as entrevistas aparece uma recorrência: a leitura dos quadrinhos pontuou, exerceu influências (as mais variadas) sobre a vida de cada um. Por isso, este capítulo final tem como proposta apresentar um quadro de vivência pessoais, entremeadas de iconografias, de leitores das publicações da EBAL:

"EU QUERIA QUE OS OUTROS VISSEM O QUE EU VIA"

"As HQs publicadas pela EBAL deixaram marcas indeléveis culturalmente, inclusive emocionalmente, e ajudaram, para o bem ou para o mal, na estratificação de uma cultura baseada em HQs de super-heróis, da qual eu também fiz parte. O aspecto do tipo de papel, as cores, as variedades de títulos, roteiristas e desenhistas (estes principalmente com seus estilos díspares) me levaram a buscar um ideal nos desenhos, que estava atrelado ao etilo da época (anos 70 e 80). Os roteiros de ficção-científica de 'Super-Homem' e atrelados à ciência de 'Flash' e 'Elektron', bem como os detetivescos e místicos, como os de 'Batman', 'Monstro do Pântano' e 'Demon' também me fizeram enriquecer culturalmente. Até hoje me lembro que, no colegial, vivia apontando a alguns amigos - que não davam muita importância aos gibis - uma HQ do "Batman" em que o "Elektron" entra em seu ouvido, passando em vários locais existentes da anatomia, descrevendo-os através de fala e desenhos de Jim Aparo. Aquilo me marcou! Acho que o meu interesse em fazer uma tese mostrando as HQs como informação valiosa vem desse período: Eu queria que os outros vissem o que eu via."

Gazy Andraus, doutorando da ECA-USP, artista e pesquisador de histórias em quadrinhos.

**PARTE
2:**

O CORPO QUE RENASCEU

Um homem permanece no escuro quarto do hospital, olhando o corpo do amigo cujas ondas de vida e energia se estão esgotando...



Estou para tentar a coisa mais audaciosa já feita pelo homem...

Mas, para ajudá-lo a completar sua missão, Batman, qualquer risco é válido!

O jovem cientista tira da pasta dois pequenos objetos...

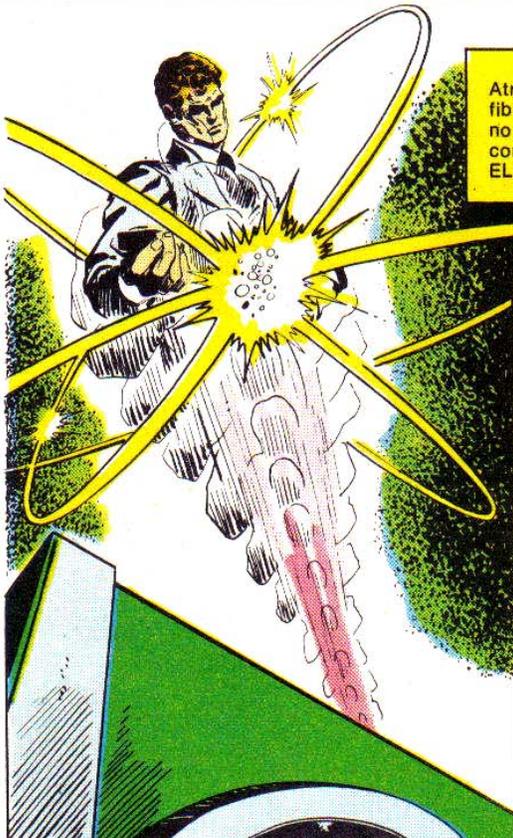


Felizmente, já demonstrar esta minicâmara de tevê e seu receptor ao pessoal do hospital...

Após prender a minúscula câmara ao peito de Batman...



Agora, segurando o receptor com uma das mãos e pressionando o controle do meu cinturão com a outra...



Através dos fantásticos poderes das fibras de uma estrela anã branca colocadas no controle de seu cinto, o cientista começa sua espantosa metamorfose... ELEKTRON!

Ele diminui de tamanho, ficando cada vez menor...

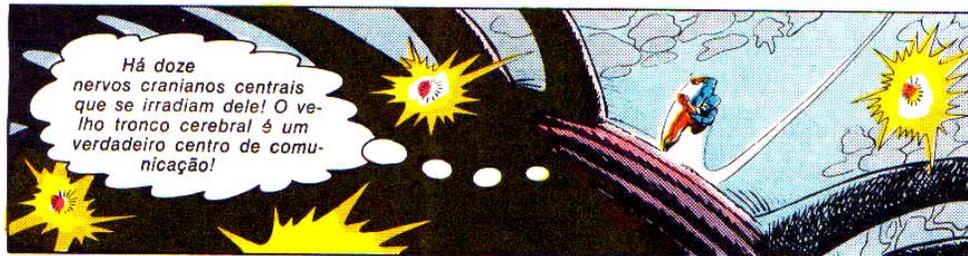


...continua diminuindo até...



Preciso ficar ainda menor!

B





E, enquanto o Homem Minúsculo corre dentro do crânio de seu amigo "morto"...

Ótimo! A respiração e a batida cardíaca estão quase normais! Agora, vamos até ao cérebro... aquela massa cinzenta ali adiante!

Minúsculo como se encontra, qualquer milímetro dentro do crânio de Batman significa um quilômetro para Elektron...

Está funcionando! Aquela artéria está pulsando! O sangue está vermelho vivo! Grande concentração de oxigênio!

Conseguí! Agora, se não fracassar, devo chegar à região geral do controle motor... e lhe sugeri que se levante!



Passam-se alguns momentos... de repente, a figura inerte se move e, como num milagre de ressurreição... LEVANTA-SE!

Maravilhoso! Como o receptor encolheu comigo, posso captar o que a câmara no peito de Batman está "vendo"... o quarto do hospital!

Agora, vou ao cerebello ou "cérebro posterior"!

“NÃO CONSEGUIA ACREDITAR NAQUILO”

“Os quadrinhos de super-heróis eram indissociáveis da EBAL, a maior editora do gênero no Brasil em sua época. Os personagens fascinavam os garotos, cada um tinha o seu preferido. E o meu era o Homem-Aranha. Ele era diferente. E a história que mais me marcou, nesta época, foi justamente aquela em que morre sua namorada. Não era possível acreditar. Mas era verdade. A garota estava realmente morta. Isso jamais havia acontecido antes no mundo dos super-heróis.”

Waldomiro Vergueiro, professor da Escola de Comunicações e Artes e coordenador do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos da USP.

Seqüência da história “O Fim do Duende”, na qual o *Homem-Aranha* depara-se com o fracasso: super-herói não impede morte da namorada pelo vilão. Revista *O Homem-Aranha* n° 55, 1ª série (1974, EBAL).

História de Gerry Conway. Arte de Gil Kane e John Romita. ►



"NÃO"?
Está implorando,
Duende?

Você
me enoja...
Por que devo
ter piedade?

Foi piedoso
com Gwen?
Responda,
Duende
Verde!

RESPONDA!



O HOMEM-ARANHA — N.º 55 ★ Outubro 1973 ★ Pág. 8

Como era antes:

Ele recorda seu primeiro dia na universidade, quando conheceu Gwen Stacy.

Ambos inseguros dos sentimentos de si próprios, tinham medo de dar o primeiro passo.

Até que, por milagre, o passo foi dado.

E descobriram que se amavam.

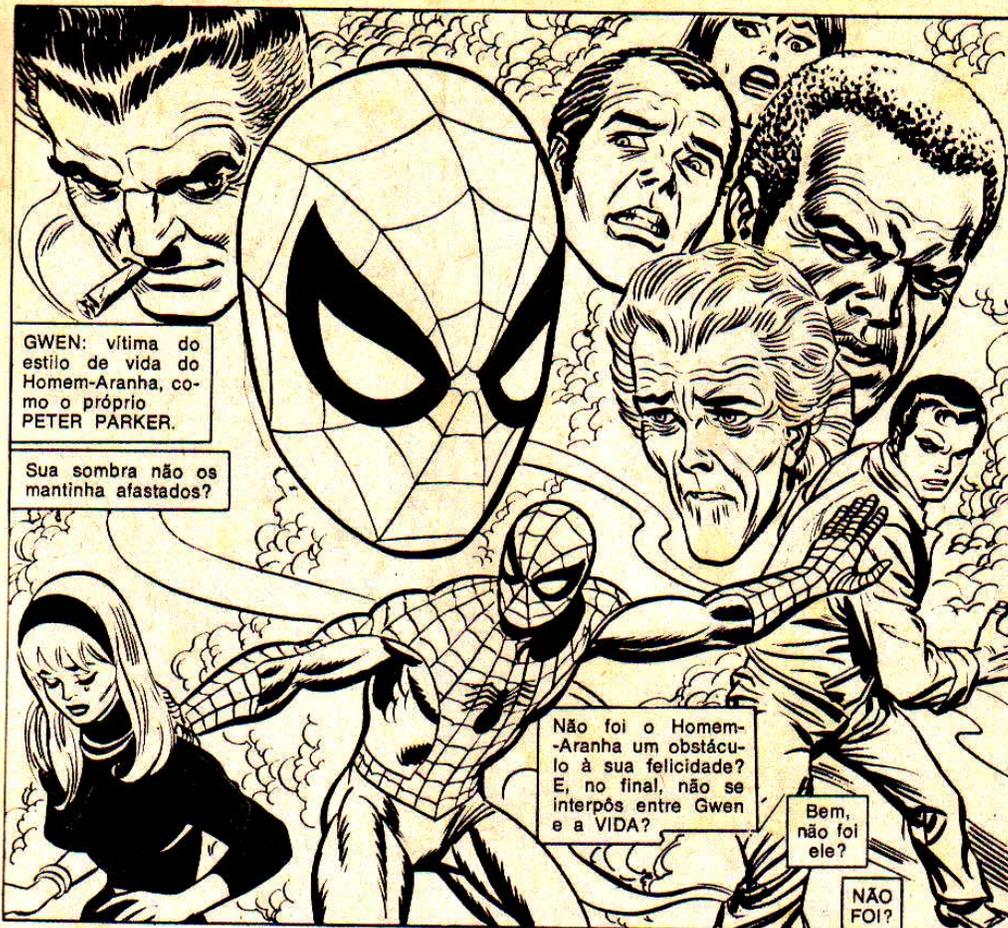
A felicidade... a TRAGÉDIA! Tudo lhe volta à mente em confusão.

Sim, ele se lembra: a dor e a alto-piedade, a alegria, o medo...

A noite em que o pai de Gwen morreu... O Homem-Aranha foi acusado da morte de um homem que tanto estimava, o Capitão Stacy. E ele perdera a vida tentando salvar uma criança.

Ao lado de tudo isso, parte de tudo isso, lembra-se de GWEN.





GWEN: vítima do estilo de vida do Homem-Aranha, como o próprio PETER PARKER.

Sua sombra não os mantinha afastados?

Não foi o Homem-Aranha um obstáculo à sua felicidade? E, no final, não se interpôs entre Gwen e a VIDA?

Bem, não foi ele?

NÃO FOI?

O HOMEM-ARANHA — N.º 55 ★ Outubro 1973 ★ Pág. 9



Rapaz, lamento fazer isso... mas a ambulância chegou!

Ambulância? Ela não precisa de ambulância...



Está morta...



O Homem-Aranha a matou!

"COMO TUDO COMEÇOU"

"Minha história com os gibis começou com uma excursão de alunos a uma escola de linha norte-americana, onde os estudantes colocavam coisas sua para venda. Escolhi um gibi, nada mais, que nem tinha capa, mas cujo personagem me interessou: era o Lanterna Verde. Por causa desta revista americana comecei a comprar quadrinhos, assim descobri a EBAL. Logo descobri outros personagens que também me marcaram, como O Homem de Ferro, um milionário que se tornava super-herói graças ao seu dinheiro. Comprava qualquer revista que me interessasse, sem preocupação em colecionar. Em casa, minha mãe não se incomodava. Mas certo dia levei na minha escola uma revista da EBAL chamada Histórias da Casa Mal-Assombrada, de terror, mas nada pesado. Só que a revista causou um rebuliço, chamou a atenção da professora, que viu um aviso na capa que recomendava a revista para adultos. A professora disse que aquilo não era alguém da minha idade."

Osni Winkelmann, artista e publicitário.





"ADOLFO AIZEN E STAN LEE"

"Desde o começo da EBAL, Adolfo Aizen desenvolveu o hábito de conversar com o leitor. Sempre gostei demais das Notícias em Quadrinhos, que vinham nas contracapas, cheias de informações, sobre a editora, personagens, artistas, o mundo dos quadrinhos de uma maneira em geral. De certa maneira, Aizen foi um precursor de Stan Lee, que, nos anos 60, soube valorizar a seção de correspondência dos títulos Marvel, conversando, discutindo, brincando com seus leitores. Esta forma de se comunicar com o público é algo que me influenciou muito no trabalho que desenvolvo atualmente como editor de histórias em quadrinhos."

Roberto Guedes, editor de HQs e autor dos livros *Quando surgem os Super-Heróis* e *A Saga dos Super-Heróis Brasileiros*

(A seguir) Adolfo Aizen conversa com o leitor da EBAL por meio de sua seção de correspondência, uma das características que mais identificavam a editora com seu público. Página posterior, capa da revista especial Chamada Geral, lançada em comemoração aos 25 anos da EBAL, em 1970. ►



O HEROI — Revista Juvenil Mensal, propriedade da Editora Brasil-América Limitada, especializada em publicações para Crianças, Moças e Rapazes. • Direção de Adolfo Aizen. • Escritório, Redação e Oficinas à Rua Abílio, 302 (São Januário), Telefone 48-6391, Rio de Janeiro. • Edifício próprio. • Outras publicações da mesma empresa: "Superman", "Album-Gigante", "O Idílio", "Mindinho" e "Edição Maravilhosa".

Conversa do Diretor

DEDICAMOS, hoje, esta Conversa do Diretor, embora atrasadamente, a um grupo de rapazes de São Paulo, que organizaram, naquela Capital, a 1.ª Exposição de Historietas em Quadrinhos. Lemos nos jornais e recebemos convites para visitá-la, mas não nos foi possível chegar até lá, pelos afazeres que nos prendiam no momento no Rio. Era de nosso interesse, porém, conhecê-la nos mínimos detalhes. E uma série de fotografias foram tiradas, de todos os ângulos, dessa Exposição. Os jovens idealis-

tas que a imaginaram, traçaram um Roteiro, focalizando os vários problemas das Histórias em Quadrinhos e os dividiram em "blocos". O primeiro, "Histórico, Produção, Arte Gráfica"; o segundo, "Evolução"; o terceiro, "Tendência Artística"; o quarto, "Antigo e Moderno"; o quinto, "Paradoxo"; o sexto, "Plágio"; o sétimo, "Ataque e Defesa"; oitavo, "Problema"; nono, "Repercussão e Importância"; décimo, "História em Quadrinhos no Mundo"; décimo-primeiro, "Artistas do Mundo".



★ Os Organizadores da 1.ª Exposição de Histórias em Quadrinhos, de São Paulo: J. Cortez, Desenhista de Historietas; Reinaldo Oliveira, Redator de Revistas Juvenis; Syla Roberg, Escritor e Gráfico; Álvaro de Moya, Desenhista de Quadrinhos. Todos Antigos Juvenilistas e Leitores do "Suplemento Juvenil". Todos Talentosos, Idealistas e Realizadores. E Todos já Usando Óculos...

NÓS LEMOS HISTÓRIA...QUADRINHOS

ORSON WELLES

A CRIANÇA LÊ, APACIONADAMENTE, HISTÓRIA EM QUADRINHOS PORQUE NÃO SE SUBSTITUI POR FORÇA DE NATURAL EVOLUÇÃO O ROMANTISMO, O LIVRISMO ENRADICADO E INDICULARMENTE FANTASIA DO DAS HISTÓRIAS DE TEMAS DE ÉPOCAS PASADAS. ELA LÊ AQUELO QUE LHE SERVE DE CENÁRIO PARA IRÁDIA EM QUE A DESPREOCUPAÇÃO PELA LETURA É HISTÓRIA.

JOHN STINERCK

O ADULTO LÊ, ATENCIOSAMENTE, HISTÓRIA EM QUADRINHOS PORQUE MANEJA ESTRATA APROPRIADA COM A SÉRIA DO GÊNIO. A COPPI PORQUE ESTUDA AS NOTÁVEIS EXTERNOZICAÇÕES DO IMPERSONALISMO WILLIAMS PORQUE PODEU DE ENVEJECER COM O "POIS DA LINHA" E T. CELANO; PORQUE APRENDERÁ OU APRENDERÁ EXTRAORDINÁRIAS COMPOSIÇÕES ARTÍSTICAS COM ALEX DAYMONO, MELSON CANINE, MAI FOSTER, ETC.

WILLIAM FAULKNER

O ADULTO LÊ HISTÓRIA EM QUADRINHOS PORQUE NÃO SERÁ COMPLETA A SUA ATUALIDADE SEM NISSA BEM FÓRÇA DE EXPRESSÃO.

THORNTON WILDER

BOBOTHY MADKER

THOMAS PRATT

★ Um dos Painéis da 1.ª Exposição de Histórias em Quadrinhos, em S. Paulo. E Não São Só Estes os Adultos Que Lêm as Histórias em Quadrinhos.

De posse desse *vademecum*, o visitante menos prevenido, e, no nosso caso, o leitor menos entendido do assunto, acompanha o desenvolvimento das histórias em quadrinhos com a mais simples naturalidade.

Sentimos que o espaço não nos ajude para um comentário mais longo. Mas tudo faremos para aqui elogiar, incentivar e bater palmas a esse grupo do "Studio-Arte", que, sem qualquer interesse outro, senão o da própria arte e do ideal, levou avante essa iniciativa.

Em um papel mimeografado, que era o seu Roteiro na Exposição, escreveram esses jovens: "Desde há muito que, lidando com a História em Quadrinhos e acompanhando o ritmo sempre crescente que havia em todo o mundo, acalentávamos a idéia de uma exposição. Logo que procuramos levar à prática a idéia, choveram expressões como estas: "Mas os senhores não vão ganhar nada com isso?" Ou então: "Qual a revista que está patrocinando o negócio?" Ou melhor, ainda: "Isso aí tem fim político?". Desnecessário frisar que para per-

guntas como estas jamais arranjariamos resposta adequada..."

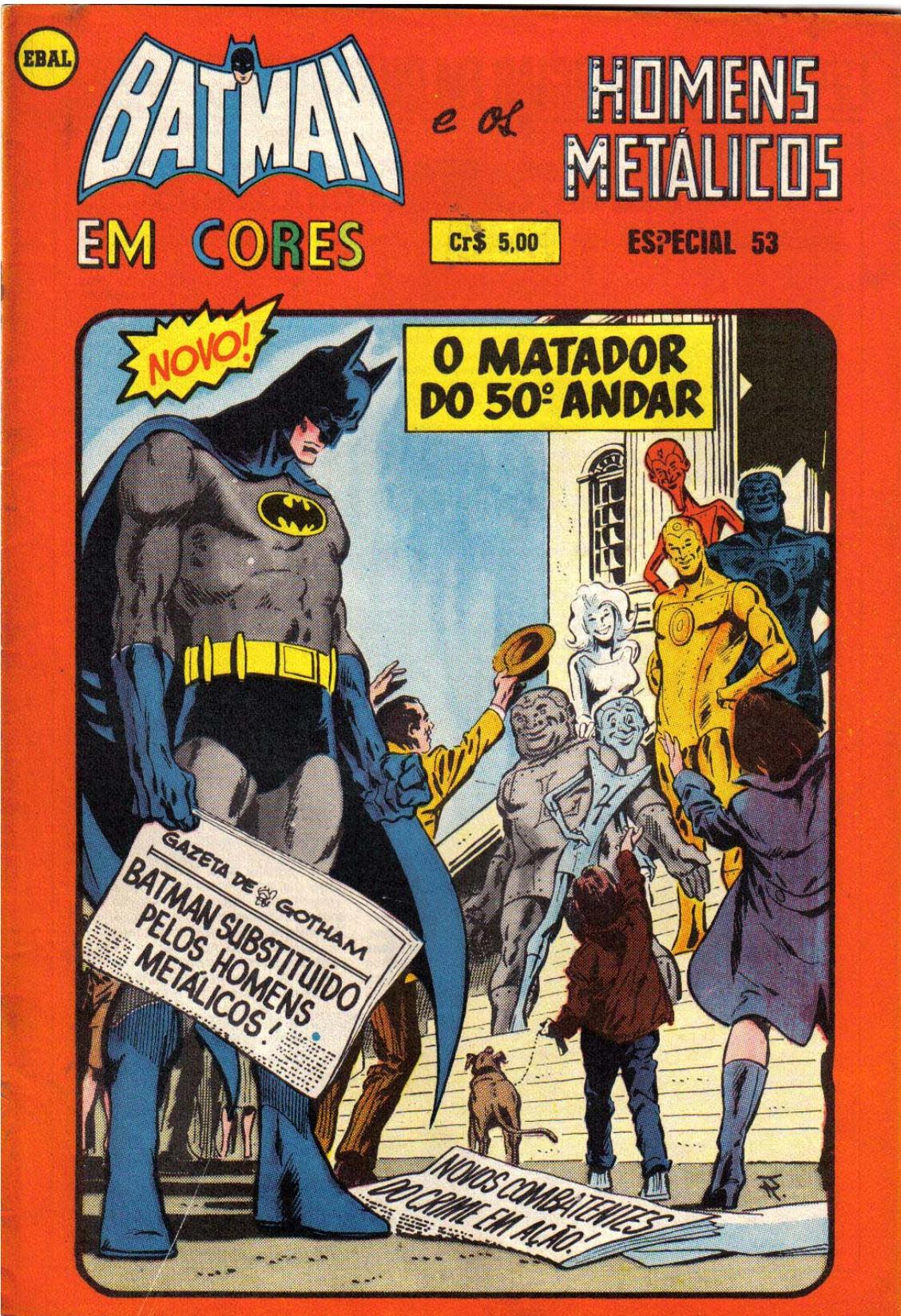
Agora que a 1.ª Exposição de Histórias em Quadrinhos já encerrou os seus trabalhos, recebemos dados melhores sobre quem eram os seus idealizadores. E é com um prazer todo especial que aqui dizemos: foram eles os antigos juvenilistas, muitos que nos acompanharam no "Suplemento Juvenil" e no Centro Juvenilista de São Paulo, todos hoje mais ou menos encaminhados na vida literária e artística. Tal como aqui no Rio também em São Paulo a rapaziada não dormiu e ao decorrer destes quinze anos da "Era do Juvenilismo" todos eles estudaram, trabalharam, idealizaram e, principalmente, realizaram.

Salve, rapaziada paulista do "Studio Arte" e da 1.ª Exposição de Histórias em Quadrinhos! Vocês merecem uma reportagem-relâmpago, uma daquelas que intitulamos "Que fazem hoje os antigos juvenilistas?" Procura-se um menino-reporter. Há um pro-labore de cem cruzeiros para cada reportagem publicada com estes vitoriosos da Paulicéia!

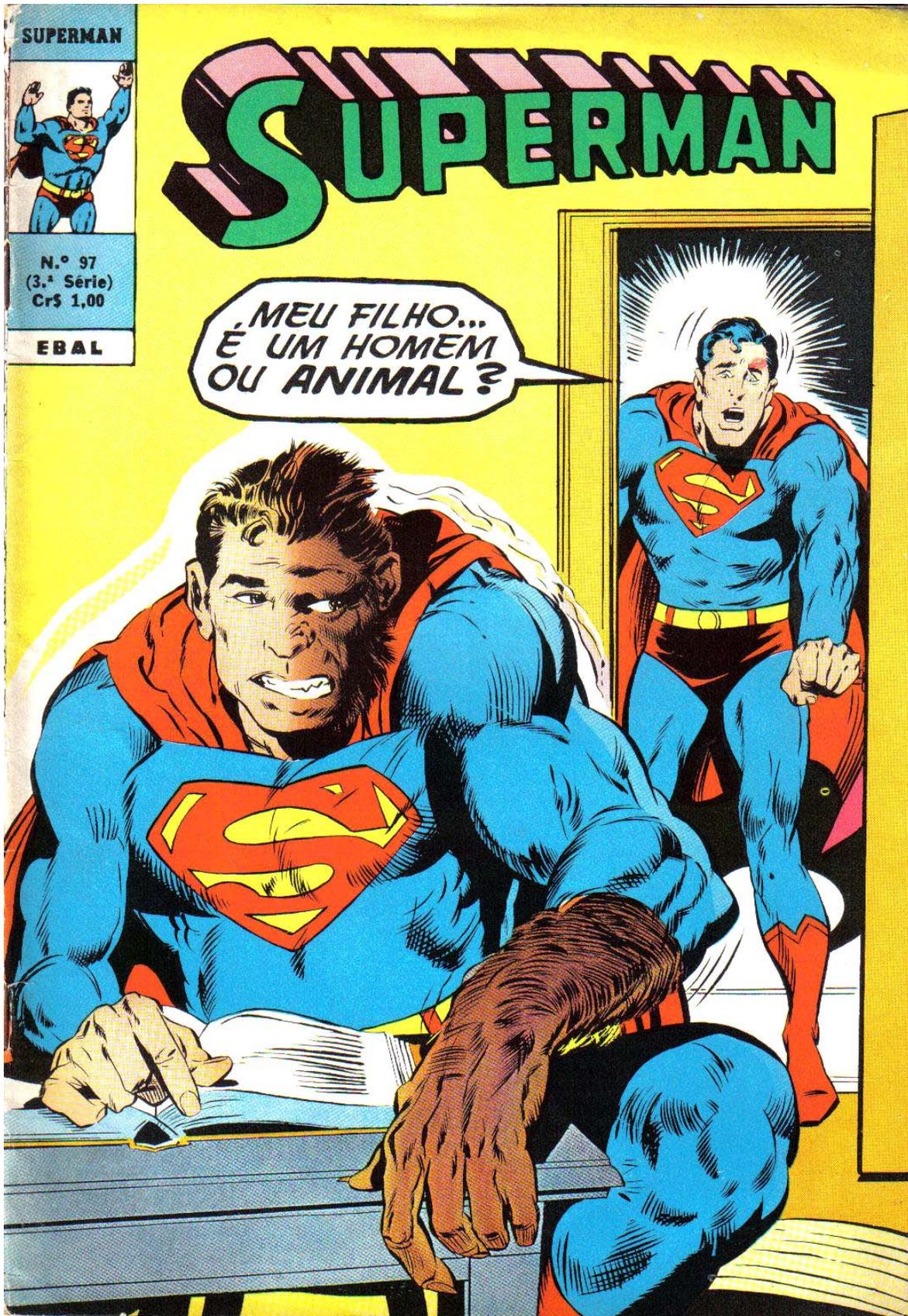
"AS CAPAS ERAM DECISIVAS NA HORA DE COMPRAR O GIBI"

"Quando descobri as revistas em quadrinhos não podia me dar ao luxo de comprar qualquer título. O dinheiro não dava para isso. Não gostava também de revistas que tinham histórias em continuação, pois nada me garantia que conseguiria comprar o próximo número. Assim, na hora da compra, na maioria das vezes, tomava a decisão sobre qual revista levar escolhendo pelas capas. Na época, eram comuns as capas-trailer, que revelavam o conteúdo da história principal."

Antonio Rodrigues, diretor de arte e publicitário, que afirma ter encontrado sua carreira profissional por meio dos quadrinhos da EBAL.



Batman Cores 53, março de 1975 (EBAL)



Superman 3ª Série 97, maio de 1972 (EBAL)

"PREFERIA O SUPER-HERÓI QUE NÃO ERA TÃO POPULAR"

"Os gibis de super-heróis da 'Era de Prata' foram os que li quando criança e adolescente. Eles possuem um poder nostálgico sobre meu coração. Assim, é comum acordar em um domingo ensolarado, e depois do café, enquanto faço minhas tarefas domingueiras, acionar um dispositivo em minha mente onde recordo de cenas destes gibis encantadores. Os gibis de super-heróis mais memoráveis são aqueles dos três anos de estréia da Marvel aqui. Com Capitão América, Príncipe Submarino, Homem de Ferro, Hulk e Thor. E, finalmente, o Quarteto Fantástico surgia em episódios complementares, que eu colecionei integralmente. Uma segunda onda trouxe novos heróis da Marvel em 1969: Homem-Aranha e Demolidor. Que passaram a ser meus preferidos. O Demolidor me conquistou por ser ele um jovem cego, porém com poderes complementares muito interessantes. As primeiras histórias repletas de vilões exóticos, com histórias transcorridas em situações urbanas de uma megalópole eram fascinantes. Os desenhos limpos de Wallace Wood, os elegantes traços de Joe Orlando e depois o dinamismo do ilustrador Gene Colan fizeram deste super-herói o meu preferido. Afinal, todo mundo que eu conhecia e lia gibis lia o Homem-Aranha. Eu preferia colecionar aquele que não era tão popular e que, de quebra possuía os melhores desenhos, no caso o de Gene Colan. A quem eu imitava."

Franco de Rosa, artista e editor de histórias em quadrinhos.

Ao lado, Capitão Z nº 0, primeira revista dos super-heróis Marvel no Brasil.

A seguir, O Demolidor, por Wallace Wood e Gene Colan ►



DEMOLIDOR, O Homem sem Medo!

NÃO OLHE AGORA, MAS É...

DOUTOR DESTINO!

Tendo finalmente derrotado o Ardiloso, nosso herói se encontra caído, quase inconsciente, junto aos trilhos do metrô, quando ouve alguém que se aproxima... é um antigo e temível inimigo...

Silêncio!

Só falará quando eu permitir!

DOUTOR DESTINO!

Como... Uuuu!

O mais forte dos meus inimigos... no momento em que estou mais fraco!

Que possibilidades terei?

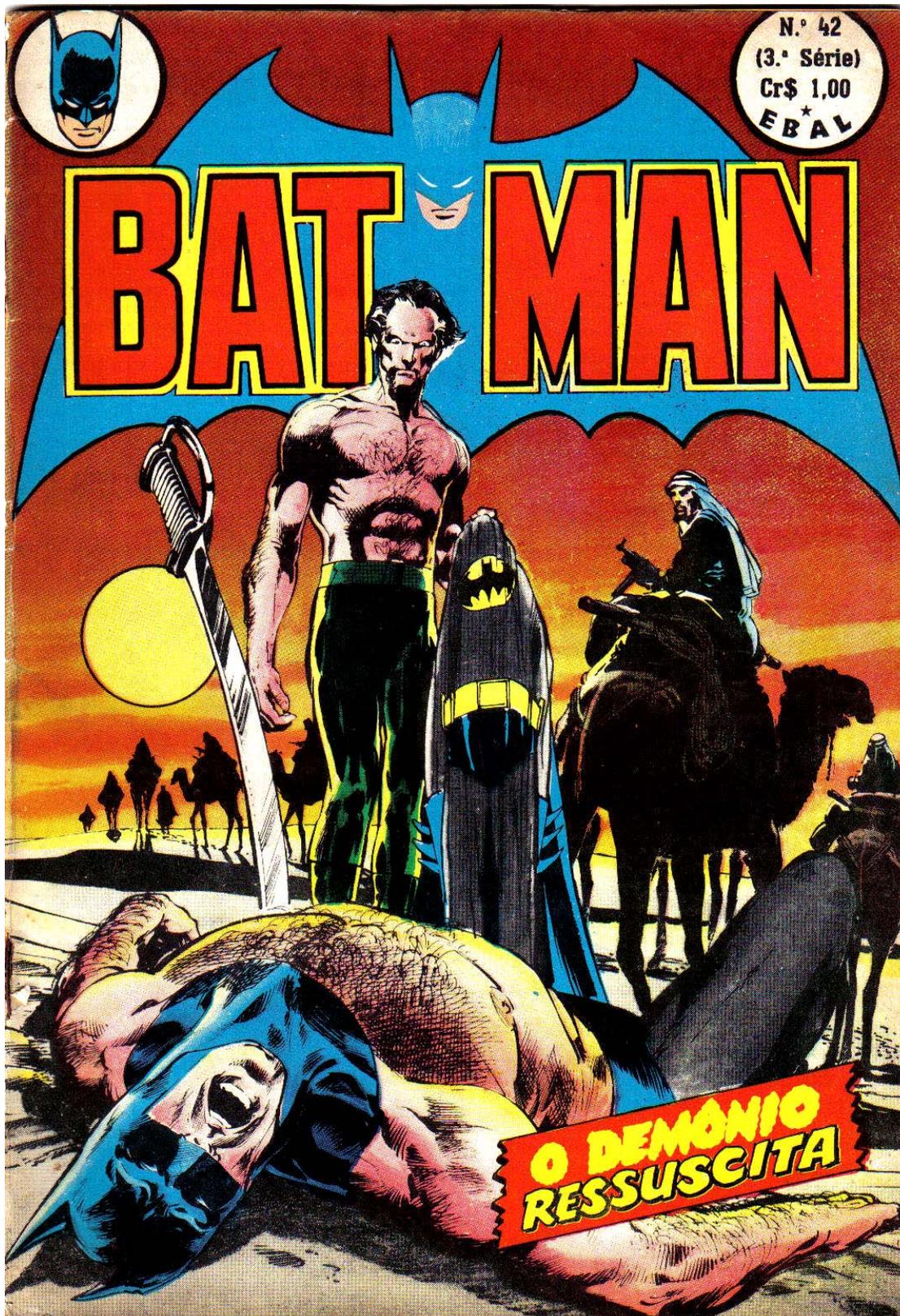
HISTÓRIA DE STAN LEE
DESENHOS DE GENE COLAN

O HOMEM-ARANHA — N.º 70 ★ jan. de 1975 ★ Pág. 45

"JAMAIS BATMAN FOI TÃO SELVAGEM E SOMBRIO"

"Jamais Batman, meu personagem favorito, foi desenhado de maneira tão sombria como fez Neal Adams, na virada dos 60 para os 70, dando fim à caracterização cômica que tanto o marcara, na televisão e nos próprios quadrinhos dos anos anteriores. Mesmo com tantos artistas de renome que vieram a desenhar, décadas depois, Batman, é sua versão de Neal Adams a que mais me marcou."

Sidney Gusman, jornalista, editor do site www.universohq.com

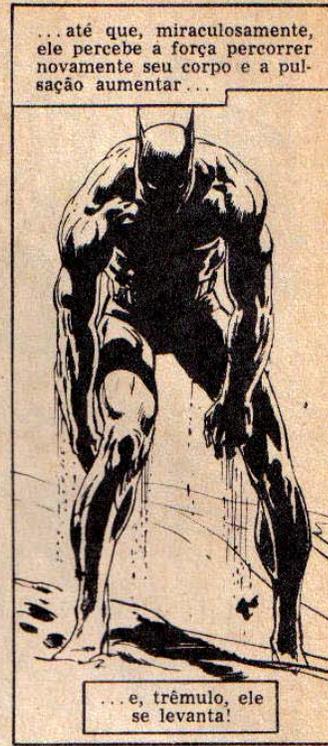




Um último beijo!



Com a morte próxima, Batman não sente um gosto amargo na boca, quando algo toca em seu lábios...



... até que, miraculosamente, ele percebe a força percorrer novamente seu corpo e a pulsação aumentar...

... e, trêmulo, ele se levanta!



Guiado por um instinto inexplicável, ele se dirige a um destino certo...

... para onde Rã's al Ghûl encontra-se só, perdido com seus pensamentos solitários...



Pelos deuses! Persegue-me mesmo depois de morto!

É um homem... ou um ser do inferno?

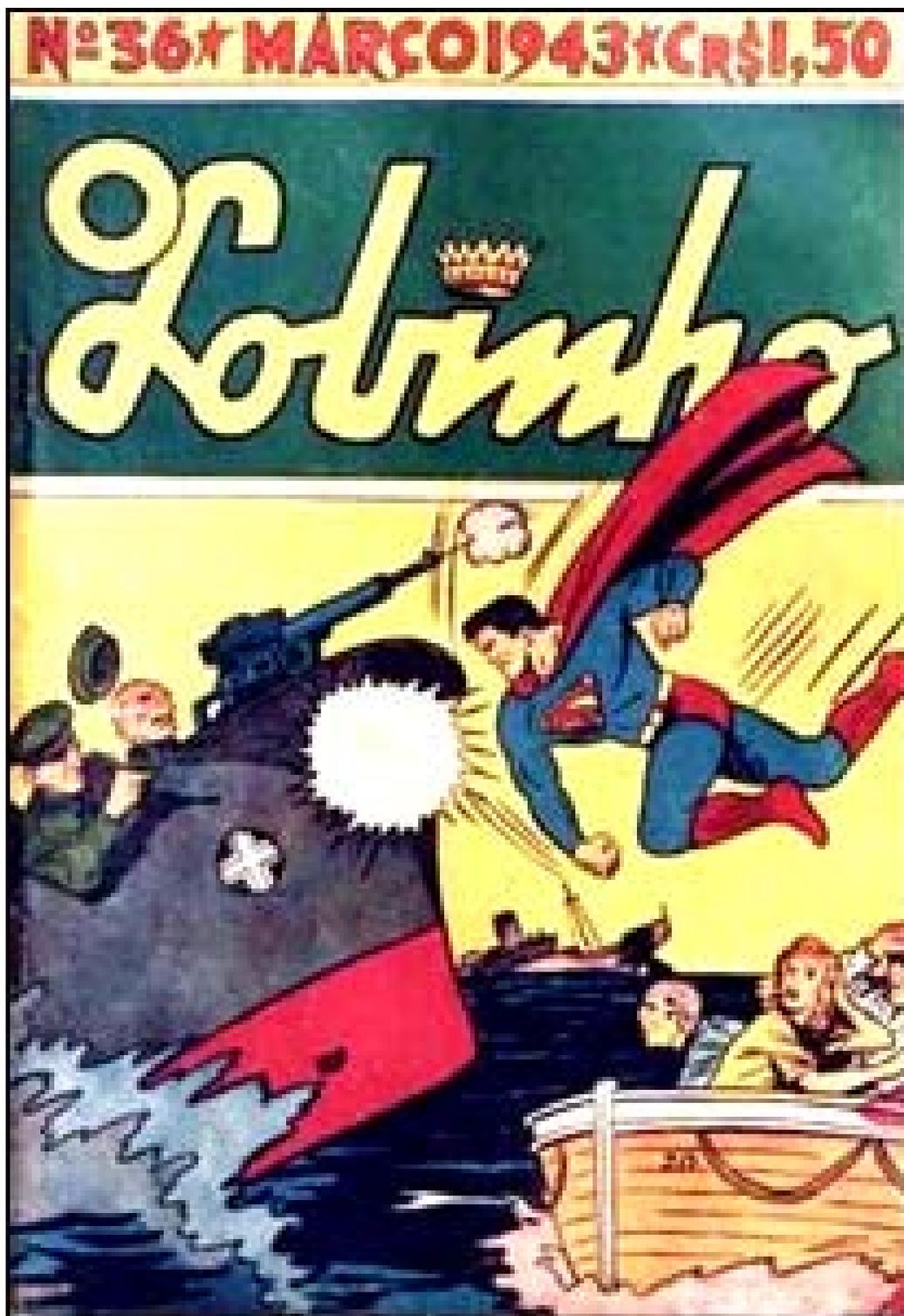


BATMAN — N.º 42 ★ ABRIL 1973 ★ Pág. 17

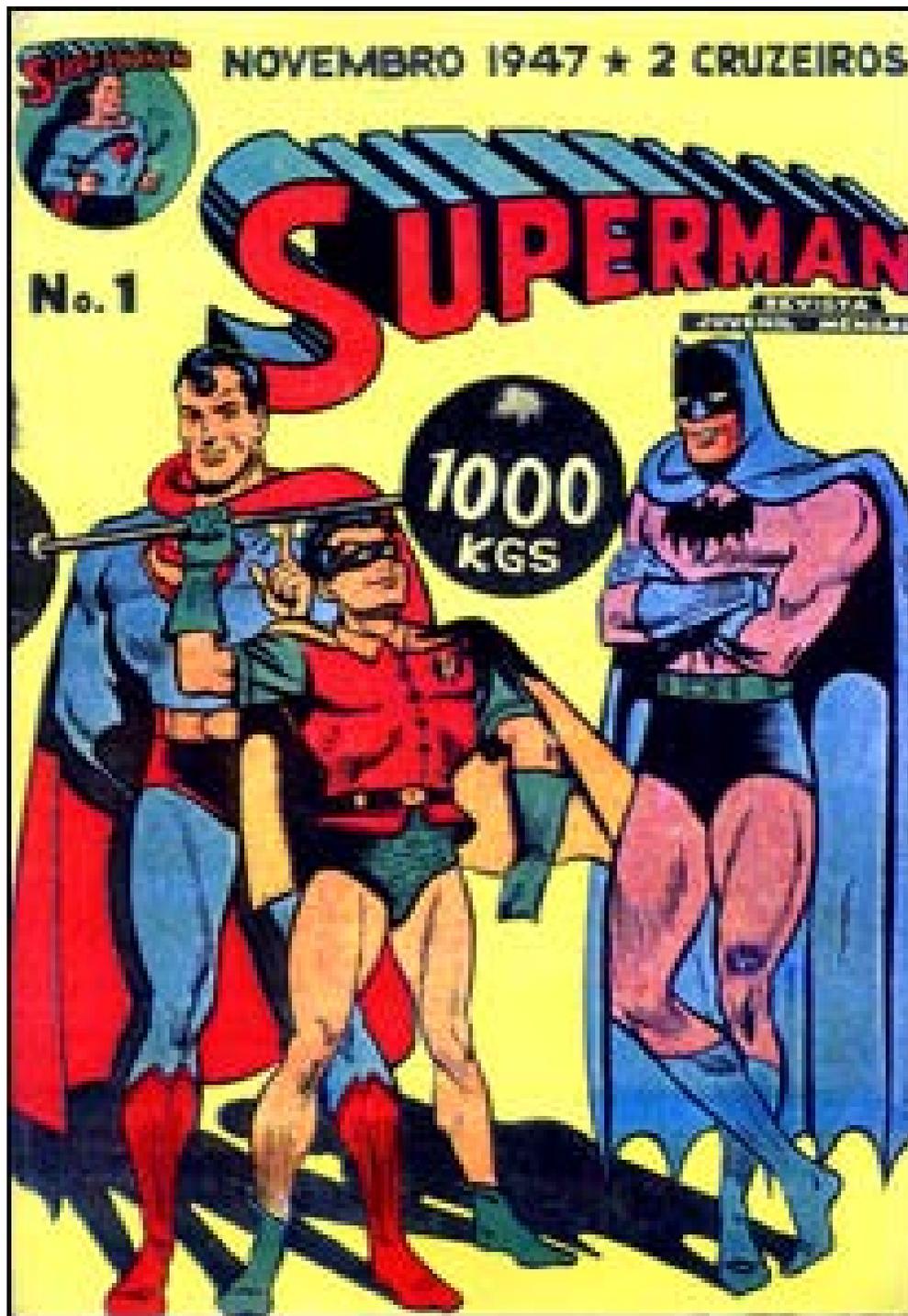
"TUDO COMEÇOU COM OS GIBIS DE AIZEN"

"Quando garoto, vim para São Paulo, nos anos 50, e descobri os quadrinhos. Mas não podia comprar todas as revistas que queria. Tomava emprestado, fazia trocas, lia dos amigos. E os melhores gibis eram os da editora de Aizen. Todos gostavam da EBAL e sabiam quem era Adolfo Aizen. Muitos anos depois, quando os negócios melhoraram, comecei a publicar anúncios em jornais procurando gibis antigos. Não parei mais de colecionar, procurando tudo aquilo com que sonhava e não tinha como comprar. E a maior parte da minha coleção é formada agora pelas revistas da EBAL e as publicações anteriores de Aizen."

Antonio José da Silva (mais conhecido pelos amigos como "Tomzé"), empresário paulista, colecionador que mantém um dos maiores acervos particulares de HQs nacionais, com cerca de cem mil revistas.



Superman em O Lobinho 36 (março de 1943), de Adolfo Aizen.



Superman 1, 1ª série, 1947 (EBAL). Título de maior longevidade de Aizen, publicado até a primeira metade dos anos 80.

**"CAPITÃO AMÉRICA: PERDIDO EM UMA ÉPOCA QUE AJUDOU A
CRIAR"**

"É válido comparar as diversas fases de suas aventuras (a dos super-heróis), fazendo-se a divisão delas em duas partes distintas: antes e depois da década de 60 (...) 'O Capitão América' - cujo uniforme é a própria bandeira dos Estados Unidos - reflete, basicamente, a grande mudança que se operou na juventude de todo o mundo, particularmente na americana, e, ao mesmo tempo, a resistência de camadas tradicionais, atadas ainda à propaganda patriótica governamental. O herói se sente perdido, numa época que ele mesmo, inconscientemente, ajudou a criar. Arma da propaganda, mas também recebendo seu impacto, lembra-se, com nostalgia, do tempo em que a ação - e somente ela - dominava suas aventuras na Segunda Guerra Mundial. Passaram-se duas décadas. Ao ser revivido (ficara congelado num iceberg), encontrou uma guerra diferente. A ação pura, que era o seu forte, dera lugar à intensificação da Guerra Fria e da espionagem, ao superdesenvolvimento da guerra de propaganda, e, principalmente, a uma luta da qual ele esteve sempre afastado - a das idéias."

Fernando Albagli, em artigo "Os Heróis estão na fossa?" (*O Mundo dos Super-Heróis*, editora Vozes, 1971), comentando a transformação ocorrida na última década nos super-heróis publicados pela editora.

CAPITÃO AMÉRICA, LENDA VIVA DA II GUERRA MUNDIAL

O FERRÃO DO ESCORPIÃO

Banco de Jornais e Revistas
Praça Central de Curitiba

Uma batalha terminada... a vitória alcançada... mas nem mesmo o Capitão América pode prever os resultados!

Passei minha vida lutando pela liberdade e pela justiça...

Mas, nunca haverá um fim para isto?

Uma figura solitária anda sem destino pelas ruas, sentindo sobre seus ombros o peso do passado e a responsabilidade do presente...

História de: **STAN LEE**
Desenhos de: **GENE COLAN e JOE SINNOTT**

A MAIOR — N.º 5 ★ OUTUBRO 1970 ★ Pág. 3

A MAIOR

(Revista mensal da Ebal)

Propriedade da
Editora Brasil-América Limitada

Diretor Geral: Adolfo Aizen
Diretor-Gerente: Paulo Adolfo Aizen
Diretor-Secretário: Naumim Aizen
Diretor Industrial: Fernando Albagli

Escritório, Redação e Oficinas
Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
ZC-08 — Telefone 264-6212 (rede interna)
São Cristóvão — Rio de Janeiro (Gb)

Trademark and © Copyright (1969)
1970, Marvel Comics Group. Todos os
direitos reservados.

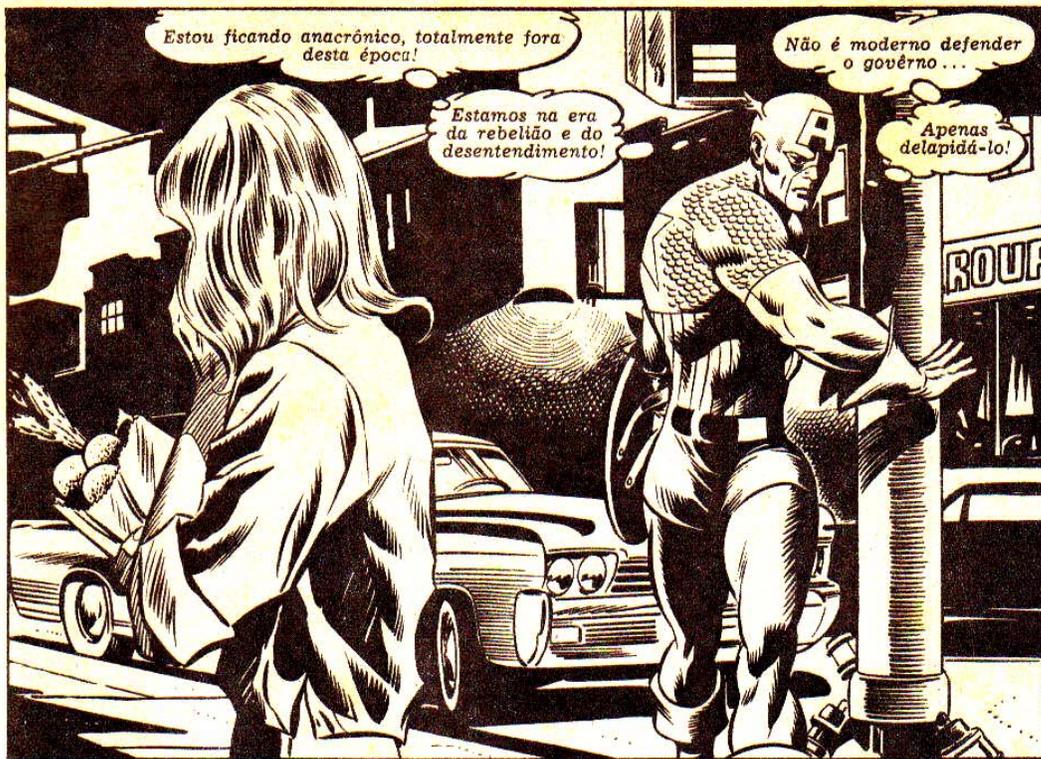
Distribuidores na Guanabara
Dist. de Jornais e Revistas Tupi
Rua da Constituição, 5

Distribuidores em S. Paulo, Capital
Agência Modesto
Viaduto Santa Ifigênia, 277

Distribuidores para o Interior
Editora Brasil-América Limitada



A MAIOR — N.º 5 — OUTUBRO 1970 — Pág. 4



Estou ficando anacrônico, totalmente fora desta época!

Não é moderno defender o governo...

Estamos na era da rebelião e do desentendimento!

Apenas delapidá-lo!

A MAIOR — N.º 5 ★ OUTUBRO 1970 ★ Pág. 5



E, num mundo cheio de injustiça, fome e guerras sem fim...

Quem poderá dizer que os rebeldes estão errados?



Mas não fui ensinado a aceitar as regras de hoje em dia!

Passei toda a minha vida lutando pela Lei!



Talvez fosse melhor eu ter lutado menos... e perguntado mais!

"REINO ENCANTADO DOS QUADRINHOS"

"Sem dúvida, Adolfo Aizen tinha a chave que abria o reino encantado das HQs. Com a sua morte, reforçou-se o mito. Para muito colecionadores que até a virada do milênio veneravam suas revistas, ele foi uma espécie de senhor do castelo que, do prédio da EBAL, dava-lhe acesso a um mundo fantástico de aventura, fantasia e imaginação. Como se só ele tivesse as chaves. O editor tinha outro mérito: criou uma nova geração de escritores, jornalistas, poetas, radialistas, publicitários. Por meio de suas revistas, seduziu-os para o gosto da leitura."

Gonçalo Junior, jornalista, autor, entre outros, de *A Guerra dos Gibis - a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64* (2004, p. 395).

Rosto de Adolfo Aizen desenhado sobre prancha de o *Príncipe Valente*, de Harold Foster, personagem do tempo do Rei Arthur considerado um dos preferidos do editor. A homenagem é do artista Eugênio Colonnese. Reprodução de *O Pasquim 21* ("O Rei dos Quadrinhos", de Sérgio Augusto. 2002). ►





CONSIDERAÇÕES FINAIS**EBAL: MARCAS E HERANÇAS EDITORIAS**

Os significados da trajetória da EBAL desdobram-se muito além da publicação dos super-heróis no Brasil. Durante mais de quatro décadas, a EBAL exerceu influências variadas em diversas gerações de leitores, artistas e editores, contribuindo de forma decisiva, entre outras realizações editoriais, para dar legitimidade social às histórias em quadrinhos no Brasil.

Ao longo da história houve roteiristas e desenhistas que criaram quadrinhos de "super-heróis" (sob grande pressão de prazos e retorno de popularidade) os quais criaram representações do mundo de sua época as quais se mostram, cada vez mais, de relevância cultural - nomes como Jack Kirby, Stan Lee, Neal Adams, Jim Steranko, Gil Kane, John Romita, Curt Swann, entre muitos anos.

E nos anos 60 e 70, justamente a época em que esses autores renovaram os comic books de super-heróis, foi a EBAL a grande editora do Brasil dessas histórias, agora conhecidas como "OS Anos de Prata" das HQs dos EUA.

A EBAL publicou e tornou conhecidos para gerações de leitores brasileiros muitos desses artistas, exercendo variadas influências.

A partir do enfoque sobre o super-herói problematizado de meados dos anos 60 e 70 - e suas evidentes relações com o contexto da social e histórico, foi possível traçar o perfil de uma editora tão fundamental no mercado brasileiro.

Desta maneira, uma das preocupações da pesquisa foi deixar claro, num esforço de contextualização histórica, de que maneira os quadrinhos de super-heróis inserem-se num universo muito maior, que é o da trajetória da EBAL e sua contribuição para o desenvolvimento da imprensa e do mercado editorial do Brasil.

É possível entender este momento, o da renovação dos super-heróis das HQs nas décadas de 1960 e 70, como um ponto de inflexão na história desta linguagem, definindo em grande o que vem a ser criado depois, não apenas nos EUA, mas ao redor do mundo.

Seja como influência, e assim, em última instância, como repetição meramente comercial de uma fórmula de sucesso já estabelecida, seja pela procura de narrativas que questionem a "fórmula" dos super-heróis, a qual torna-se hegemônica no mercado norte-americano ao longo do século 20.

Super-heróis cujos impactos na indústria cultural, de uma forma mais abrangente, continuam a ser percebidos nos dias de hoje. O que é constatado, por exemplo, pela adaptação, cada vez mais constante, de seus personagens para outras mídias, como o cinema de Hollywood - que descobriu nas HQs um vasto veio de roteiros de potencial para novos filmes - passando pelos *games* de últimas gerações, até a publicação de antigos quadrinhos no formato de livros de arte, além da crescente publicação internacional de obras de referência sobre o assunto.

Sobre a atualidade das histórias desse período, no que se refere a suas experiências narrativas, estéticas e temáticas, é relevante apontar a, cada vez mais freqüente, nos Estados Unidos e Europa (e aos poucos, aparentemente, uma tendência também no Brasil), reedição de histórias em quadrinhos

consideradas "clássicas" em álbuns de luxo, com textos introdutórios e restauração de imagens. Nos Estados Unidos, por exemplo, há grandes coleções com a reprodução das sagas iniciais de personagens considerados pilares dos chamados "Anos de Ouro e de Prata" dos *comic books*.

O mercado editorial brasileiro demonstra, nesse início dos anos 2000, um interesse crescente, até o presente momento, pela publicação de livros e obras de referência sobre as histórias em quadrinhos, escritos por autores nacionais, assim como trabalhos de escritores estrangeiros. O que, paulatinamente vem ampliando, cada vez mais, a ainda pequena bibliografia brasileira sobre o assunto, quando comparada com a de países como França, Inglaterra, Itália, Espanha e Estados Unidos.

A dissertação realizada pode perceber os contornos de uma atividade editorial que se inseria num ciclo industrial e comercializado cada vez mais complexo, integrando ações de diferentes mídias: jornal, revista, livros, desenhos animados no cinema e na TV, promoções publicitárias com grandes anunciantes. Tudo isso numa antecipação dos mecanismos de interação entre diferentes mídias e suportes, produzidos por conglomerados de comunicação. Sintomaticamente, alguns super-heróis estão exatamente inseridos na indústria da informação, como conhecidos repórteres e fotógrafos.

Super-heróis que se tornaram mais próximos do mundo, do cotidiano de seus leitores do mundo contemporâneo, feito de personagens preocupados, problematizados, traumatizados, "neuróticos"...

*"Não fui ensinado a compreender o mundo de
hoje em dia. Talvez os rebeldes estejam
certos. Deveria ter lutado menos e perguntado
mais"*

Capitão América (1970, EBAL)

*"Infelizmente é verdade! Seriam necessários
milhares de Super-Homens para resolver esses
problemas"*

Superman (1971, EBAL)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIERI, Daniele. *Los Lenguajes del cómic*. Espanha: Paidós, 1998
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo : Ática, 1975.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CAÑIZAL, Eduardo (org.). *Urdidura de Sigilos*. São Paulo: Annablume, ECA-USP, 1996.
- CHABON, Michael. *As incríveis aventuras de Kavalier Clay*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CIRNE, Moacy. *A Explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes: 2001.
- CIRNE, Moacy (org.), AIZEN, Naumim, D'ASSUNÇÃO, Otacílio, MOYA, Álvaro. *Literatura em Quadrinhos no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Sabin e Editora Nova Fronteira. 2003.
- CLARK, Ian, CLARK, Laurel. *Comics: uma história ilustrada da B.D.* Portugal: Grupo Distri Cultural, 1991.
- COMA, Javier. *Del gato Felix al gato Fritz; historia de los comics*. Espanha: Gustavo Gile, 1979.
- COMA, Javier. *Historia de Los Comics*. Espanha: Toutain Editor, s. d.
- COMA, Javier. *Los Comics, un arte del siglo XX*. Espanha: Guadarrama, 1978.
- DORFMAN, Ariel, MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. São Paulo: Ofício das Artes.

- DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Portugal: Publicações Dom Quixote: 1982.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- EISNER, Will. *Shop Talk, comics legend Will Eisner interviews industry pioneers*. EUA: Dark Horse Comics, 2001.
- FEIJÓ, Mário. *Quadrinhos em ação: um século de história*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado de. *Comunicação e Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992.
- GAUMER, Patrick, MOLITERNI, Claude. *Dictionnaire de La Bande Dessinée*. França: Larousse-Bordas, 1997.
- GUEDES, Roberto. *Quando Nascem os Super-Heróis*. São Paulo: Ophera Graphica Editora, 2004.
- HARVEY, Robert C. *The Art of Comic Books: an aesthetic history*. Jackson, Miss. : University Press, 1996.
- HORN, Maurice (org.). *The World Encyclopedia of Comics*. Estados Unidos: Chelsea House Publishers, 1976.
- IANNONE, Leila Rentroia, IANNONE, Roberto Antônio. *O Mundo das Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: Edusc. 2001.
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Portugal: Edições 70: 1999.
- LEE, Stan. *The Incredible Hulk by San Lee*. Fireside Edition, Simon and Chuster. Nova York. 1978.
- LISTER, Martin (org). *La imagem fotográfica em la cultura digital*. Barcelona: Paidós, 1997.
- LUCCHETTI, Marco Aurelio. *A Ficção Científica nos Quadrinhos*. São Paulo: GRD, 1991.

- LUYTEN, Sonia Bibe. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, 144), 1985.
- LUYTEN, Sonia Bibe. (org.). *Cultura Pop Japonesa: Mangá e Animê*. São Paulo: Editora Hedra, 2005.
- MAGNUSSEN, Anne & CHRISTIANSEN, Hans-Christian (org.). *Comics & Culture - Analytical and theoretical approaches to comics*. Dinamarca: Museum Tusculanum Press & University of Copenhagen, 2000.
- MARNY, Jacques. *Sociologia das histórias aos quadrinhos*. Portugal: Livraria Civilização, 1970.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo : Makron Books, 1995.
- MOIX, Terence. *O Dia em que Marilyn Morreu*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.
- MOLITERNI, Claude (organização). *Historie Mondiale de la Bande Dessinée*. França: Pierre Horay Editeur, 1989.
- MOYA, Álvaro de. *História da História em Quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- MOYA, Álvaro de. *Shazam!*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOYA, Álvaro de. *Vapt-Vupt*. São Paulo: Clemente e Gramani Editora, 2003.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- QUEIROZ FILHO, José Pinto de. *Quadrinhos - portal de encantamento*. Salvador: 1993.
- SABIN, Roger. *Comics, Comix and Graphic Novels: a history of comic art*. London: Phaidon Press, 1996.
- SADOUL, Jacques. *93 ans de B-D*. Paris: Editions J'ai lu, 1989.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *Para reler os quadrinhos Disney: Linguagem, técnica, evolução e análise de HQs*. São Paulo: Edições Paulinas, 2002.
- SASSIENIE, Paul. *The Comic Book: the one essential guide for comic book fans everywhere*. EUA: Chartwell Books, 1994.

- SENRA, Stella. *O Último Jornalista - imagens do cinema*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- SILVA, Diamantino da. *Quadrinhos para Quadrados*. Porto Alegre: Bels, 1976.
- THOMPSON, Don, LUPOFF, Dick. *The Comic-Book Book*. EUA: Krause Publications, 1998. 368p.
- WITEK, Joseph. *Comic Book as History*. EUA: University Press of Mississippi, 1989.
- WRIGHT, Bradford W. *Comic Book Nation - The Transformation of Youth Culture in America*. EUA: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- WRIGHT, Nick. *The Classic Era of American Comics*. EUA: Contemporary Books, 2000.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Histórias em Quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa*. São Paulo: ECA-USP (dissertação de mestrado), 1985.
- XAVIER, Ismail (org.). *O Cinema no Século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

Revista de Cultura Vozes, 4: O mundo dos super-heróis. Petrópolis: Vozes, 2ª ed., março de 1972.

Revista Problemas Brasileiros, 357. São Paulo, maio/junho de 2003.

Revista Abigraf. Associação Brasileira da Indústria Gráfica, março/abril de 1991.

Entrevista com Adolfo Aizen, in *Jornal O Pasquim* 142, Rio de Janeiro, edição de 21 a 27 de março de 1972.

"O Rei dos Quadrinhos", de Sérgio Augusto, in *Jornal Pasquim* 21, n.º 38. Rio de Janeiro, 05/11/2002.

ENTREVISTADOS

Álvaro de Moya, Eugênio Colonnese, Antonio Rodrigues, Antonio José da Silva, Fernando Albagli, Franco de Rosa, Gazy Andraus, Gonçalo Junior, Moacy Cirne, Naumim Aizen, Osni Winkelmann, Otacílio D'assunção, Roberto Guedes, Rogério de Campos, Sérgio Augusto, Sidney Gusman, Sonia Bibe Luyten, Waldomiro Vergueiro.